



**Marcel Souto Maior**

# **Se é para brincar eu também gosto**

Um perfil biográfico de Sonia Lins



Sonia Lewis



## Se é para brincar eu também gosto

Um perfil biográfico de Sonia Lins



Marcel Souto Maior

# Se é para brincar eu também gosto

Um perfil biográfico de Sonia Lins

CASA DA  PALAVRA

Copyright©2006 desta edição, Casa da Palavra

Copyright © 2006 Marcel Souto Maior | Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610, de 19.02.1988.

É proibida a reprodução total ou parcial sem a expressa anuência da editora.

### Coordenação editorial

*Martha Ribas | Casa da Palavra*

Fotos: acervo pessoal, exceto fotos p. 240, Bel Pedrosa

### Colaboração (pesquisa e texto)

*Anabela Paiva*

DVD

Edição: Jorge Mansur

Autoração: Casablanca tv

### Preparação de originais

*Malu Resende*

### Revisão

*Raquel Grilo*

### Projeto gráfico e capa

*Mariana Newlands*

### Pré-impressão

*ô de casa*

### Produção editorial

*Natalie Araújo Lima*

### Produção gráfica

*Isabel Valle*

---

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE. SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ.

M192s

Souto Maior, Marcel, 1966-

Se é para brincar eu também gosto : um perfil biográfico de Sonia Lins / Marcel Souto Maior. - Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2006

ISBN 85-7734-005-8

1. Lins, Sonia, 1919-2003. 2. Artistas - Brasil - Biografia. 3. Arte moderna - Século XX - Brasil. I. Título.

06-1835.

CDD 927.0981

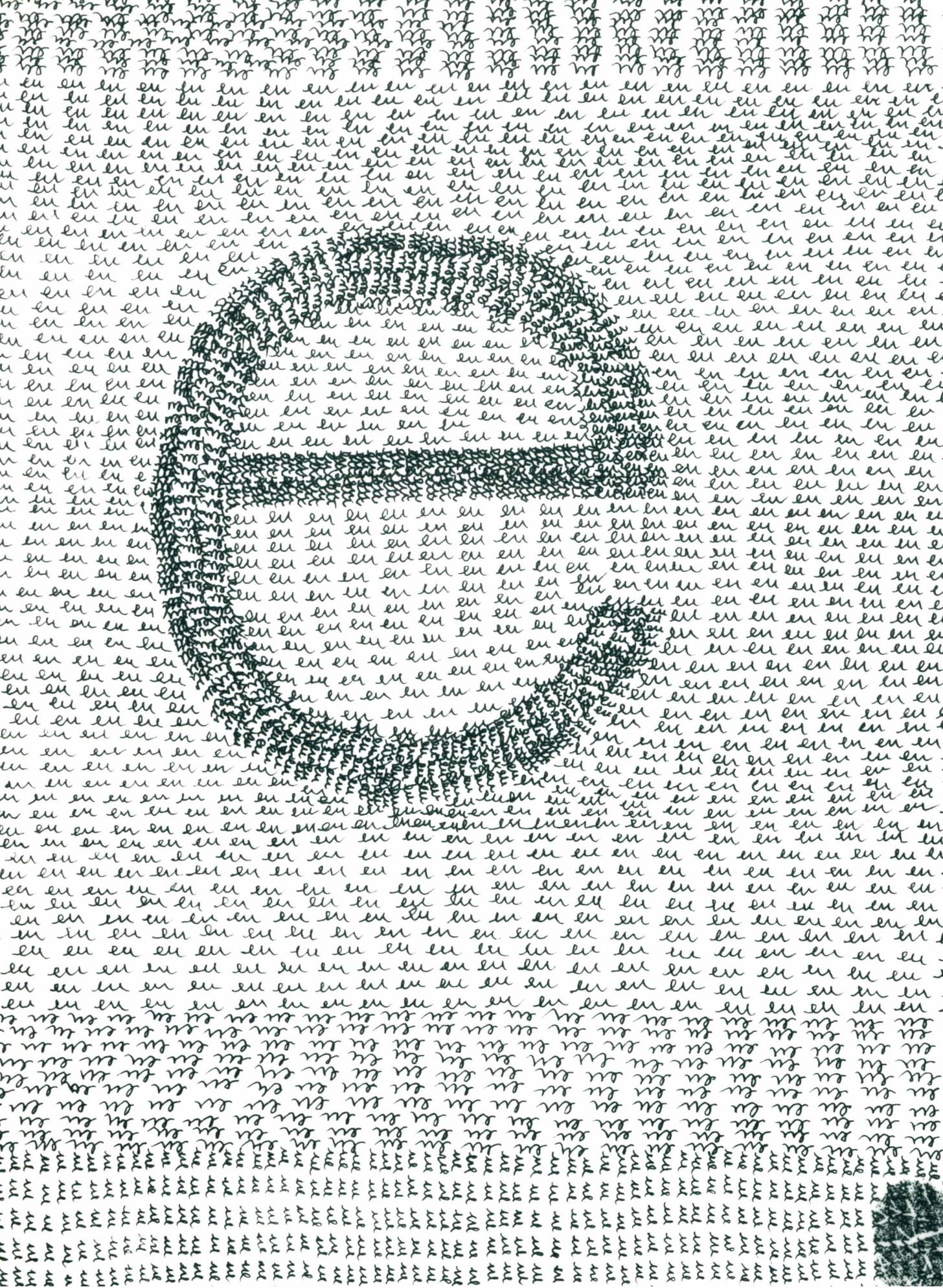
CDU 929:7.036(81)

23.05.06 23.05.06

014596

---

Todos os direitos reservados à  
CASA DA PALAVRA PRODUÇÃO EDITORIAL  
Rua Joaquim Silva, 98, 4º andar, Rio de Janeiro, RJ, 20241-110  
21. 2222-3167 21. 2224-7461  
www.casadapalavra.com.br



# Sumário



Breve introdução, 13

Começo de conversa, 23

Personagens da infância, 69

Hora de sair de casa, 83

Separação, 91

Um recomeço, 95

Levantando âncoras, 107

Baticuns, 113

Navegar é preciso, 127

Sonia a bordo, 139

O livro da árvore, 159

Os netos, 167

A morte de Lygia, 173

Almanaque, 179

Paulo despede-se de Paris, 187

Novos tempos, 191

A morte de Kiko, 197

Artes, 203

Superando os lutos, 217

Explosão criativa, 221

Zumbigos, 239

Brasil passado a sujo, 249

Despedida, 257

Sonia Lins por ela mesma, 265

Depoimentos de amigos, 276

Posfácio – Sonia sem circunflexo, 279





# Depoimentos

“Sonia Lins é, por natureza, surrealista. Abomina o trivial, ama o insólito. Tem raro poder de transfiguração dos seres e das coisas.” *(Mário da Silva Brito)*

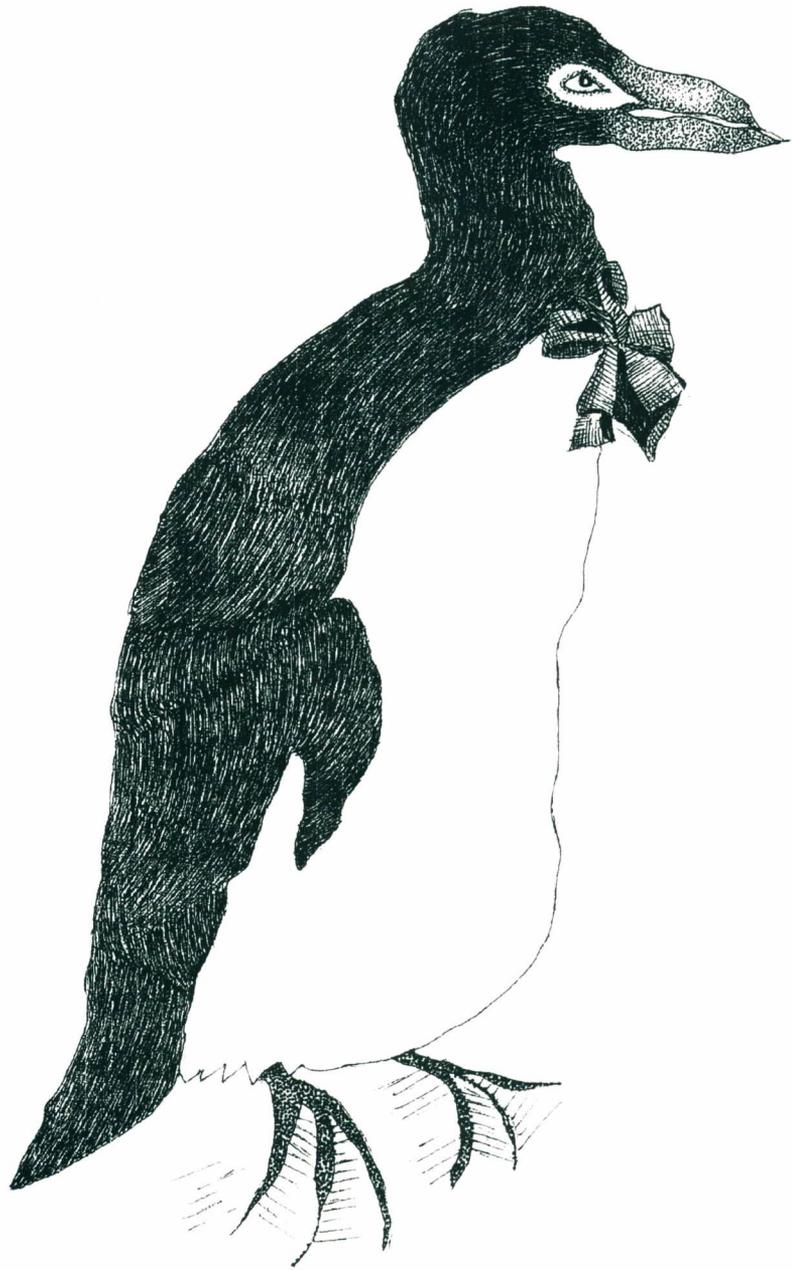
“Sonia Lins é uma espécie de Gertrude Stein a la Minas Gerais por sua autonomia excêntrica e barroca, suas construções acrobáticas com as palavras.” *(Luciano Figueiredo)*

“Brincando com a demoníaca sedução das palavras, quebrando-as e iluminando o espaço entre elas, lembrando-nos o que já sabemos, Sonia Lins nos incita à coragem de voltar os olhos para as nossas tramas e a refazê-las com ironia e audácia.” *(Cláudia Fares)*

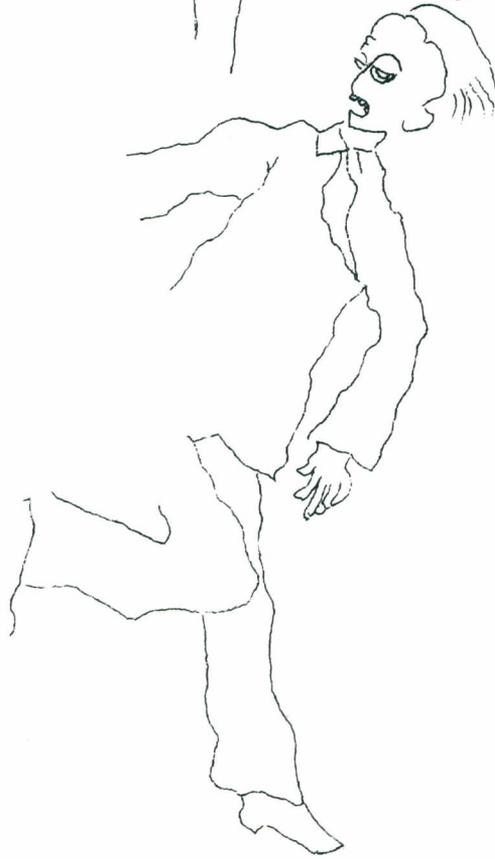
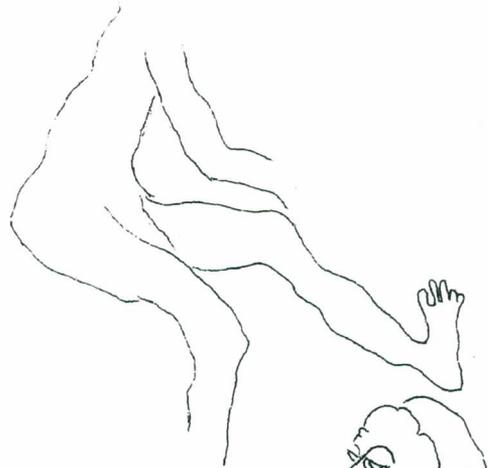
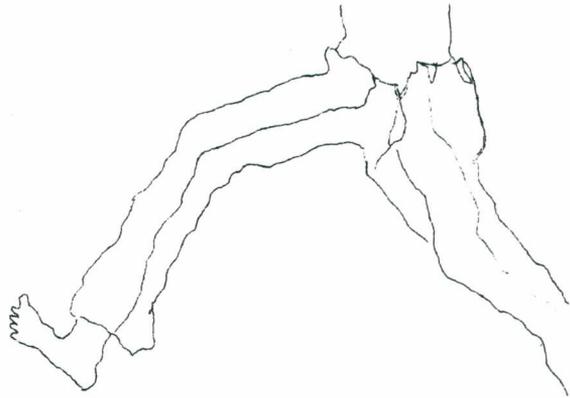
“Faber, o que faz, sapiens, o que sabe, ludens, o que, em sabendo como fazer, e fazendo como sabe, se diverte paca com o entrosamento dos dois: o ser humano lúdico. Daí Sonia Ludens. Que chegou para o que chamam de arte com experiência existencial plena, clara, satisfeita.” *(Millôr Fernandes)*

“Sonia Lins vem construindo um universo próprio, inconfundível. Num estilo insolente, sua obra nos introduz, de desafio em desafio, no uso e domínio da palavra.” *(Maria José de Queiroz)*

“Sonia entra na história não como espectador, mas como participante, recriando sua infância através de seus dons literários, de sua excepcional imaginação lingüística e sintática [...]” *(Guy Brett)*







## Breve introdução

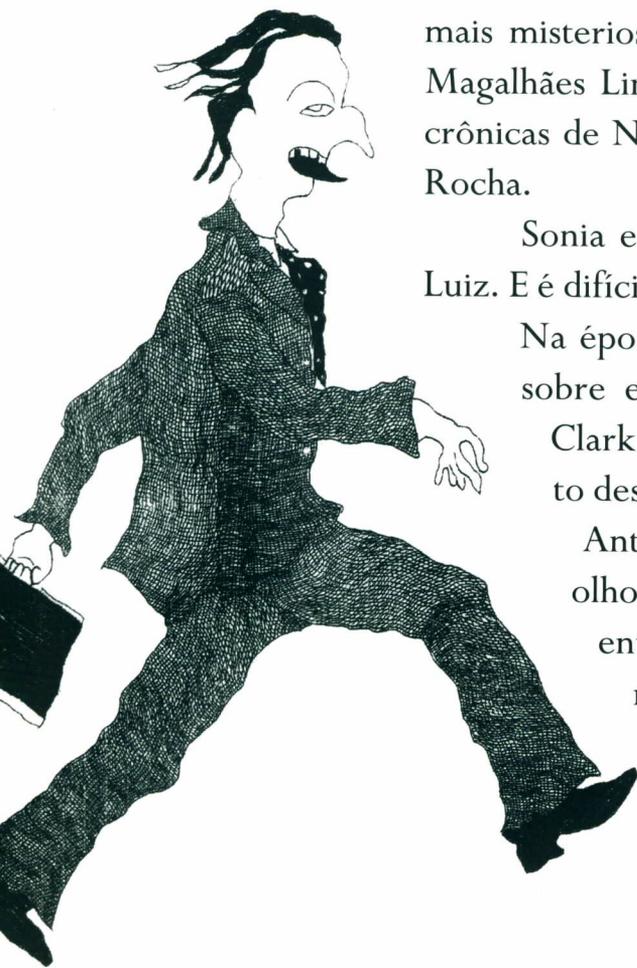
CONHECI SONIA LINS EM NOVEMBRO DE 2000. Dia de sol no Rio de Janeiro, praia lotada no meio da semana. Sonia recebeu-me impecável, vestida de preto, com seu cabelo chanel e os olhos brilhantes de quem acaba de ter uma grande idéia.

Fui entrevistá-la para um livro sobre seu primo mais misterioso e intrigante, o ex-banqueiro José Luiz de Magalhães Lins, mecenas do Cinema Novo, incensado em crônicas de Nelson Rodrigues e em entrevistas de Glauber Rocha.

Sonia era uma das pessoas mais admiradas por José Luiz. E é difícil merecer a admiração dele.

Na época, eu tinha apenas duas informações básicas sobre ela: Sonia era irmã da artista plástica Lygia Clark e autora de um livro tão impressionante quanto desconhecido, intitulado *Baticum*.

Antes do encontro só tive tempo de passar os olhos sobre alguns capítulos. Foi o suficiente para entender que eu iria conversar com uma escritora capaz de transformar lembranças da infância em textos memoráveis. Uma especialista na arte de desmontar palavras e construir parágrafos líricos e irreverentes ao mesmo tempo – uma combinação rara e arriscada.



*Tínhamos medo da mãe, brava durante o dia e sonâmbula à noite. Quando todos dormiam, vomitava palavras com olhos querendo saltar-lhe da cara. Durante o dia era linda com seus cabelos em preto coque. Havia hora em que nada dizia. Sentava-se ao piano e com dedos maus batia em teclas para depois acariciá-las, dedos já mansos sobre notas deslizando. Mãos se levantavam e produziam som calcando pretos bemóis e sustentidos, o rosto retesado como num parto, música espremendo da caixa preta. [Baticum]*

Em quase duas horas de conversa, descobri muito mais sobre Sonia Lins. Ela morava em Paris, para onde se mudara em 1991, e aquele belo apartamento onde estávamos de frente para o mar, em Ipanema, pertencia a seu filho, Sérgio. Sua estada no Rio de Janeiro devia-se a uma série de compromissos artísticos.

Com aquele brilho nos olhos, Sonia estava às voltas com uma explosão criativa. Uma de suas crias ela me entregou no nosso encontro, ainda recém-saída do forno. Um belíssimo livro, com primorosa impressão da *Guilhaume imprimeur* e um belo título: *És tudo*. O subtítulo informava: “Quebrei a palavra... deixei a letrinteira”.

Enquanto escrevo, folheio o presente de Sonia e reencontro a autora fragmentada nas páginas preenchidas por frases curtas, certeiras e reveladoras. Cada texto é uma fresta por onde vislumbramos vultos e flagrantes de suas muitas personalidades.

A Sonia que brinca com as palavras:

*Para que o pára-quedas*

*Pare de parar a queda*

*A queda pára o pára-quedas*

*A Sonia que faz a palavra rolar:*

*Engolindo o H do chiclete*

*Ciclete fica rodando na boca*

*A Sonia que não deve nada a ninguém:*

*Meu nome é nomenclatura*

*Ninguém me apura*

*Ninguém me atura*

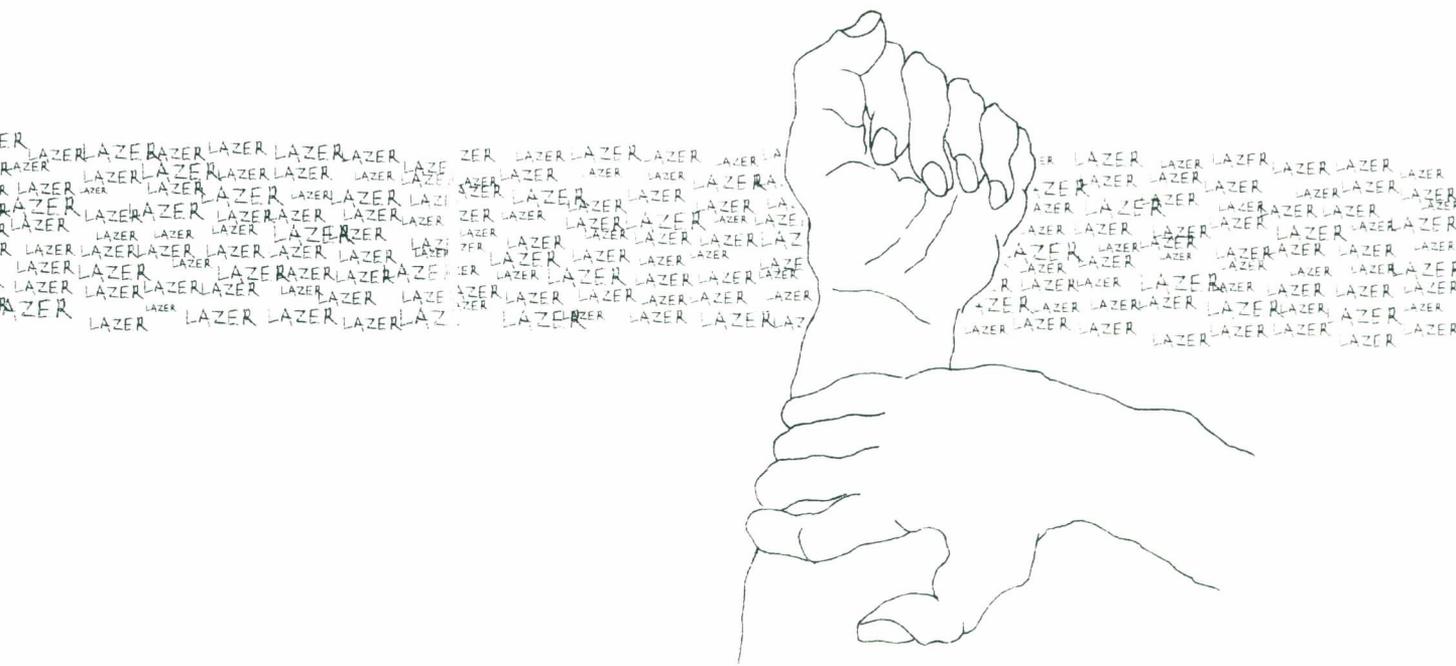
*Ninguém me segura*

Nossa conversa foi pontuada por lembranças do pai Jair Lins – “o pai que baixo assobiava e que na mesa mastigava com maxilares de cavalo”, como ela o define em *Baticum* – e do avô paterno Edmundo, o “avô baixo e gordo”, segundo definição do livro.

Jair e Edmundo – era fácil perceber – foram os homens da vida de Sonia, as grandes influências da menina que conti-nuava viva dentro dela.

Jair era o pai que repetia “sai da frente”, “sai da frente” para espantar os quatro filhos quando chegava em casa, depois do trabalho, e era também o homem capaz de criar galos de briga para rinhas e de cultivar orquídeas no sítio perto de Belo Horizonte com a mesma convicção.

*O pai que baixo assobiava e que na mesa mastigava com maxilares de cavalo tinha feito uma rinha onde treinava galos seus para irem depois brigar na cidade. [...] A briga teria que durar até que 1 morresse, pois o verdadeiro galo de briga não canta de galinha pedindo arrego. [Baticum]*



O avô Edmundo, então ilustre presidente do Supremo Tribunal Federal, costumava passar férias na casa do filho e era quem botava discos para tocar na vitrola, na maior altura, para dançar e pular com os netos.

Um de seus hábitos era mergulhar na banheira fumegante, abastecida com 250 gramas de bicarbonato de sódio e, com o rosário na mão, recitar em voz alta, para surpresa de todos, estrofes inteiras da “Divina Comédia”, poemas de Camões ou textos de Ovídio. Para cada conta, um verso, até o fim, até os dedos ficarem murchos.

*60 dias brincávamos com o avô, que às 5 da manhã fazia a barba e se deitava na banheira de água quente e bicarbonato, recitando, em rosário de barbante, versos dos Lusíadas até ficar limpo. Ao levantar-nos, já estava ele à mesa da copa sentado, segurando*

*a colher com dedos murchos, tomando a aveia do mingau feito pela avó. [...] Íamos para o quarto dele, onde na cama se estirava, o braço esquerdo dobrado segurando-lhe a cabeça. Montávamos em suas costas transformando-o em leitoa, cujos peitos tivessem nascido no lombo, com leitões presos neles. [Baticum]*

Em nossa conversa, Sonia me contou detalhes da convivência, décadas atrás, com esse avô e esse pai. Minúcias que gravei e anotei num bloco hoje amarrotado.

– Oitenta anos – ela me disse em determinado trecho da conversa e eu não entendi direito o sentido daquele número.

– Oitenta anos? O que tem 80 anos?

– Eu tenho 80 anos.

Foi um choque ver aquela jovem em plena ebulição, no auge de seu poder criativo, anunciar uma idade daquelas.

– Oitenta anos tenho eu – tive vontade de dizer.

Sonia era uma criança, quase adolescente, enquanto falava sobre a exposição concebida por ela para o Museu Nacional de Belas Artes, *Se é para brincar eu também gosto*. Usava gestos contidos e palavras exuberantes para descrever obras como o guarda-chuva em forma de morcego e os seios dos quais jorraria leite. A mostra estava em fase final de montagem e ela já se preocupava com seu próximo objeto de estudo: o umbigo, tema da exposição seguinte, *Zumbigos* (2002).

Eram muitos os projetos e seriam muitas as realizações dos anos seguintes (tão escassos): livros, mostras, vídeos, textos, instalações.

Havia muito a fazer e havia também, dentro de Sonia, uma ameaça velada, um inimigo ainda oculto: o câncer. Um mal que ela iria enfrentar até o fim, com a coragem de sempre e aquele brilho quase ofuscante nos olhos.

Enquanto travava sua luta diária contra a doença – nunca lamentada e comentada com reserva apenas com a família e os amigos mais íntimos – Sonia escreveu frases afiadas para seu último livro: *O livro da dessabedoria* (2003).

É deste livro que pinço agora as últimas frases desta introdução, um pedido de licença e de desculpas também a Sonia pela ousadia de tentar retratá-la – logo ela, memoria-lista insuperável – numa biografia póstuma.

Chega a ser cara-de-pau, eu sei, mas o risco vale a pena.

Com a palavra, Sonia Lins:

*Todos nós*

*Gostaríamos de ter*

*Algumas páginas*

*De nossas biografias*

*Arrancadas –*

*A minha já foi depenada*

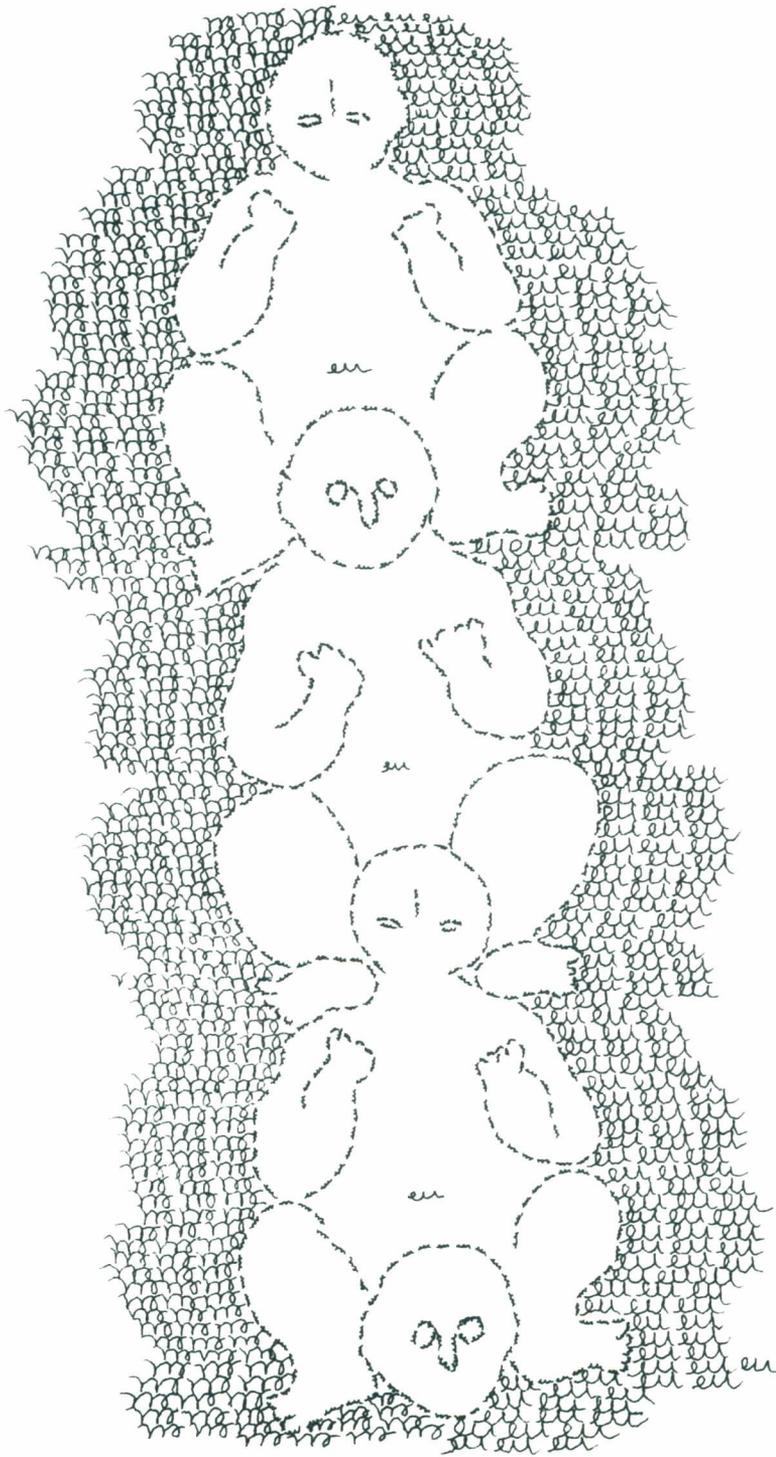
Está! chegando a  
hora de eu morrer  
e já' estou com saú-  
dade de mim

*“A casa era amor. Era como se fosse uma bala que rolava na boca e eu saboreava de todos os lados.”*  
Sonia Lins em entrevista a Marília Andrade.



*Sonia (quarta a partir da esquerda,  
10º aniversário, com o avô e primos, 1929)*





## Começo de conversa

O ADVOGADO PARAIBANO EPITÁCIO PESSOA era o presidente do Brasil e o anarquismo varria o país com suas bandeiras libertárias importadas da Europa: a sociedade deveria organizar-se livre de autoridades impostas, sem submeter-se à tutela da Igreja e do Estado.

Em pleno pós-guerra, tempos de revisão e reconstrução, nascia na pacata Belo Horizonte, no dia 11 de abril de 1919, ao meio-dia, a segunda filha de Jair e Ruth.

Morena como a mãe, Sonia Lins desembarcou no planeta logo depois de Beatriz, “olhos azuis do pai”, pouco antes de Lygia, “miúdo escorpião de Outubro”, e do “sempre esperado” Francisco, o Chicão.

Jair era advogado de um escritório em ascensão, filho do então recém-empossado ministro do Supremo Tribunal Federal, Edmundo Lins. Ruth era dona-de-casa, filha do advogado e professor de direito Francisco Mendes Pimentel.

Famílias tradicionais, católicas, bem-nascidas e bem-criadas. E lá veio Sonia Lins, pelas mãos da parteira Deolinda, sem saber em que mundo estava se metendo.

Sonia cresceria num cenário dividido entre Tradição, Família e Propriedade – pilares da sociedade da época – e a revolução de valores, conceitos e costumes de um planeta em ebulição.

Na Índia, Mahatma Gandhi empunhava a bandeira da não-violência contra o domínio inglês. Na Europa, Picasso espantava e arrebatava público e crítica com seus rostos e corpos distorcidos e expressões fragmentadas e a estilista Coco Chanel criava uma nova embalagem para a “mulher moderna”, livre e independente, que despontava num mundo machista.

Aos três anos, Sonia dava os primeiros passos junto com o Modernismo brasileiro, lançado pela Semana de Arte de 1922, em São Paulo, seguida de perto pela irmã Lygia Clark, um ano mais nova. As duas se tornariam companheiras inseparáveis na infância e construiriam juntas, na casa regida por silêncios, suspiros de mãe e assovios de pai, bolhas de liberdade onde poderiam brincar à vontade.

*Lygia crescia tentando alcançar Sonia e parecidas gostavam de enganar vizinhos sempre querendo saber quem era Lygia e quem se chamava Sonia; respondiam trocado, Lygia querendo ser Sonia, Sonia querendo ser Lygia. [Artes]*

As artistas nasceram ali na casa da infância, na convivência diária com o “pai dos maxilares de cavalo que baixo assobiava” e a “mãe do braço grosso”.

A casa de dois andares em Belo Horizonte, na rua Pernambuco, bairro dos Funcionários, com a fachada co-berta de hera, quintal repleto de mangas, lichias e jabuticabas, parecia um berço de ouro para se nascer. Mas não era. Trabalho e economia eram palavras-chave ali. Valores herdados por Jair do pai, Edmundo Lins.

A saga do velho Edmundo era contada e recontada aos dez filhos (quatro do primeiro casamento, entre eles Jair, e seis do segundo) como um exemplo de obstinação e coragem.

Órfão de pai aos quatro anos, Edmundo perdeu a mãe aos 13 e conheceu como ele mesmo dizia a “mais negra miséria”. Aos seis anos, já trabalhava como aprendiz de ourives e como ferreiro, antes de se tornar caixeiro de um armazém de secos e molhados no interior de Minas.

Na Índia, Mahatma Gandhi empunhava a bandeira da não-violência contra o domínio inglês. Na Europa, Picasso espantava e arrebatava público e crítica com seus rostos e corpos distorcidos e expressões fragmentadas e a estilista Coco Chanel criava uma nova embalagem para a “mulher moderna”, livre e independente, que despontava num mundo machista.

Aos três anos, Sonia dava os primeiros passos junto com o Modernismo brasileiro, lançado pela Semana de Arte de 1922, em São Paulo, seguida de perto pela irmã Lygia Clark, um ano mais nova. As duas se tornariam companheiras inseparáveis na infância e construiriam juntas, na casa regida por silêncios, suspiros de mãe e assovios de pai, bolhas de liberdade onde poderiam brincar à vontade.

*Lygia crescia tentando alcançar Sonia e parecidas gostavam de enganar vizinhos sempre querendo saber quem era Lygia e quem se chamava Sonia; respondiam trocado, Lygia querendo ser Sonia, Sonia querendo ser Lygia. [Artes]*

As artistas nasceram ali na casa da infância, na convivência diária com o “pai dos maxilares de cavalo que baixo assobiava” e a “mãe do braço grosso”.

A casa de dois andares em Belo Horizonte, na rua Pernambuco, bairro dos Funcionários, com a fachada co-berta de hera, quintal repleto de mangas, lichias e jabuticabas, parecia um berço de ouro para se nascer. Mas não era. Trabalho e economia eram palavras-chave ali. Valores herdados por Jair do pai, Edmundo Lins.

A saga do velho Edmundo era contada e recontada aos dez filhos (quatro do primeiro casamento, entre eles Jair, e seis do segundo) como um exemplo de obstinação e coragem.

Órfão de pai aos quatro anos, Edmundo perdeu a mãe aos 13 e conheceu como ele mesmo dizia a “mais negra miséria”. Aos seis anos, já trabalhava como aprendiz de ourives e como ferreiro, antes de se tornar caixeiro de um armazém de secos e molhados no interior de Minas.

Enquanto vendia de tudo um pouco – sem receber um tostão de salário – Edmundo estudava latim com o vigário da freguesia. Progrediu rápido. Em pouco tempo, o latim tornou-se sua segunda língua, a chave que abriu as portas do Colégio de Lazaristas, onde passou a dar aulas em troca de uma bolsa de estudos.

Com a bênção do vigário, o aluno começou a preparar-se para o sacerdócio. Mas a fé não foi suficiente. Sem vocação para comungar todo santo dia, Edmundo Lins abandonou o sacerdócio e mudou-se para São Paulo, onde vestiu a toga de mestre.

Como professor de latim e “mathematicas elementares” (assim mesmo, com “th” e no plural), o jovem, quase menino, sobreviveu com o mínimo possível até se formar em Direito e ser nomeado promotor em Jundiaí, interior de São Paulo. O salário miserável era consumido pelo pagamento do hotel.

Com o tempo, Edmundo foi nomeado juiz e transferido para a capital mineira. Em 1903, o ex-aprendiz de ourives tornou-se desembargador e, em 1917, chegou ao auge: Ministro do Supremo Tribunal Federal, onde ocuparia a presidência de 1931 a 1937.

Edmundo Lins orgulhava-se de ter dado estudo e dentista a todos os filhos com seu salário minguado de funcionário público. E agradecia a Deus a sorte de ter-se casado com “uma santa” – Maria Leonor Monteiro de Barros, filha de ex-governador de Alagoas – depois de enviuvar da primeira mulher, Maria Brasilina, morta no parto da filha batizada com seu nome.

Maria Leonor, a segunda mulher, deu a Edmundo os outros seis filhos e tempo de sobra para ele se dedicar à rotina extenuante no tribunal, onde bateu recordes de desempenho desde o início. Só nos cinco primeiros meses de atuação como ministro, Edmundo analisou mais de seiscentos processos.

Este era o eminente Edmundo Lins, o fiel servidor da Lei e da Ordem. Mas era o outro, o anarquista, que fazia a alegria de Sonia.



*Sonia Lins, aos três anos, 1921.*



*Edmundo Lins, Maria Leonor e os dez filhos: Jair é o primeiro à esquerda, de terno escuro*

*O avô gostava de música e de jogar lança-perfume nas pernas da avó. Sentado em poltrona na sala de espera, ligava a vitrola e, marcando o compasso, mandava netos dançarem, ensaiando cantar. À noite, estalando vinte e oito degraus de madeira que o levava ao nosso quarto, chegava para contar estórias.*

*Subíamos em cima dele para escutá-las, misturadas às frases em latim saídas de boca dessalivada, cheia de dentes fortes e amarelos, escovados após cada refeição.*

*Contava de incestos, cisnes engravidando mulheres, água que Tântalo não bebia, cavalos aéreos despressurizados, homens se transformando em porcos por haverem dormido com sereias; estórias contadas com o dedo em riste, o que nos fazia acreditar em sua veracidade.*

*Dormíamos e sonhávamos estar o cavalo de Tróia roncando e galopando dentro de nossas barrigas. [Artes]*

Edmundo Lins, o juiz, virava criança ao lado dos netos nas férias de todo início do ano, quando saía do Rio de Janeiro para, segundo Sonia, “dessuprematizar” em Belo Horizonte, livre das togas e dos excelentíssimos e meritíssimos do Supremo Tribunal Federal.

Na bagagem, carregava sempre seus livros de estimação: o missal, a *Eneida*, *Os Lusíadas*, as *Fábulas de La Fontaine*. A mala era arrumada com um mês de antecedência pela mulher e revolvida quantas vezes fossem necessárias, sempre que ele cismava ter esquecido algo.

Um dos objetos obrigatórios era o quadro com a imagem de Nossa Senhora da Conceição. Vista de lado, a imagem transformava-se em Coração de Jesus e – à direita – ganhava as formas de São José.

Jair recebia um telegrama com o dia e o horário da chegada do pai e Ruth tomava o cuidado de manter a data em segredo em casa para reduzir a ansiedade e manter a disciplina dos filhos, sempre quebrada pela estada do “avô baixo e gordo”.

Quando Edmundo desembarcava em Belo Horizonte, o mesmo ritual repetia-se. Jair e Ruth iam esperar Edmundo e a avó “Lolô” na Estação Central e deixa-

vam as crianças em casa. A ordem era que todas elas ficassem no jardim, atrás do portão, à espera dos recém-chegados. Uma exigência sempre desrespeitada.

Bastava o carro surgir na esquina para Sonia e os irmãos lançarem-se à rua para beijar a mão que trazia presentes e para abraçar o homem de chapéu panamá, bengala no braço, “borbulhante de sorrisos”.

Depois da festa de chegada, Edmundo e Lolô ocupavam um dos quartos da casa do filho, cuidadosamente encerado para abrigá-los durante sessenta dias. O quadro com a imagem de Nossa Senhora da Conceição era pendurado num dos pregos da parede e ficava ali exposto à curiosidade de Sonia e Lygia.

Nossa Senhora, Jesus, São José – as imagens sucediam-se de acordo com o ponto de vista. Uma questão polêmica mobilizava as irmãs: com qual deles Nossa Senhora se casou? Quem era o mais bonito? Jesus ou São José?

Nessas longas temporadas de Edmundo em Minas, gargalhadas ecoavam em todo canto e abafavam os suspiros de Ruth e os assovios de Jair.

O “avô baixo e gordo” era mestre em atizar a imaginação já fértil das crianças. Uma das histórias contadas por ele era que, desde que foi nomeado ministro do Supremo, já não precisava mais usar privadas. Os ministros, ele dizia, eram seres privilegiados como anjos, que se submetiam a operações para se livrarem de suas necessidades humanas. Só assim poderiam julgar os outros.

Os netos duvidavam de tanta santidade...

*Não acreditaram os netos, e insistia o avô e era observado quando no banheiro entrava. Netos batiam à porta, perguntando o que lá dentro fazia. Gargalhando, respondia avô estar lavando as mãos. Retrucavam netos gritando ser o barulho diferente, ninguém se fechava no banheiro só para as mãos lavar e, a tal ponto levou-os à dúvida, que ao pai foram perguntar se dizia o avô a verdade.*

*– É mentira – respondeu o pai e, com maxilares de cavalo, explicava estar o avô brincando.*



*Edmundo Lins e seus netos. Sonia é a segunda, da direita para a esquerda*

*Netos ficaram atentos. Quando se retirou o avô dizendo ir as mãos lavar, fingiram netos acreditar e correndo subiram as escadas que levavam ao banheiro do segundo andar. Abriram a janela de cima, de onde se avistava o banheiro de baixo, e gritaram, riram e palmas bateram ao pegá-lo de braguilha aberta, de pé, sem poder interromper o que já começara, podendo apenas sacudir a barriga dentro das calças com gargalhadas enormes.* [Baticum]

Todas as manhãs, depois do café, ainda vestido com seu pijama de listras, Edmundo ia para o jardim com as crianças e, enquanto caminhava entre os canteiros, acionava um aparelho de amolar gilete, apresentado por ele como “máquina de fazer dinheiro”.

Rodando a manivela, ele deixava cair uma moeda sob os dedos... e pronto.

*Formávamos 1 enxame em torno dele, disputando-a. Quando nos distraíamos, outra moeda deixava escapar rolando no chão. Amontoávamo-nos sobre seus pés para pegá-las e parecia o avô imagem pisando sobre cabeças que gritavam.* [Baticum]

No carnaval, o “avô baixo e gordo” aposentava de vez a toga de juiz e jogava longe qualquer vestígio de sisudez. Era ele quem liderava o curso pelas ruas de Belo Horizonte, com netos fantasiados, transformados em satanás vermelhos de cetim ou em canários cobertos de penas de organdi amarelo.

*Comprava o avô rolo de serpentina de todas as cores e nos ensinava a jogá-las noutros carros. [...] O avô ria, ria, ria, com seus grandes dentes com alguma obturação de ouro no colo e, quando abria a boca, recebia mão cheia de confete dentro dela, cuspidando quase todos, mas alguns engolindo.* [Baticum]

Até mesmo tratamentos médicos nada agradáveis o “avô baixo e gordo” conseguia transformar em diversão para os netos. Uma das cenas protagonizadas por ele envolveu um médico, um baralho e um remédio muito popular na época: sanguessugas.

*Tirou as costas do paletó de pijama de sobre as costas do avô de risos borbulhantes e começou a enfeitá-la com pequenos animais pretos que a ela aderiam, enquanto o avô crispando o rosto mostrava dentes que cresciam como unhas. E de lado na cama deitado, ponta de dedo lambia e paciência começava a jogar. [...] Gemia o avô para nos fazer dó, e olhávamos para os bichos que tinha presos às costas, que cresciam e engordavam, sangue lhe sugando. Avô conosco brincava e lhe secava a mão, e tinha ele dificuldade em destacar as cartas do baralho que com outras cartas copulavam. [Baticum]*

Edmundo Lins só retomava sua sisudez habitual para receber as visitas inevitáveis em sua estada em Belo Horizonte. Nessas ocasiões, o Ministro fazia o possível para abreviar ao máximo tais interrupções na sua rotina de liberdade ao lado dos netos.

*Na sala, sentava-se em ponta de cadeira, demonstrando impaciência para que fossem embora. [...] Se preciso fosse, 1 livro pegava e, em latim, lia para visitas que logo se despediam.*

Livre dos visitantes, Edmundo contava e recontava a Sonia e a Lygia histórias de seu vasto repertório.

*Queria falar sobre os amores de Édipo e Jocasta, Ulisses e o cachorro, o calcanhar de Aquiles, de Circe e suas sereias e precisava de ouvidos nossos para escutá-los. Nós o abocanhávamos e sobre ele sentávamos. Sua voz, torneira aberta espedaçando lendas, ensinava palavras cujos significados não sabíamos: incesto, 2 irmãos que se amam sexualmente, do mesmo cesto, in-cesto. Era quando gritava a mãe estar na hora de dormir.*

O programa preferido do “avô baixo e gordo” em Belo Horizonte era visitar a Lagoa Santa, localizada a cerca de 40 quilômetros da capital mineira. Famosa pelas propriedades medicinais de suas águas e pelas grutas de seu entorno – como a bela Lapinha – a Lagoa Santa ganhou destaque no mapa da arqueologia internacional já no século XIX, quando o cientista dinamarquês Peter Lund coletou por lá mais de 12 mil fósseis.

Mas a avó Lolô era imune a essas atrações. Bastava Edmundo marcar a viagem para ela ser acometida por uma crise de fígado. Lolô trocava, com alegria, aventuras como estas por visitas às amigas. Edmundo suportava as desculpas da mulher até perder a paciência e chamá-la de “velha tuberculosa”. Dava certo.

*Esquecia-se a avó das irmãs e das amigas, abandonava entre os lençóis o romance que tinha nas mãos, o coque empurrava para dentro do chapéu, arrancava sua segunda pele que era o peignoir e ao olhar-se no espelho confundia-se com uma visita.*

33

Juntos todos entravam no automóvel e o avô baixo e gordo, chapéu na cabeça, seguia cantando velhas canções de carnaval, acompanhando o ritmo com o dedo indicador apontado para o céu. Quando chegavam à Lagoa Santa, alugavam um pequeno barco e iniciavam a travessia.

O avô seguia sentado numa das pontas, a avó na outra, os netos no meio.

*Enquanto o motor pipocava, ele contava casos de piranhas e jacarés e implicava com a avó, chamando-a de papuda. Sacudia a bengala no ar e frases dizia em latim, para a água, para o sol, para a terra.*

Do outro lado da Lagoa Santa, chegava o momento preferido da avó Lolô: a hora de comprar jacas. Uma dúzia, de preferência.

A travessia de volta era um espetáculo.

*A avó comprava uma dúzia pensando em reparti-las com as amigas e o barco não afundava com o peso das jacas porque depressa começava ela a comê-las, e o rosto enterrava dentro das frutas, comendo o amarelo de suas estalactites e estalagmites, a tal ponto que não se podia determinar onde começava o chapéu e acabava a jaca e, na certa, pedaços comia do próprio chapéu. [Baticum]*

A festa de Edmundo Lins acabava na volta para o Rio de Janeiro. O avô que se “dessuprematisou” ao lado dos netos agora deveria se “desavosar”. As despedidas na estação de trem marcaram Sonia Lins. O noturno mineiro partia sempre às 6h30.

*O avô se despedia dos netos, encostando sua cabeça na nossa, chamando-nos pelo apelido e partia para a estação. Às 5h30, começavam as pessoas a chegar para vê-lo embarcar e as mais íntimas levavam galinha com farofa, pernil de porco, roscas e queijos para que comessem no trem. O avô aceitava e agradecia, e a avó, com a boca cheia de água, a todos oferecia sua casa no Rio. [...]*

*Ao primeiro arranco da máquina, mais 1 pouco forçava o sorriso e abençoava a pequena multidão que acenava para ele e a avó, com as costas das mãos. Quando o trem apitando entrava na primeira curva da estrada, tirava o chapéu o baixo e gordo avô, já não mais borbulhante de sorrisos, jogava fora os embrulhos de comida que ganhara pela janela, sob os protestos da avó que tudo queria provar, e entrava no banheiro para as mãos lavar. Estava se desavosando antes de chegar ao Rio.*

Jair mirava-se no pai enquanto esmiuçava processos e vencias causas uma atrás da outra e surpreendia a família e os amigos com hábitos extravagantes para a época. Aliás, para qualquer época.

Em casa, ele era o patriarca. Sentava-se usualmente à cabeceira da mesa. Do lado direito, ficava a mulher, Ruth, quase sempre silenciosa. Nas outras cadeiras,

netos, filhos, agregados. Na mesa, no almoço e no jantar, o mesmo cardápio repetia-se: arroz, feijão mulatinho, couve, farofa, carne moída, angu, antecedidos por uma sopa com pão – os pratos preferidos de Jair.

Anos a fio, foi este o menu. Só mudava a sobremesa: doce de leite, doce de ovos nevados, delícias mineiras.

E que ninguém reclamasse e que as crianças ficassem em silêncio o maior tempo possível.

Jair queria paz – uma ambição quase impossível na casa lotada de meninos.

De repente, um filho cutucava o outro embaixo da mesa, o primo vindo do Rio provocava o outro com caretas, e crises de riso nervoso faziam o silêncio transformar-se em algazarra. Uma confusão que só terminava quando Jair erguia o punho o mais alto possível e deixava a mão desabar com força sobre o tampo da mesa.

Pratos e talheres quicavam enquanto o berro ecoava na sala:

– Sebo!!! Tá cacete!!! – estes eram os dois únicos palavrões vociferados na casa pelo severo Jair, olhos azuis fumegantes.

Era a senha para as crianças se calarem, d. Ruth soltar mais um de seus suspiros e o silêncio ser retomado até a próxima crise de risos provocada por cutucões e olhares enviesados.

E aí de quem ousasse deixar comida no prato! Jair, o filho de Edmundo, não perdoava:

– Sabe quantas pessoas no mundo dariam um braço pelo resto de comida que você está deixando no prato?

Ele falava sério: abominava desperdícios. Cada vez mais bem-sucedido como advogado, Jair usava o cofre gigantesco do escritório para trancafiar barras de pé-de-moleque preparadas pela mulher e mantê-las longe do alcance de filhos, netos e visitantes.

Pitu, uma das filhas do dr. Alexandre, médico e amigo da família, testemunhou o zelo de Jair com seus tabletes de amendoim caramelado, ao visitar a casa dos



*Jair Lins*

amigos do pai. Durante a visita, Ruth sugeriu que o marido oferecesse os doces aos recém-chegados. Relutante, ele levou os visitantes até o cofre-forte e retirou de lá, com expressão compungida, três exemplares de seu tesouro. Foi o suficiente para Pitu recusar a oferta.

Disciplina dura, controle de custos rigoroso. Jair não abria a mão. E não adiantava insistir. Ruth sofria, quase sempre em silêncio, com tanto rigor. Todo início de mês, ela recebia do marido o dinheiro contado para as despesas da casa. Nem sempre a conta fechava, mas Jair recusava-se a levar a mão ao bolso mais uma vez.

Num desses meses em que sobrava conta de armazém para pagar, as filhas deram uma idéia à mãe: vender um par de sandálias douradas vindas do Rio, ainda sem uso, com as solas sem um arranhão, encontrado no guarda-roupa.

A mãe consentiu, pediu sigilo sobre o motivo da venda – a desculpa era que as sandálias ficaram largas demais para ela – e as filhas foram parar na casa das irmãs da avó Lolô.

Sonia e Lygia enfiaram as sandálias em todos os pés da casa numa algazarra incontrolável.

*[...] antes que protestassem, arrancamo-lhes chinelas dos pés e sandálias das mãos e começamos a enfiá-las ora num pé, ora noutra, elogiando-as em alta voz enquanto baixo rezávamos para que as comprassem.*

Finalmente, a mais gorda de todas decidiu fazer a compra, mas impôs uma condição: elas deveriam revelar por que, de verdade, estavam vendendo as sandálias. Sonia contou tudo e foi surpreendida por uma traição: a compradora desistiu das sandálias, “apertadas demais”.

Em vez do dinheiro, as irmãs receberam de volta um sermão.

*...a nossa mãe, diziam, não podia estar apertada, nosso pai era rico e ninguém sabia onde é que gastava o seu dinheiro. Abaixamos a cabeça e olhamos para pés em chinelas, pensando em cortá-los para nos vingarmos.*

As sandálias douradas voltaram para casa e o jantar naquela noite foi mais silencioso do que nunca. Ninguém comeu, ninguém riu nem brigou.

*Havia só o barulho da sopa que o pai sugava da colher e do seu maxilar de cova no queixo mastigando pão, como cavalo que milho comesse.*

No dia seguinte, Sonia e Lygia desistiram de vender as sandálias, surrupiaram da gaveta da secretária do pai sua coleção de moedas de 400 réis, que ele enrolava em tubos de papel almaço, e foram à farmácia pedir que trocassem em notas.

Uma péssima idéia.

*À noite, com suas grandes passadas, entrou o pai, falando sozinho, para o banho tomar. Ia barbear-se e puxou uma das gavetas da secretária procurando a navalha e deu 1 grito que derrubou garrafas de poções coloridas na farmácia [...].*

*Enquanto a mãe corria fechando-se no banheiro, confessamos tê-las trocado por notas na farmácia, para que com elas pudesse o grosso braço da mãe a conta do armazém pagar. [Artes]*

Jair mandou a empregada resgatar as moedas de sua coleção na farmácia e foi para o quintal falar sozinho enquanto caminhava de um lado para o outro.

A noite foi marcada por silêncio e medo.

*1 sentimento de insegurança fazia-nos olhar debaixo de camas. [...] Luzes de toda a casa foram apagadas e passou a noite a entrar pelas grades de nossas janelas, escura e pesada como borra de café. [Artes]*

Jair contava tostões, sim, mas não abria mão de certos prazeres cotidianos. O mingau de aveia no café da manhã, o cigarro de palha logo depois, a taça de vinho francês no jantar. Tudo de acordo com uma mecânica própria e repetitiva.

*O café era servido depois de enrolado o cigarro de palha, e antes de acendê-lo, sugava a queventura do café engolindo-o de um gole só. [Artes]*

Lembranças que Sonia guardaria a vida inteira.

Com o tempo e o sucesso na profissão, Jair reservaria os fins de tarde para relaxar no sítio em Venda Nova, a dez quilômetros de Belo Horizonte. Sua primeira iniciativa, ao desembarcar no terreno ainda selvagem, foi mandar construir uma piscina de pedra, em forma de S, abastecida por água corrente. A obra incluía ainda um belo lago repleto de carpas.

Quando a piscina ficou pronta, Jair mandou toda a família pular dentro da água. Sonia, Lygia e Chicão – que nunca tinham feito uma aula de natação sequer – surpreenderam-se com a própria habilidade no nado “cachorrinho.” Já d. Ruth e a filha mais velha, Beatriz, permaneceram agarradas à borda da piscina, em pânico, para irritação de Jair.

Num desses mergulhos sofridos, uma cobra verde também apareceu para nadar junto.

As sessões de natação só foram interrompidas quando o administrador do sítio deu uma notícia “animadora” para Ruth e Beatriz: um jacaré tinha se mudado para a piscina nova.

*A piscina foi interditada, o que muito alegrou Beatriz e a mãe, e pai foi pôr munição na espingarda. Mas o jacaré ficou muito tempo escondido só aparecendo quando a tarde virava noite, mesmo assim fazendo questão de permanecer incógnito. O pai, com paciência*



*Chico*



*Lygia*

*e cigarro de palha na boca, ficou escondido como o jacaré, agachado com a espingarda dormindo no colo. Não mexia nem mesmo picado por mosquito e quando o jacaré incauto permitiu aos seus olhos brilharem fora d'água, bala ligeira foi se alojar entre eles. Com a cauda ainda protestando, jacaré morto foi descourado, sua carne branca temperada e posta na panela sobre fogão quente de lenha. O pai comeu, mastigando com maxilares fortes, mesmo achando ruim, a mãe não quis provar e quem acabou comendo tudo foi seu Sérgio e Sá Rita, com narinas dilatadas e barriga roncando na cozinha. [Artes]*

Mais tarde, Jair transformou o sítio em abrigo de uma colorida coleção de orquídeas – uma das mais variadas da América do Sul. D. Ruth ficava impressionada com as longas conversas entre o marido e as flores. Ele tratava de cada orquídea com um carinho e uma paciência quase inconcebíveis para alguém com seu temperamento, e falava com as flores em francês, sua língua de estimação.

41

Paris, a futura paixão de Sonia, era uma das paixões de Jair. A cidade abrigou o jovem advogado, então recém-formado em direito. Logo depois de trancar seu anel de rubi no cofre, ele foi mandado pelo pai à capital francesa para estagiar no Banco Hipotecário e Agrícola. Voltou de lá com o francês fluente e com hábitos etílicos de Primeiro Mundo.

Não foi à toa que construiu uma adega no porão de sua casa na cidade. Nas prateleiras – “protegidas por escorpiões”, segundo Sonia – estavam abrigados os vinhos importados dos vinhedos franceses. A bebida vinha do outro lado do oceano, de navio e em barricas, e era depois distribuída em meias garrafas, lacradas de vermelho para os vinhos tintos e de verde para os brancos. Uma operação delicada à qual Jair se dedicava com organização e método.

*Homens eram contratados para encherem garrafas que o pai comprava, e rolhas eram colocadas por máquinas manejadas por ele. Em tachos separados, onde fervia lacre verde*

*e vermelho, os gargalos eram mergulhados e, enquanto secava em cima de rolhas, garrafas vermelhas eram separadas das verdes e levavam-nas para que ficassem deitadas no porão debaixo da sala, onde o pai guardava seus rolos de fumo. [Artes]*

Todos os dias, antes do jantar e depois do banho, Jair agachava-se na adega em busca das melhores garrafas. No andar de cima, as crianças ouviam o barulho das garrafas se chocando até que o pai escolhesse o vinho da noite.

*Torçíamos pelo vermelho que era mais bonito do que o verde. O pai quebrava o lacre, limpava o gargalo para que o pó não entrasse no vinho, enfiava o saca-rolhas com uma beirada vermelha.*

A adega foi palco de uma das cenas memoráveis da infância de Sonia e Lygia. Ali, Lygia Clark produziu uma de suas primeiras obras de arte. O material usado na instalação: uma barrica repleta de piche e o irmão Chico.

*[...] Lygia, desejando ter um irmão preto, convenceu Francisco a pular dentro de uma delas (as barricas com piche): e quando gritando e vomitando almoço, olhos azuis estojados em rosto negro, Francisco se debatia para sair da barrica, Lygia tentando impedi-lo teve olho quase arrancado por unhada, marcando-lhe a fisionomia com lágrimas de palhaço a escorrer-lhe sobre a magreza da bochecha que tanto mãe queria engordar. Lygia não sabia: sua primeira obra de arte estava feita. Foi aclamada com palmadas que fizeram arder a palma da mão materna.*

Jair era severo e metódico como o pai Edmundo e tinha lapsos de irreverência e criatividade como ele também.

Depois do trabalho, transformava em garimpo um barranco do sítio, onde escondia pedras semipreciosas compradas por ele, para que os netos as encon-



*Jair e Ruth Lins*

trassem depois em inesquecíveis missões de caça ao tesouro. Das paredes de giz branco, sob a supervisão de Jair, saíam reluzentes topázios, águas-marinhas, turmalinas.

Mas o hábito mais extravagante de Jair era mesmo sua obsessão por galos de briga. Uma paixão antiga.

Quando ainda estudava direito e morava na casa dos pais, Jair transformou as gavetas onde guardava as ceroulas em ninhos para suas galinhas. Esperava os recém-nascidos vingarem e elegia os mais fortes para as rinhas promovidas por ele de quintal em quintal.

Nem em Paris – durante seu estágio – Jair conseguiu libertar-se da mania de criar galos.

*Não houve can-can que o fizesse esquecer o arrastar de asas de galo preparando esporas, prontas a sangrarem cristas que não fossem das temerosas galinhas. [Baticum]*

Da capital francesa, o jovem advogado escrevia para a madrastra Lolô para pedir notícias de seus saudosos companheiros de batalha:

*Minha cara Lolô, quando o juiz de paz for ahi, pergunte a elle pelos meus frangos que estão na casa delle e, mais uma vez, recomenda-lhe todo o cuidado para trazê-los sempre separados do resto das outras gallinhas para que não deteriore a raça. [...]*

*Não podes imaginar a falta que tenho sentido delles, até parece mentira! Tenho sentido uma bruta falta, este raio de Paris não presta para nada – não se tem nem o triste consolo de ouvir um gallo cantar! (Paris, 15 de junho de 1913)*

Ao voltar de Paris, Jair passou a ter outros interesses quando seus olhos azuis pousaram sobre os morenos 17 anos de Ruth, filha do compadre do pai, o ilustre Mendes Pimentel.

## Resultado:

*Ruth estava pronta para namorar e foi durante um passeio pelo bairro dos Funcionários que, sentindo-se seguida por ele, deixou o guarda-chuva cair-lhe das mãos para que Jair o pudesse apanhar. [Baticum]*

Foi rápido. Em pouco tempo, os dois já estavam casados. Jair comprou um terreno ao lado da casa do pai para abrigar seus galos e construir uma casa para a futura família. Quando Edmundo Lins foi transferido para o Rio de Janeiro, Jair comprou a casa do pai. Sobrou espaço para os quatro filhos e para os pintos que não paravam de nascer.

*Galinhas chocavam produzindo pintos e eram tratadas com embrocação de iodo para curar-lhes o gôgo: aos galos, pai arrancava as penas das coxas e pescoço esfregando nos buracos da carne cachaça para endurecê-la. Quanto aos pintos saídos das cascas dos ovos, por vezes morriam esmagados por pés sempre a correr. [Baticum]*

45

Com o tempo, Jair construiu uma rinha no quintal, um oitavado com paredes de um metro de altura, acolchoadas e forradas de aniagem, com o piso coberto de serragem. Em volta, montou bancos onde se sentavam os companheiros de briga de galo: Neneco, Otaviano e Godofredo, cronômetro na mão pronto a medir o tempo e o desempenho dos lutadores. Jair passou a importar do Japão alguns samurais.

Sonia e os irmãos acompanhavam as pelejas sangrentas.

*Começavam galos com saltos e bater de asas e passavam a usar esporas bicando pescoços. Brigavam galos com tudo que tinham, empurrando-se com peitos, dando rasteiras com pés, cegando olho que de bicos seus se aproximava e língua arrancavam do que primeiro a*

*punha para fora. Cristas viravam beefs pingando sangue e galos ficavam presos num bec à bec, pescoços entrelaçados como cobras arroxeadas. [Baticum]*

Estes eram os ensaios, o treinamento destinado a medir a valentia dos galos e a habituá-los a bicadas e esporadas. Durante os treinos no quintal, Jair costumava sentar-se e pôr seus lutadores entre as pernas para, com o cigarro na boca, friccionar o pescoço ferido dos mais castigados com luva de crina embebida em cachaça.

Ele estava às voltas com um desses treinamentos no meio da tarde quando foi chamado para atender um telefonema no escritório.

– Cacete, cacete – saiu resmungando pelo quintal afora.

Do outro lado da linha, um cliente protestava por ter perdido uma causa. O escritório de Jair demorou a fazer uma petição e o prazo tinha se esgotado.

Quando desligou o telefone, Jair “pulou como um galo”, segundo Sonia, na sala do sócio Raul Franco. Raul assistiu à explosão tossindo e pigarreando até conseguir interromper o ataque para dizer:

– Já entendi, Jair. Sei que devia ter feito a petição e não fiz. Mas agora desculpo a tua nervosia, porque vejo que você está menstruado.

O galo tinha sujado de sangue, entre as pernas, a calça de Jair Lins.

Talvez sem perceberem, Edmundo, o pai, e Jair, o filho, revezavam-se entre a lei e a transgressão, a sisudez e a irreverência, como ilustres representantes de seu tempo.

Sonia carregaria dentro dela, vivas, as impressões e as sensações mais fortes dessa convivência.

– Ele traumatizou todo mundo da família, menos a mim. Ele me divertia – Sonia lembraria anos mais tarde.

Um dos irmãos de Jair, Edmundo – companheiro nas rinhas de galo – também não se intimidava com as explosões do advogado. Quando seu galo parecia



*Atrás, Tia Cyomara, prima Elza, Ruth Lins (mãe de Sonia).  
Em segundo plano, os irmãos Beatriz e Chico e a prima  
Vera. Na frente, prima Wanela, Sonia e prima Tati*

destinado ao nocaute na rinha, ele apelava para uma “saída de emergência”. Pedia para alguém chamar o dono do galo rival ao telefone.

Jair saía para atender e, enquanto sumia casa adentro, seu irmão pegava um pedaço de pau e iniciava a pancadaria. O galo de Jair levava golpes na cabeça até ficar grogue. Ao retornar, maldizendo a ligação que caíra, Jair estranhava:

– Como pode? O meu galo estava ganhando de longe e agora está aqui todo estropiado?

– Pois é, o meu virou o jogo – dizia Edmundo, com a cumplicidade dos sobrinhos.

E as mulheres? A mãe – Ruth – e a avó paterna, d. Lolô? Qual o papel delas nesse universo movido a rinhas?

Cabia a elas cuidarem dos maridos e tentarem pôr ordem na casa e nos filhos. Estas eram suas funções básicas. Liberdade? Nenhuma.

Um dia, Jair foi chamado para uma série de reuniões no Rio de Janeiro e incumbiu Ruth de cuidar dos passarinhos mantidos por ele num viveiro no centro do jardim. Ela deveria trocar as vasilhas de água e alpiste, uma missão arriscada que envolvia a abertura de uma portinhola.

Jair recomendou cuidado à mulher para evitar que algum pássaro fugisse e embarcou no primeiro trem.

Ruth tomou todos os cuidados possíveis, mas não conseguiu evitar o inevitável. Um canário tapeou-a, escapou por entre seus dedos, riscando-lhe o rosto, e foi parar em cima do canteiro. Durante todo o dia, Ruth tentou recuperar o canário. Uma luta inglória.

Edmundo estava hospedado na casa e decidiu ajudar a cunhada a se livrar da fúria do marido quando ele voltasse do Rio de Janeiro. Estudou os outros canários do viveiro com cuidado e, na manhã seguinte, bem cedo, comprou um exemplar idêntico ao desaparecido.

*Às 11h da manhã, apitava na Estação o trem que viera do Rio, e, pouco tempo depois, pasta debaixo do braço e chapéu de feltro na cabeça, subia o pai o degrau do portão de sua casa. Esperava-o a mãe do braço grosso, torcendo as mãos na varanda, o moreno do rosto emoldurado pelo vermelho das flores da trepadeira. Antes de cumprimentá-la, dirigiu-se o pai com passos largos ao viveiro, onde passarinhos cantavam. Olhava-os. Assoviava. Olhava-os. De repente, descerrou os lábios interrompendo o assovio e, virando o pescoço para a varanda onde se via o cartão-postal do rosto da mulher, gritou: “– O que fizeram vocês com o meu canário que ele virou fêmea?”*

*Foi obrigada a mãe a tudo contar, e mais raiva teve o pai por tentarem enganá-lo. Foi a mãe para o quarto rezar pela alma de sua avozinha, pedindo-lhe que lhe acalmasse o marido.*

Uma mulher engaiolada. Tudo o que Sonia não gostaria de ser na vida. Aquele modelo de casamento, de convivência, de construção e manutenção de família não serviria para ela. Era preciso criar novas relações. Anos mais tarde, Sonia inventaria seus próprios pactos... nada mineiros.

Jair e Ruth fizeram de tudo para dar a melhor educação – a mais tradicional possível – aos filhos. O “pacote” para as moças de família de Belo Horizonte incluía aulas de piano com o incansável professor João Mendes.

Quando ele chegava, as meninas abandonavam os brinquedos de todo dia, lavavam as mãos e iam para a sala de espera onde o “piano de boca aberta já mostrava os dentes, por sinal que amarelos”.

Pobre João Mendes.

Ele elevava a banqueta o mais alto possível – até o nível do teclado – e as meninas a giravam no sentido contrário até que seus pés esbarrassem no chão. Este era o início da sessão. Uma série de giros e contra-giros só interrompida pelas súplicas do professor: “calma, meninas, calma”.

*Sentava-se seu João Mendes à nossa direita, mostrava-nos as notas colocando nossas mãos sobre elas, consertava a posição dos dedos, e quando acertávamos, acompanhava-nos batendo nas teclas finas do piano. Quando tocávamos mantendo as mãos numa posição defeituosa, ele colocava moedas sobre elas para que tocássemos sem as deixar cair. Assim procedíamos e, quando ele nos aplaudia, jogávamos as moedas para cima e as escondíamos dentro de bolsos.*

*Implorava seu João Mendes que assim não o fizéssemos, não é que ligasse para o valor do dinheiro, queria apenas que aprendêssemos a tocar piano.*

Não adiantava. Sonia não seria uma boa menina.

Ela enxergava o mundo com independência e irreverência. Era como se estivesse mergulhada nesse universo e deslocada dele ao mesmo tempo. O humor era uma das “janelas” que ela abria para arejar um pouco a realidade da casa, marcada por uma disciplina rígida e, às vezes, opressiva demais.

Pitu, a filha do dr. Alexandre, sempre se impressionou com a capacidade da amiga, quatro anos mais jovem, de se divertir com o “mundo dos adultos”. Numa ocasião, elas brincavam juntas em frente à casa de Jair quando uma senhora parou para perguntar se Sonia era filha de Ruth e saber sua idade.

– Sete anos? Mas não parece – ela disse, enquanto examinava a menina franzina.

A reação veio rápida.

– É que eu sou muito conservada.

Já estavam delineados em Sonia os traços que a acompanhariam ao longo da vida: o espírito de ironia, o senso crítico apurado, os comentários ácidos, certos.

Em outra ocasião, Sonia passou de carro por uma das freiras do colégio Sacré-Cœur de Marie, onde estudava, e não resistiu: saudou-a com uma careta. Em seguida, foi contar toda prosa para a amiga Pitu a sua estripulia: tinha exibido a língua para “Madame Crucifixo”, apelido inventado por ela para designar a professora carola.



*Sonia Lins na primeira comunhão*

Naquele tempo – na Belo Horizonte católica – o gesto era quase uma heresia.

Boa aluna Sonia não era. Costumava dizer que nunca tinha aprendido geografia. Matemática era uma ciência insondável. Expressava seu desinteresse pelas aulas do Grupo Escolar dando sumiço a todo e qualquer material que lhe caía nas mãos. Na hora de fazer as lições de casa, costumava ligar para as colegas:

- Qual é mesmo o dever que a professora passou?
- Sonia, compre um caderno de rascunho – diziam as amigas.
- Já comprei e já perdi – era a resposta-padrão.

Na época do Sacre-Cœur, Sonia e Lygia rebelavam-se contra aquela disciplina baseada na purgação de pecados e na submissão a penitências. O modelo delas, na verdade, era o pai, a quem de brincadeira e às escondidas tentavam imitar.

*Lá em casa tínhamos mania de virar. Achávamos que se fizéssemos 1 curso depressa o conseguiríamos. Teríamos que aprender a fechar a cara com o pai. Para imitá-lo curvávamos a nossa perna para trás, porque a dele era torta, roubávamos roupas do irmão para vesti-las, e só restava o cabelo cortar à la garçon.*

Este foi, durante muito tempo, o projeto de Sonia e Lygia: livrarem-se dos cachos – e das amarras – do mundo das meninas. Era esta a “mania de virar”.

*Depois de muito pedirmos, conseguimos a permissão de cortá-lo como homem. Consultou a mãe o pai sobre o assunto e chamou Dante, italiano cabeleireiro, e recomendou-lhe que viesse num quarto crescente pois assim os cabelos nossos cresceriam mais depressa e outra vez voltaríamos à condição de mulheres.*

*Dante, com sua tesoura de pernas finas, executava X X X X no ar, pipilando nas nossas orelhas, e o cabelo cortou-o como se fôssemos meninos e, ao levantar-nos da cadeira, falávamos grosso e pedras começamos a atirar com atiradeiras.*



*Em pé, a partir da esquerda, Áurea Mendes Pimentel (avó de Sonia), Francisco Mendes Pimentel (avô), Lygia (tia), Ruth (mãe) e Roberto (tio). Sentados, os tios Ruy e Chico*

O mundo dos homens – de Edmundo e Jair – era muito mais atraente e heróico do que o das mulheres.

A avó Lolô, por exemplo, era o retrato da mineira típica, nascida e criada para servir o marido. O tipo de mulher a quem, na época, o acadêmico Cláudio de Souza se referia ao escrever: “Deliciosos tipos de mulher, que realizavam sua felicidade inteira na carinhosa sujeição ao seu amor, na doce escravidão de seu affecto”.

Era Lolô quem preparava o mingau de aveia de Edmundo, aquecia sua banheira, arrumava suas malas, cuidava de seus ternos. Era ela também quem se sentava na cadeira de balanço, nas férias em Belo Horizonte, para tricotar rendas sem fim, enfiada no seu eterno *peignoir*.

*Quando não fazia doce, fazia tricot, quando não fazia tricot visitava as irmãs, quando não visitava as irmãs deitava para ler romance, quando não deitava para ler romance recomeçava a fazer doce. [Artes]*

Isto depois de alimentar, vestir e educar dez filhos e enteados, enquanto cuidava do marido.

Era este o mundo das mulheres, renegado e combatido por precursoras do feminismo como a anarquista Maria Lacerda de Moura e a médica Alzira Reis. O cinema e uma recém-criada imprensa feminina começavam a difundir novos modelos para a mulher “moderna”, mas os ecos desse movimento de libertação e independência ainda não haviam chegado à casa dos Lins.

*Só a mão do pai podia ligar a vitrola, mas a da mãe chegava para abaixar o som* – registra Sonia em *Baticum*.

Uma herança de obediência e passividade passada de mãe para filha. D. Áurea, mãe de Ruth, viveu para o marido e para os dez filhos.

Bonita, pobre e valente, ela largou o emprego numa fábrica de cigarros para se casar com Francisco Mendes Pimentel, neto de um imigrante português, Francisco Ignácio Mendes, chegado ao Brasil como clandestino num navio de Açores.

Aos descendentes, Francisco Ignácio deixou como herança um manuscrito autobiográfico, guardado ainda hoje como relíquia pela família. Decepcionado com os filhos – que não se “aplicaram” como deviam nem cultivaram a inteligência clara com que a “providência” os dotou – ele tratou de descrever aos netos sua história de luta, disciplina, trabalho. Queria servir de exemplo para as futuras gerações.

O parágrafo final da carta não deixava dúvidas: “Tomem em muita consideração os expostos sacrifícios que fiz e façam a sua parte para honrarem as minhas cinzas [...]”.

O neto, Francisco e Mendes como o avô, não decepcionou. Tornou-se um dos juristas mais respeitados do país.

Nos livros *Baticum* e *Artes*, Mendes Pimentel é o “avô que já nascera ancião”, “magro como se estivesse guardado durante séculos dentro de livros”, “alto e curvo como bengala”, um modelo de altivez e serenidade.

*Quando lá em casa chegava, saía do jardim, passava pela varanda e entrava na sala de espera, como se ele todo viesse ensaboado, tal era a suavidade de sua presença. Em aniversário de netos, ia levar ricos presentes mais sua bênção, na hora em que tinham nascido. Tão ricos presentes e dados com ternura tanta, que colocavam os que recebiam desconfortáveis por não merecê-los. [Baticum]*

Foi esse avô terno, quase lírico, quem apresentou Sonia pela primeira vez às estrelas. Era noite de São José, dia de festa junina organizada por Mendes Pimentel no jardim de sua casa, à beira de uma fogueira na qual se assavam batatas e mandioca.

*Fogos eram tirados de caixas coloridas e soltados por adultos em direção aos céus. Multiplicavam-se no espaço em bolas de cor, fitas douradas e chuvas de prata, os rasteiros entrando por baixo de saias.*

Crianças só podiam soltar estrelinhas.

Quando a festa acabou, foram agradecer e despedir-se do avô sorridente.

Estava em pé no jardim e tinha os olhos presos nas estrelas. Apontou-nos

*Hércules*

*3 Marias*

*Cruzeiro do Sul*

*Libra*

*Vênus*

*Escorpião*

*Cignus*

*Ursa Maior*

*Com toda a sua altitude e seu comprido braço levantado, vestido de preto, parecia 1 grande lápis que escrevesse no céu. [Baticum]*

Cabia a Áurea zelar pelo marido em silêncio, com resignação, de acordo com o figurino da época. Havia um certo abandono de si mesma nisto tudo, uma entrega incondicional ao homem, uma doação integral e, às vezes, vazia.

Ruth, por exemplo, poderia ter ido mais longe e voado bem mais alto se não tivesse se engaiolado no casamento tradicional. Sonia via na mãe a “semente da arte criativa”, um mundo de pesquisas, descobertas e invenções sempre latente,



*Maria Beatriz, irmã de Sonia, 1928*

que só saía do estado letárgico quando o Natal se aproximava e Ruth se permitia, então, criar presépios para a casa.

*Como se fosse a autora do Novo Testamento, Ruth desdobrava cenas bíblicas, crescendo em cima de mesas, enchendo canto de paredes com montanhas de papel de embrulho lambuzado de grude e pó de carvão [...].*

*Era diante do presépio que rezávamos em dias de Dezembro, quando tempestade desabava, junto aos camelos e burricos, ovelhas e pastores trêmulos com os trovões.*

No início do casamento, a criatividade aflorava e dava forma a grotas e vales cheios de lagos onde cisnes e patos nadavam e a espelhos nos quais se mirava a estrela de Nazareth. Um cristal de rocha, cortado ao meio, transformava-se em gruta para o menino Jesus e embalagens de ovos viravam árvores de Natal.

Com o tempo, os presépios perderam as luzes e o colorido.

*Fomos crescendo e mãe foi modificando o presépio, cortando cabeça de personagens, tornando montanhas mais planas, secando o espelho dos lagos, fazendo desaparecer S. José, e foi o que deu sumiço à Virgem Maria, deixando só o menino Jesus, preso à manjedoura sem saber perguntar ao pai porque todos o haviam abandonado.*

*Ruth colocou-o, no próximo ano, nu e sozinho dentro de enorme concha de cristal, tal qual boca aberta, deixando ver céu de boca e gengivas cobertas por estalactites e estalagmites roxas.*  
[Artes]

Na casa da rua Pernambuco, o cotidiano ganhava muitas vezes contornos surrealistas. Como na fase em que, por recomendação do dr. Alexandre, amigo da família, Ruth passou a submeter os filhos a uma tortura diária: o banho no hospício dirigido pelo médico. A filharada acordava de madrugada e seguia para o hospital,



*Sonia com tia Lygia e os irmãos Beatriz, Chico e Lygia*

tocada pela sombrinha de Ruth, que os conduzia pelo corredor do manicômio sob os olhares dos internos.

*Marchávamos pelo esôfago sem volta que conduzia à sala de duchas, e enfermeira esperava-nos dentro de aquário de azulejo, arrancando-nos roupas e braços, gritando para agarrarmos a barra de metal e chicoteava-nos com água e fumaça, assustando-nos com um jato rio esguichado em costas [...]. Urrávamos então amedrontados, doídos, e gritos nossos também subiam e escorriam pelo branco da parede, que água fazia brilhar. Ao chão pingavam, transformando-se em risos engolidos pelo ralo. Medo se coalhava em risada e, mais a força da água, jogava-nos por terra, sem conseguir levantar-nos. [Baticum]*

Sonia e Lygia faziam questão de cultivar, juntas, os prazeres e os perigos da imaginação. Tudo para elas transformava-se em brincadeira. Até o vestido de formatura comprado para a irmã mais velha, Beatriz, e abandonado no armário por ser cinza e comprido demais.

*Lygia e Sonia abriram a porta do armário depois de terem fechado a do quarto e meteram-se dentro da renda cinza do vestido enquanto Beatriz, no palco, dançava frufuzando saio azul. Sonia e Lygia passaram pelo mesmo decote cabeças de pretos cabelos; os quatro braços morenos procuraram o caminho das mangas compridas e ao olharem-se no espelho eram uma única pessoa contida pela transparência da renda. O espelho ria para elas, Lygia e Sonia riam para ele. [...]*

*Dentro do vestido, cujo comprimento fazia cauda no chão, LygiaSoniaLygia sacudiam-se em risadas; lágrimas brotavam-lhes dos olhos e o ser de duas cabeças, quatro pernas e quatro braços jogou-se por terra, urinando no vestido cinza, cuja renda começara a rasgar. [Artes]*

Arte. Esta era a saída de emergência para a realidade. Uma lição de infância que Sonia iria praticar, de forma diferente de Lygia, ao longo da vida. Cada uma numa manga do vestido, as duas com a cabeça na mesma gola. A gola da transgressão.

As irmãs assistiram juntas à transformação realizada no quarto delas pelas mãos de uma tia, Lygia, irmã da “mãe do braço grosso”. Lygia pintava e ofereceu às sobrinhas o primeiro espetáculo de arte ao vivo ao subir numa escada e colorir cenas inesquecíveis numa barra desenhada a centímetros do teto, fora do alcance das meninas.

*[...] e meninas pintou, brincando em balanço, macaco lavando cabeça de criança chorando, cachorro com guardanapo no queixo por estar com dor de dente, babá de uniforme zangando com menino de castigo na cadeira, garotas correndo atrás de outra que fugia, enquanto a trança lhe puxavam.*

61

De repente, as paredes ganharam vida, o branco ganhou cor.

*Entramos no quarto. A cabeça jogamos para trás e olhamos as figuras fora do alcance de nossas mãos. Deitamos e era mais confortável olhar para elas e, antes que dormíssemos, enquanto a mãe a luz deixava acesa, círculos fazíamos com os olhos em volta do quarto até ficarmos to-on-tas.*

A casa da infância, habitada pelos pais e irmãos e freqüentada pelos avós paternos todas as férias, marcou Sonia para sempre. Portas, janelas, sabores, cheiros, silêncios, suspiros transformaram-se em tijolos na construção de Sonia Lins.

*Estreito e comprido era o corredor da casa onde morávamos e nele 7 portas desembocavam. A porta da sala de jantar, a da sala de espera onde o pai se sentava à noite para*

*contar passarinhos que em galhos pousavam no preto do papel da parede, as duas portas do quarto de hóspedes e uma vai-e-vem que vinha e ia comunicando com a cozinha. Navegávamos pelo corredor quando lá fora chovia e aí brincávamos de correr, batendo com pés em tábuas de chão e sujando o óleo brilhante da parede com mãos que não lavávamos. Mais duas portas havia do lado direito e estas davam passagem para o banheiro, onde, quando acordávamos, éramos mergulhados em água fria, como receitava Dr. Alexandre, amigomédico da família. Numa das extremidades do corredor, junto à sala de jantar como se quisesse comer, preso à parede como 1 inseto, estava o telefone preto.*

Na sala-de-estar, onde Jair recebia os amigos para longas discussões à noite, uma escultura fascinava os meninos: Diana Caçadora, facho de luz aceso na mão, curvas expostas para alegria dos primos vindos do Rio de Janeiro nas férias anuais. Poucas vezes uma estátua foi tão apalpada.

[...] *mulher de corpo fino com duros peitos nos quais mamávamos quando pais de casa saíam depois de nos terem posto na cama. Diana rodeada de passarinhos de todas as cores, pintados sobre o preto papel da parede. Cada galho tinha vários e o pai alto assobiando contava-os de 3 em 3 com seus olhos azuis gazeados.*

Primos e primas fizeram juntos as primeiras descobertas secretas sob a proteção do capim plantado no quintal pelo pai de maxilares de cavalo. O capim crescia depressa e servia de cobertor para as brincadeiras mais íntimas. Era preciso esconder corpos e mãos dos olhares sempre vigilantes de Ruth.

*Entrávamos no capinzal e folhas chegavam ao queixo nosso, e dentro nos agachávamos para brincar de esconder. Primos vinham procurar-nos, e mudávamos de lugar se estávamos para ser descobertos, joelhos no chão arrastando. Avançava o pegador sem ser visto. [...]*

*A excitação da procura, a fuga entre as tiras verdes do capim, a proximidade do calor de corpos que se procuravam, mãos que buscavam e que ao coração chegavam para escutá-lo bater, mais a proibição de ao capinzal irmos brincar faziam com que desobedecêssemos a mãe e o muro de tela pulássemos, sumindo dentro do capim que nossas cabeças já começava a cobrir. Nadávamos no verde daquele mar, dedos outros dedos procurando, descobrindo verdades, iam, verdes.*

Ruth – a mãe que batia, puxava orelhas, distribuía cascudos – sofria com esses sumiços repentinos das filhas e dos sobrinhos.

Quanto mais cresciam as meninas, mais constantes eram esses “desaparecimentos”.

Numa tarde, os primos trancaram-se no quarto de hóspedes logo depois do almoço, quando a mãe do braço grosso decidiu se deitar. Ruth levantou-se de repente e – para surpresa de todos – em vez de ir para a cozinha que estava sendo lavada, tomou a direção do quarto e aproximou-se do território proibido das crianças, cada vez mais adolescentes.

63

*[...] na ponta dos sapatos percorreu o corredor evitando acordar tábuas do chão. Havia um clima de pecado dentro de sua própria casa. Colocou a orelha contra a porta, procurando buraco de fechadura.*

No escuro do quarto, risos e cochichos misturavam-se a sussurros. Ruth girou a maçaneta, abriu a porta e deparou com as filhas recompondo as saias.

– O que estão fazendo aí? – conseguiu perguntar.

Lygia retirou um balão colorido debaixo da cama, enfiou a bola embaixo da saia e disse:

– Filhos.

*Era proibido engravidar e distribuindo beliscões mãe foi tocar piano, de boca preta fechada, sempre à sua espera para ser dedilhado. [Artes]*

A escada caracol, com seus 28 degraus, que levava ao segundo andar da casa, provocava arrepios diferentes nos meninos. Aquele, diziam, era um lugar mal-assombrado. Os chiados e os estalidos no meio da noite confirmavam as suspeitas...

Era nesse cenário, no meio da noite, que d. Ruth às vezes surgia como uma assombração.

*A luz era apagada, estrelas começavam a piscar. Por vezes o sono era interrompido no meio da noite pela entrada da mãe no quarto, agitando camisola branca dentro de escuridão, gritando palavras não compreendidas, ameaçando móveis e paredes com gestos eloqüentes. No dia seguinte era-nos explicado que, embora falando e brigando, estava dormindo pois era sonâmbula. [Artes]*

64

O dia nascia, os galos cantavam e as árvores do quintal – quase todas plantadas por Edmundo ou Jair – adoçavam a boca e a alma das crianças. No fundo do terreno estava a pitangueira, que dava frutas adoradas pelo pai e pelos bichos também. Perto dela havia uma figueira coberta com um saco para manter os passarinhos afastados das frutas. No centro, uma parreira de uvas brancas servia de caramanchão para um tanque de cimento.

Era em cima dele que Sonia e os irmãos subiam para chupar uvas que chegavam a pingar de tão doces. Perto da casa – “para a mãe do braço grosso poder controlá-las” – ficavam três jabuticabeiras irrigadas 24 horas por uma torneira deixada aberta por Jair para molhar suas raízes. Quando as árvores ainda eram novas demais para darem frutos, a mãe saciava a fome dos filhos pelas frutas levando a criançada para uma chácara próxima.

*Uma fileira de jabuticabas foi avistada, coberta de luto, braços abertos à espera que lhe trepassem por cima. 2 delas eram nossas por 1 dia. Mães as haviam alugado para que chu-*

*pássemos jabuticabas enquanto pais trabalhavam dinheiro ajuntando. Filhos e filhas sobre árvores jogaram-se, verniz do sapato o preto de jabuticabas amassando, caroços entrando nas meias, pernas meladas alcançando galhos mais altos. [Baticum]*

Na parte calçada de tijolos, no terreno, estava o pé de sapoti. E havia vários e vários sabores em volta – como o do cambucá, fruta grande com gosto de jabuticaba.

*Era pôr na boca e morder, respondia com 1 estalo e entregava-se em creme líquido e branco, só ficando 1 caroço ou 2, quase tão grande quanto o do abacate. [Baticum]*

Mas a rainha do quintal era mesmo o pé de lichias chinesas, raridade no Brasil. Plantada pelo “avô baixo e gordo”, ela demorou trinta anos para crescer e dar frutos. Uma vez por ano a árvore enchia-se de flores parecidas com pequenos vermes que se transformavam em miúdas frutas verdes e, finalmente, em nozes vermelhas.

65

Para colher os frutos, Jair instalou um recipiente na extremidade de uma vara e proibiu qualquer um de trepar na árvore para a colheita.

D. Ruth ousou desacatar o veto e, na ausência do marido, escalou um empregado para catar as lichias no galho mais alto. O castigo veio rápido.

*Quando estava ele montado em galho de cabeça para baixo, como anjo barroco caiu e desmaiou. Salvou-lhe a mãe a vida dando-lhe água com açúcar e no chão ficou o braço da árvore arrancado da axila, cheio de lichias que deram para encher a bacia e depressa foi removido, para que não o visse o pai quando chegasse com as chaves balançando.*

Quando a árvore foi envelhecendo, passou a dar frutas de dois em dois anos. Seus galhos pesados começaram a envergar e, de vez em quando, caíam.

Jair entrou em cena para os primeiros-socorros.

*O pai, baixo assobiando, picando o fumo do rolo para cigarro fazer, mandou que muletas fossem colocadas debaixo dos sovacos da árvore. E quando a olhávamos, parecia que ela ia começar a caminhar e só uma palavra nos ocorria V E T U S T A.*

Palavras de Sonia Lins no belo *Baticum*.

Mas a grande alegria das crianças – nesse território de sabores – não eram as lichias ou as jabuticabas. Eram feixes trazidos de fora, na carroça do seu Belarmino puxada por sua mula.

– Cana-de-açúcar – ele berrava, e empregadas e patroas corriam para os portões.

O grito de seu Belarmino enchia a boca das crianças de água, mas – quase sempre – chegava na Rua Pernambuco tarde demais, quando já era hora de criança ir para o quarto, deitar na cama, rezar a Ave Maria e fazer força para dormir e sonhar com o doce da cana na boca e o espetáculo de ver cada feixe sendo cortado e recortado na cozinha. Na manhã seguinte, bem cedo, começava a “peleja”.

*Todos iam para cama – os quatro filhos fechados nos três quartos de cima – sonhar com as canas. E no dia seguinte apostavam qual deles acordaria primeiro para poder descer as escadas e embaixo escolher canas, “bengalas verdes” cheias de nós.*

*Lygia, a primeira sempre a se levantar, se colocava de perfil contra a fresta da porta, não consentindo a nenhum irmão passar a sua dianteira. Olhos grandes fixos na fechadura, esperava a chave da mãe que vinha os filhos tirar da cama, fazendo desaparecer a lingüeta de metal, o que mantinha as portas em par fechadas durante a noite.*

*De ouvidos em pé e dentes à mostra, Lygia defendia sua posição e, ao pressentir a chave no buraco da fechadura, com os músculos tensos impedia os irmãos de a sobrepujarem. Acabavam empurrando mãe cujos dedos estavam preparados para beliscar. Aconteciam*

*tombos pelas escadas e chispando pelo corredor chegavam à cozinha, onde atrás da porta canas-de-açúcar tinham passado a noite.*

Antes de chuparem as canas, os irmãos as transformavam em cavalos. Cada um tinha um cabresto de barbante feito pelo pai e “equitavam” as canas-de-açúcar pelo quintal. Só depois da montaria vinha o banquete.

*Chupávamos todas, deixando-as secas e amareladas, e rechupávamos a dos irmãos menores que não sabiam esgotá-las direito. Barulho e ato de mastigar cana, sentir a barriga estourando de líquido doce, língua ralada e queixo doendo, sentíamos assim sermos amados pelos nossos pais. [Baticum]*

Canas que viravam cavalos, jaca que virava chapéu, paredes que ganhavam vida, vestidos que se transformavam num corpo só, árvores de muletas, presépios min-guantes.

Bem-vindos ao mundo de Sonia Lins.

S  
E  
N  
T  
A  
R  
R  
R  
A  
T  
A  
R  
R  
R



## Personagens da infância

BELO HORIZONTE NAQUELE TEMPO ERA UMA CIDADE DE INTERIOR, LOCALIZADA A 15 HORAS DE TREM DA CAPITAL FEDERAL. Cenário ideal para longas caminhadas e vôos...

*Os habitantes de Minas amavam-na porque percorriam suas longas distâncias a pé. Ela se fazia sentir no desnivelamento de pedras de minério que lhe vestiam as ruas e roíam solas de sapatos, obrigando-os a andar devagar e a contemplar suas árvores, praças e cruzeiro... [Artes]*

Era um tempo – dizia Sonia – em que não existia pedestre e todos caminhavam.

À noite, o cheiro de jasmim e damas perfumava a atmosfera.

Liberdade, sim... E opressão também.

As salas de visita de cada casa eram todas necrotérios. Palavras de Sonia Lins.

*Da casa nossa, dourada de papel; do avô que já nascera ancião, de papel azul com coroas; de D. Cota, com cadeiras em volta de mesas com paninhos em cima. Visitas que nelas entravam morriam l pouco ao sentir o peso do ar ali dentro fechado e, quando janelas eram abertas, deixavam o assunto por elas saltar.*

*Quando a dona de casa estava para aparecer, o perfume a precedia. As mãos tinha lavado e colocara-o nas orelhas onde conversas seriam sussurradas. Mesmo assim, quando crianças entravam, baixavam as vozes e mandavam-nas brincar.*

Havia algo de surrealista naquele mundo mineiro. Uma galeria de personagens extravagantes, retratados por Sonia em seu *Baticum* com cores fortes e pince-ladas cubistas ou surrealistas.

Dr. David Rabelo, o médico.

*Assombrou a população de Minas ao operar a própria barriga quando teve o apêndice supurado. Foi para o hospital, deitou-se, suspendeu a camisola e mandou que colocassem um espelho inclinado que refletisse o campo operatório.*

*O próprio ventre cortou, embora sem a intenção de praticar o haraquiri, extraiu o apêndice inflamado, caretas fazendo e, para não deixar o assistente frustrado, deixou que ele costurasse a incisão, gemendo, é claro.*

Arduíno Bolívar, o intelectual.

*[...] era 1 homem feito de livros, 2 menores nas orelhas, dicionário de bolso vermelho encadernado no nariz, nas sobranceiras folhetos da Revista Forense e versos de Homero subindo e descendo no pescoço.*

Personagens menos ilustres:

*Outros habitantes havia que não saíam de casa, na janela ficavam de boné, cuspiendo no passeio. Na Rua Santa Rita Durão, já tinham feito uma pocinha e, quando a gente*

*por lá passava, cumprimentava 1 velho que se atrapalhava, não sabia se tossia, se a mão passava sobre nossa cabeça ou se cuspia. Cuspiu tanto que foi perdendo as cores, virando giz e saiu da janela para poder morrer.*

O clima às vezes pesava... e se tornava soturno. A padaria perto da casa dos Lins – onde se vendiam doces de leite e chocolate – abrigou um velório numa tarde de chuva. Uma criança de um mês foi velada ali e Ruth considerou o evento uma boa oportunidade para pôr os filhos em contato com esta realidade implacável: a morte.

*Esconderam doces de leite e chocolate e, no meio da sala, puseram pequeno caixão enfeitado com flores de mamoeiro. Ficamos a olhar o cadáver que dormia e as sombras de cabeças nossas projetadas no branco da parede. Ao voltar para casa, levamos dentro de bolsos, em mãos encolhidas, uma vontade de mais cedo dormir. O garotinho que não chegara a viver deixara 1 buraco que nada podia cerzir. [Baticum]*

Para desanuviar um pouco, bastava acompanhar a tragicomédia de um vizinho inconformado com a cobrança de um imposto extra, destinado a custear as despesas com o calçamento dos passeios de Belo Horizonte. Ele entrou na Justiça contra o estado e perdeu a causa. Pagou o imposto, sim, mas jurou jamais colocar os sapatos sobre a calçada em frente à sua casa.

Para cumprir o juramento, providenciou uma tábua sob medida para cobrir a distância do degrau do portão até o meio da rua. Esta ponte levadiça era instalada e recolhida todos os dias, para desespero da família e diversão dos vizinhos.

*[...] e, quando mais tarde voltava, na rua ficava gritando pelos filhos, ainda que chovesse granizo, para a tábua colocarem depressa, pois ele de novo queria passar. [Baticum]*

E quem não conhecia no bairro dos Funcionários o bêbado Zé dos Passos? Todo sábado, depois de receber o salário, entrava no botequim da esquina e só saía de lá com o bolso vazio e as pernas bambas.

*Enfurecido, descia a ladeira sacudindo portões fechados, em casa de estranhos tentando entrar. [...] Gritava pelas irmãs que lhe servissem o jantar e seu grito penetrava na casa dos vizinhos, acordando crianças.*

A confusão era tão grande que Zé dos Passos virou um nome corrente na casa dos Lins. Quando as crianças começavam a brigar ou gritar, a “mãe do braço grosso” aproximava-se com chinelo na mão para advertir:

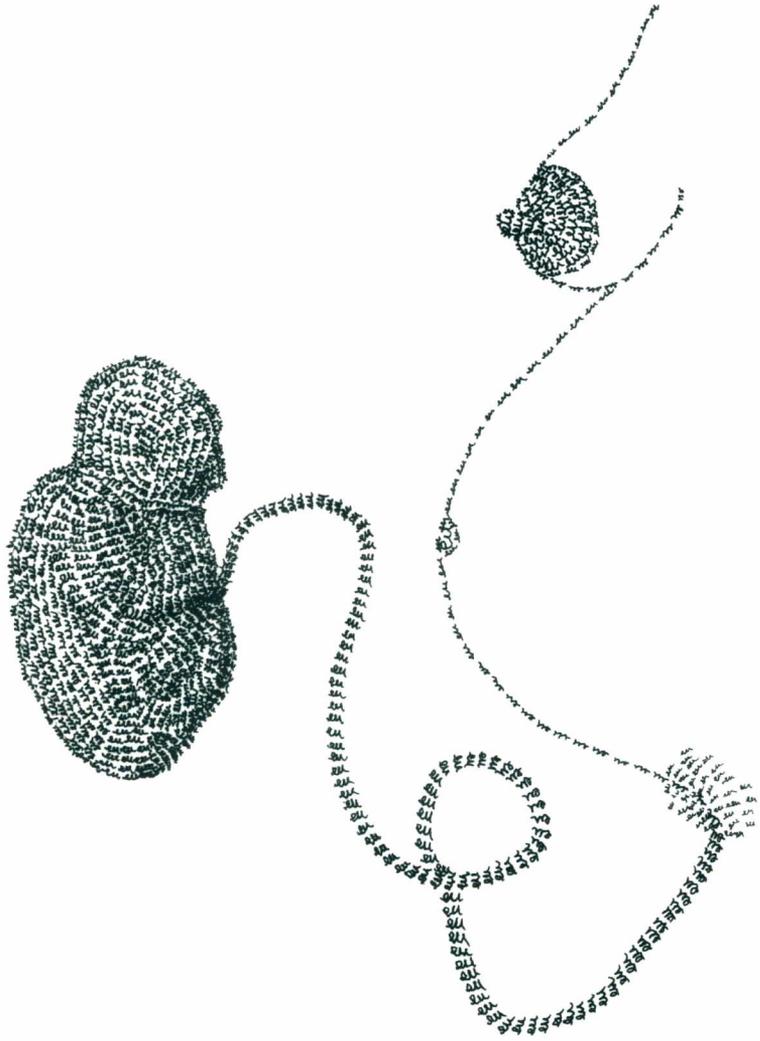
– Calem a boca, porque aqui não é casa de Zé dos Passos!

De vez em quando, Sonia sentia inveja dos jovens contratados pela prefeitura para arrancar o capim verde nascido entre os paralelepípedos da Rua Pernambuco.

*Chegavam como chegam as estações do ano, sem que ninguém neles pensasse. Ao amanhecer, risos, imprecações e cantos eram ouvidos entre o barulho que picaretas faziam ao machucar as pedras. Torsos nus flexionados como alavancas, brancos e pretos dentro de calças desbotadas.*

Por que a inveja? “Não tinham mães...” , escreveu Sonia.

Ser mãe, naquele tempo, era, como se dizia, padecer no paraíso. Padecer era o verbo certo, mas “paraíso” soava estranho numa época de partos feitos quase à unha, fraldas de pano e escassez de leite natural – principalmente nos seios das mães mais abastadas.



Nesse cenário, um personagem-chave tornava-se protagonista nas melhores casas da cidade: a ama-de-leite, com seus seios de aluguel – a salvação para quem desejava se livrar da mistura de água de arroz e leite de cabra ou vaca receitada aos recém-nascidos para suprir a carência do leite materno.

*Em 2 coisas tinham as mulheres grávidas que pensar: encher o galinheiro de galinhas para comê-las durante o resguardo e nas amas-de-leite, que as ajudariam a alimentar o filho, caso o leite no seu peito secasse. Depois que nascia a criança, elas chegavam e, ainda na porta da rua, a camisa desabotoavam e o peito tiravam para fora. Em geral, levavam o filho, que ainda amamentavam se sadio fosse, para comprovar ser o seu leite de qualidade boa. As mães, com os seus grossos braços, examinavam-lhes o peito e nele pegavam para sentir se tinham caroços e reparavam-lhes o bico, se era grande ou pequeno para a boca do filho, que de fome já gritava.*

74

Quem trazia muitas dessas crianças ao mundo era Deolinda, a parteira de Sonia, Lygia e de incontáveis mineiros: preta como uma urso, saía comprida que lhe varria os sapatos de homem, paletó que alguém maior do que ela lhe dera, óculos de aro de ouro e na mão a mala onde dizia transportar crianças.

*Deolinda era parte da paisagem, e onde quer que passássemos lá estava ela, saindo ou entrando em alguma casa, seus cabelos à africana contidos por grampos e rodeados por 1 enxame de abelhas que pensavam serem eles de mel. Abaixava-se para 1 recém-nascido banhar, segurava-o pelo pescoço com uma das mãos e era como se ela toda entrasse no banho, tão mergulhada estava no que fazia.*

Deolinda aparava as crianças na chegada, cortava umbigos e unhas, protegia moleiras, colocava os recém-nascidos para mamar e arrotar. Levou a vida assim, até que muitos dos que ela viu nascerem começaram a morrer.

*Mulheres iam agora para hospitais para filhos parirem, e os sapatos tortos de Deolinda levavam sua cor preta mais devagar para bairros mais distantes, onde crianças mais pobres com mais facilidade nasciam.*

Um dia, Deolinda parou. Uma de suas pernas foi amputada.

*Do hospital onde estava em convalescença, levou-a uma irmã de caridade para passear de auto-móvel. Deolinda com 1 só pé de sapato a tudo espiava com seu aro de óculos de ouro, como uma imagem que seguisse levada num andor, os lábios umedecendo com sua ponta de língua, procurando casas que tinham sido amputadas, procurando rostos que vira nascer e que não mais a conheciam, procurando a quem dar adeus com sua preta mão de palmas cor-de-rosa, toda desenhada em carvão com as linhas do jogo da velha. Ela que trançara por toda a cidade, cortando-a em geometria em todos os sentidos.*

*1 cemitério inteiro não cabe em você, Deolinda. [Baticum]*

Deolinda sobreviveu até o fim dentro de Sonia e no seu *Baticum*.

Nem tudo era tão lírico em Belo Horizonte. Tramas policiais também marcaram a história da família.

O suave Francisco Mendes Pimentel, o “avô que nascera ancião”, tornou-se personagem de um drama despropositado para seus gestos contidos e seu temperamento sereno.

Logo depois da revolução que levou Getúlio Vargas ao poder, estudantes da Universidade de Minas Gerais, onde Mendes Pimentel era reitor, exigiram passar de ano por decreto. Eles alegavam ter perdido aulas por causa da transição política e não por vontade própria e se recusavam a aceitar uma reposição nas férias.

Um grupo de alunos foi à casa de Mendes Pimentel levar a exigência. O reitor respondeu que iria debater a questão com a Diretoria e o Conselho da Universidade. O projeto foi vetado e os alunos organizaram uma passeata pelas principais ruas e avenidas da capital mineira.

*Passaram pela Rua Pernambuco e quando chegaram à Santa Rita Durão já gritavam morras ao reitor, que morava na Rua Paraíba. Mendes Pimentel saiu de sua casa e dirigiu-se à Universidade acompanhado por filhos.*

A sala do Conselho estava cheia de professores e de diretores, a polícia estava ausente e pedradas começaram a quebrar lustres e vidraças enquanto a multidão de estudantes invadia o prédio.

76

*Estudantes miraram a cabeça de Estevam Pinto e nela acertaram uma pedrada que o fez cair ao chão, o branco de seu cabelo tingindo de sangue. Ergueram mais o braço para que a próxima pedra alcançasse a comprada cabeça do reitor. Esta raspou-lhe a fronte e uma bala partida do revólver de 1 filho seu cortou a vida de 1 dos estudantes aglomerados no local.*

Só então a cavalaria da polícia chegou.

*O tiro que liquidara o estudante na sala da Diretoria ricocheteou e dilacerou por dentro o reitor que, no escritório da Rua Paraíba, recebia visitas de solidariedade e comia o espaço das salas com passadas em todos os sentidos.*

O doce Mendes Pimentel fez a defesa do filho que o defendera, Roberto, e nunca mais foi o mesmo.

Outro evento que causou comoção na cidade envolveu outro filho do “avô que nascera ancião” e uma doença venérea quase epidêmica naquele tempo: a sífilis. Sonia testemunhou a agitação, quase silenciosa, entre os homens de Belo Horizonte quando um filme batizado com este nome – *Sífilis* – entrou em cartaz.

*Toda a população mandara tirar mais cedo o jantar e, às 6 da tarde, deputados, sacerdotes, juízes e desembargadores já tinham comido seu feijão com torresmo e palitavam dentes sob a copa dos ficus da Avenida Afonso Pena, à espera de que fosse aberto o cinema Pathé.*

A luz foi apagada, os cidadãos de família acomodaram-se nas poltronas e a sífilis começou a mostrar na tela, em preto-e-branco, os estragos que poderia provocar nos corpos humanos.

*Quando muitas vítimas já havia a sífilis sacrificado e outras tantas aleijado, acendeu-se a luz do cinema, mostrando fisionomias assustadas. Olhavam-se os espectadores e parecia todos haverem-na adquirido durante o tempo em que no escuro estiveram sentados.*

E o filho do dr. Mendes Pimentel?

A confusão começaria no dia seguinte, durante sessão promovida só para estudantes – eles de novo. A multidão aglomerou-se na porta, os ingressos evaporaram em minutos e logo a bilheteria foi fechada com o cartaz de “Lotação esgotada”.

*A sífilis imobilizava pessoas, bordando-as com feridas na escuridão. Fora, estudantes estudavam maneira de penetrar no prédio do cinema à revelia do porteiro e forçavam com seus corpos a borboleta da entrada.*

Ao gerente do cinema Pathé só restou acionar a manivela de seu telefone uma, duas, três, quatro, cinco vezes, até a voz da telefonista completar a ligação. Eram sete horas da noite quando o telefone tocou na casa dos Mendes Pimentel. O filho delegado atendeu, vestiu seu melhor terno branco e foi sozinho ao cinema pôr ordem na casa.

*Já tinham estudantes arrancado o cartaz que fechava a bilheteria e uns aos outros empurravam tentando entrar no cinema. O delegado de branco vestido postou-se na portaria fulminando-os com olhos vermelhos, espatifava-os com punhos fechados cheios de cabelos, até que, atingindo 1 deles debaixo do queixo, deixou-o caído no meio-fio.*

Estudantes juraram vingança. Iriam atacar o delegado no dia seguinte, quando ele saltasse do seu carro à porta do bar Trianon, onde muitos se reuniam para um aperitivo antes de voltarem para casa. Os amigos advertiram o filho de Mendes Pimentel – iriam linchá-lo – mas ele não se intimidou.

Sonia reconstitui estas cenas de thriller no seu *Baticum*:

*Faltava 1 quarteirão para que chegasse ao Trianon, e estudantes já subiam ao encontro seu e gritos de morra faziam-se ouvir. Pisavam cada vez mais firmes as polainas do delegado e, quando o cercaram, a aba do seu chapéu não deixava que lhe vissem os olhos. Aproximaram-se para pegá-lo e o delegado enfiou a mão no bolso e, antes que aparecesse o aço da arma, correram os estudantes com medo de que o fogo os alcançasse.*

*Na mão do delegado apareceu 1 lenço que ele segurava como pomba amarrotada e que tornou a guardar depois de tê-lo passado no rosto.*

Em vez de tiros, uma pomba amarrotada. Mais uma mágica de Sonia Lins.

Uma das estrelas desse universo mineiro era madame Olímpia, a feliz proprietária do melhor cabaré de Belo Horizonte. Para espantar a polícia nas noites de confusão, ela costumava usar duas armas: dinheiro e, se não funcionasse, uma bolsa de crochê equipada com duas bolas de bilhar. De vez em quando, madame Olímpia plantava galos na cabeça dos soldados que insistiam em levar suas moças para o distrito.

Num desses ataques, ela acabou na delegacia. E adivinhe quem foi convocado para fazer sua defesa no fórum? O ilustre dr. Jair. Mais uma causa ganha.

*[...] ganhando a questão, foram-lhe oferecidas duas das mais bonitas moças do cabaret, para que com eles dormissem. Entortando 1 lado da boca, sorriu o pai, agradecendo à cliente. Estava bem servido em casa, onde também tinha moça bonita que com ele dormia.*

79

Num gesto de gratidão e compreensão, madame Olímpia trocou então as duas moças por dois mutuns, aves nada sedutoras.

*Eram pretos e selvagens e, como o pai, sozinhos falavam, arrastando no chão o comprimento do rabo.*

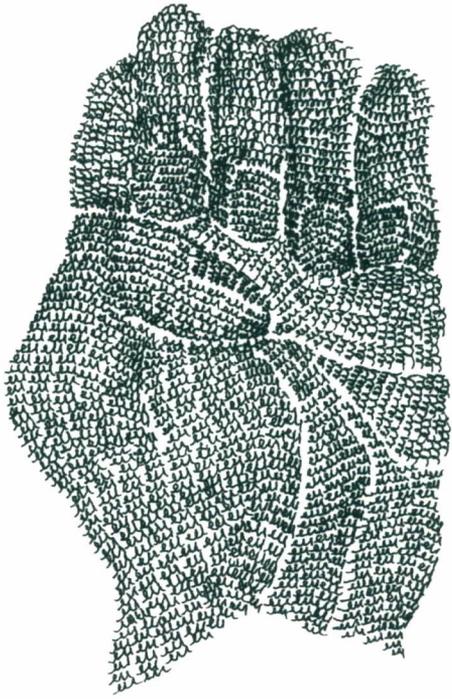
Quando os bichos desembarcaram no quintal, Ruth foi informada da sua origem e logo se dispôs a matá-los. Um impulso reprimido, é claro, por Jair, que usou um bom argumento: entre os mutuns e as moças, ele preferiu os mutuns.

Ruth conteve-se e sentiu um leve sabor de vingança quando, dias depois, Jair ganhou um trepidante casal de faisões e os colocou no passeador de tela ao lado das aves de madame Olímpia.

*Era dourado o faisão, e dava pena ver o ouro de seu rabo no chão arrastar-se, riscando em listras a areia onde pisava. [...] Olhando-os os mutuns caminhavam pelo passeador ao lado, falando sozinhos, levantando a crista em anzóis pretos, enquanto o pescoço empurravam para a frente: mu-tum mu-tum mu-tum mu-tum e feios e selvagens que eram, mais selvagens e feios ficaram, faisões parecendo ao avesso virados. [Baticum]*

Essas lembranças da infância marcaram Sonia para sempre e moveram seus passos a cada capítulo de sua vida. O casamento, a separação, os primeiros guaches e crônicas, a descoberta de um novo amor aos 40 anos, a mudança para Paris aos 72 anos, a explosão criativa na última etapa de sua vida. Em cada marco dessa trajetória há muito de Jair, Edmundo, Ruth, Lygia.





## Hora de sair de casa

Com 23 anos, em 1942, Sonia seguiu o caminho de todas as boas moças de família mineira: o casamento. O marido estava à altura da filha de Jair, neta de Edmundo Lins e Francisco Pimentel: Roberto, filho do advogado e ex-deputado federal Donato Andrade.

Trabalhador e obstinado como Jair, Roberto, recém-formado em engenharia, seria o companheiro ideal de Sonia nesses primeiros anos longe de casa, tempos de caminhar com as próprias pernas e descobrir a medida dos próprios passos, livre do cabresto de pai e mãe.

Com Roberto, Sonia saiu da capital mineira e foi para o interior. Seu novo endereço: a fazenda Calciolândia, dos sogros, em Arcos, a 210 quilômetros de Belo Horizonte. Donato comprou as terras logo depois de voltar dos Estados Unidos – onde cursou Agronomia no Tennessee – com um cavalo, um casal de porcos e um jumento a tiracolo.

Estes foram os primeiros habitantes da fazenda que se seria, ao longo de décadas, uma referência na criação de gado gir e nelore no país e um modelo para a pecuária leiteira. Naquele início de década de 1940, a fazenda tornou-se sede de um empreendimento pioneiro no Brasil: a primeira fábrica nacional de leite em pó, a Indústria São Miguel, fun-

dada em 1940. Antes dela, a multinacional Nestlé reinava absoluta no segmento com o seu Molico, lançado em 1928.

No galpão atrás dos currais, Donato e os três filhos, Maurício, Roberto e Gabriel, dedicavam-se à alquimia de transformar o líquido em sólido, o que envolvia a secagem do leite comum, em lento processo de evaporação, para preservar as proteínas do produto. Jatos de ar quente e paredes aquecidas faziam parte do aparato necessário à produção dos grãos de leite seco.

Dos fornos e filtros da fábrica saíam os leites Pulvolac, Nutrolac, Meigor – os mais famosos da época. O pioneirismo, que começou na produção, tomava conta também do processo de divulgação e comercialização dos produtos.

Já em 1952, Donato e os filhos veiculariam nas TVs da época *jingles* destinados a anunciar as infinitas qualidades do leite em pó para a saúde dos bebês. Se dependesse dos Andrade, a era das “amas-de-leite” estava com os dias contados. Bastava misturar o pó refinado com água filtrada ou fervida para que se obtivesse a mistura mais prática e saudável para a amamentação.

Nada prático mesmo era fabricar, embalar e distribuir o leite em pó. Roberto sofria na fábrica ao lado do pai e dos irmãos e dedicava boa parte de seus primeiros anos de casamento a viabilizar o negócio da família. A fábrica era uma dor de cabeça constante.

Era o preço do pioneirismo.

Sônia mantinha distância dessas agruras do universo masculino e tentava adaptar-se à convivência com a sogra, d. Laura, no chamado mundo das mulheres. Cozinha, jardim, casa. Centralizadora, sempre vigilante, a mulher do dr. Donato vivia como uma típica matriarca mineira, atenta aos filhos e... às noras.

Para quem sonhava com a liberdade ao sair da casa dos pais, a mudança para a casa dos sogros foi marcada por um certo travo de decepção e constrangimento. A atmosfera na fazenda Calciolândia – tão vasta e bucólica – começou a sufocar a filha de Jair e Ruth.



*Roberto Andrade e Sonia Lins*

Para arejar um pouco a vida de recém-casada, Sonia dedicava-se a longas caminhadas pela fazenda, onde também eram produzidos queijos e criados cavalos manga-larga e porcos para exportação.

Sonia sentia-se bem mais à vontade ao lado das colunas do que na “Casa-Grande”. Tão à vontade que iniciou muitas delas na arte do tricô e chegou a promover em plena fazenda, com um projetor alugado, uma sessão de cinema exclusiva para os empregados. Nas telas, Gordo e Magro. Uma noite inesquecível para lavradores que nunca tinham entrado numa sala de exibição.

Com freqüência, quando a fazenda ficava pequena demais para ela, Sonia aventurava-se pelas estradas de terra esburacadas e enlameadas rumo a Belo Horizonte. Uma aventura que, de carro, chegava a durar oito horas e, sobre os trilhos de trem, mais seguros, estendia-se por quase dez horas. Um esforço recompensado pelo reencontro com pais, irmãos e avós.

Em Belo Horizonte, Sonia estava em casa. Em Calciolândia, nem tanto. Esta sensação ficou clara quando ela voltou para a fazenda, depois de uma temporada na capital, e sentiu falta de uma trepadeira dada a ela pelo pai. Sonia tinha plantado a muda ao lado do caramanchão preferido do sogro.

– Onde está minha planta? – ela perguntou.

– Seu Donato mandou arrancar – foi a resposta dos empregados.

A reação de Sonia foi fulminante: mandou ferver uma chaleira de água e escaldou o caramanchão.

Na fazenda, era cada vez mais comum ver Sonia, impecável, visitar as casas dos colonos para conversar entre xícaras de café e fornadas de pão de queijo. Uma das moradoras da fazenda, Irene, tornou-se uma amiga. Quando Sonia batia à sua porta, era recebida com irresistíveis porções de pastel de carne.

Sonia comia pouco – sempre comeu – e caminhava muito, com cuidado para não dar de cara, sozinha, com bois e vacas perdidos pela mata. Era nessas caminhadas que ela mantinha o peso sob controle e ganhava fôlego novo.

Só depois de três anos de casamento veio o primeiro filho. Sérgio nasceu no dia 13 de junho de 1945. Finalmente, Sonia se sentiria menos sozinha em Calciolândia. Agora ela começaria a construir sua própria família. Mas ainda faltava uma casa.

D. Laura, a sogra, era uma presença cada vez mais incômoda e invasiva. Sonia nunca se esqueceu do dia em que Roberto foi visitá-la no hospital logo depois do parto. Ele estava gripado e sua mãe fez questão de retirá-lo da maternidade o mais rápido possível.

– Aqui você não vai se recuperar – disse e levou o filho para a casa dela.

Sonia sentiu-se mais sozinha do que nunca e desabou numa das raras crises de choro de sua vida.

Era possível ser mais feliz. Mas como?

Roberto trabalhava sem parar e penava na fábrica. Foi ali, aliás, que Sérgio aprendeu todos os palavrões de sua vida. Os primeiros ele ouviu do pai entre um acidente de percurso e outro. O resto ele aprendeu quando Roberto tropeçou num fio desencapado e foi atravessado por um choque.

Com o trabalho e o aumento das vendas, a vida melhorava e já dava para ir a Belo Horizonte em duas horas. Uma mágica possível graças à compra de um Piper Cub, teco-teco de lona amarela, capaz de voar a espetaculares 110 quilômetros por hora.

Sérgio ia sempre de “primeira classe”: no colo da mãe. Para vencer o medo de voar do filho, Sonia adotava estratégias especiais. Uma delas era a de pedir para os empregados da fazenda empurrarem o avião na pista, ainda desligado. Com a boca, ela fazia barulho de trem... e, só então, o motor era acionado. Durante a viagem, Sonia costumava repetir para Sérgio: “café com pão, manteiga não, café com pão, manteiga não”.

Um pouco de poesia não fazia mal a ninguém.

Sonia, como poucos, sabia disto. Na casa de Calciolândia ela recorria, de vez em quando, a lápis e caderno para espantar a solidão. As palavras cobriam as páginas

em branco e ela se sentia acompanhada por lembranças e emoções que não podia dividir com ninguém.

Numa tarde, Roberto pediu para ver os escritos. Sonia recusou-se a abrir o caderno. Foi um das primeiras brigas dos pais testemunhadas pelo filho. Uma das raras discussões.

No dia 30 de janeiro de 1948, a família cresceu. Nasceu Kiko, o segundo filho, três anos depois de Sérgio.

Era um ano de grandes mudanças para a família Andrade. Gabriel, o irmão mais moço, e seu colega da Escola de Engenharia de Minas Gerais, Flávio Gutierrez, fizeram uma proposta a Roberto, engenheiro já formado: criar uma construtora. O momento era aquele.

A Segunda Guerra Mundial tinha aberto caminhos para a exportação e para a industrialização do país. O governo de Getúlio Vargas criara conselhos de planejamento econômico e as primeiras estatais voltadas para a produção de insumos básicos, como a Companhia Siderúrgica Nacional, a Companhia Vale do Rio Doce, a Fábrica Nacional de Motores e a Companhia Hidrelétrica do Vale do São Francisco.

Gabriel, Flávio e Roberto perceberam que a criação de estradas e a melhoria das existentes seriam fundamentais para escoar tanta produção. Nasceu, então, em setembro de 1948, a construtora Andrade Gutierrez.

Era hora de abrir novos caminhos. Para Sonia, era a chance de sair da casa dos sogros e começar vida nova na cidade.

Em 1949, Belo Horizonte substituiu Calciolândia. Na capital mineira, a nova empresa começou a realizar as primeiras obras, pequenos serviços de urbanização. Na linha de frente, nessa fase de decolagem, estava um único trator, batizado de Soberano.

Sonia despediu-se de d. Laura e foi sucedida na casa por outra nora, Vera, então recém-casada com Gabriel, irmão de Roberto. Agora ela poderia ser a dona da própria casa, condutora da vida de seus filhos, mas a família típica, convencional, não seria constituída. O casamento estava condenado.

Em 1950, Sonia visitou a fazenda ao lado do marido, do pai e dos filhos. Foi uma espécie de despedida.

Durante uma longa conversa com Vera, à sombra de um dos caramanchões do velho Donato, Sonia fez uma revelação: Roberto estava apaixonado por outra e a separação era questão de tempo. Sérgio corria pelo quintal e puxava pela rédea um dos cavalos de Gabriel.

Sonia só voltaria a Calciolândia mais de 50 anos depois, para um reencontro emocionado com os colonos que se tornaram amigos.

Sua vida, naquele início dos anos 1950, estava prestes a sofrer transformações profundas.



# Separação

KIKO TINHA POUCO MAIS DE DOIS ANOS QUANDO SONIA E ROBERTO DECIDIRAM MUDAR-SE PARA O RIO DE JANEIRO. Aquela era uma mudança decisiva para a filha de Jair e Ruth. De Belo Horizonte para a capital do Brasil, da casa dos pais ou dos sogros para a própria casa, de uma província para a “cidade grande”.

Agora sim. Sonia estava livre... e estava perto da irmã, Lygia, vizinha de porta no apartamento da rua Prado Júnior, em Copacabana. Ela ficava no 801, Lygia, no 802. As irmãs compartilhavam o mesmo hall e o peso de tomarem uma decisão dura e polêmica para a época: a de se separarem dos maridos.

Lygia saiu na frente e rompeu o casamento com o engenheiro de exploração mineral Aluizio Clark Ribeiro, com quem se casou aos 18 anos e com quem teve três filhos. Aos 31 anos, ela declarou independência e arcou com as conseqüências de se tornar uma desquitada num país onde as mulheres costumavam acompanhar os maridos na saúde e na doença até o túmulo.

Sonia demorou um pouco mais e só decidiu dar o passo definitivo ao ver o quanto o marido estava apaixonado pela “outra”. Se seguisse a cartilha da época e ouvisse os conselhos das mulheres de seu tempo e espaço – a Belo Horizonte

dos anos 1950 – ela fecharia os olhos e daria todas as chances à sagrada instituição do casamento.

Ruth, Áurea, Lolô – todos estes modelos femininos talvez tenham pesado na decisão de Sonia. Não era esta a trajetória sonhada por ela: cuidar da casa, zelar pelo marido acima de tudo, abdicar de quaisquer projetos profissionais ou ambições pessoais em favor da família. Ela queria ir mais longe. Antes de romper com Roberto e tornar-se uma “desquitada”, Sonia decidiu passar uma temporada com Lygia na cidade preferida de seu pai: Paris.

Lygia tinha acabado de se mudar para a capital francesa com os filhos para investir no estudo da pintura. Sonia iria encontrar-se com ela lá. Antes precisava deixar os filhos, Sérgio e Kiko, na casa dos pais em Belo Horizonte.

Era hora de ficar sozinha para reencontrar-se. Ou encontrar-se.

Paris – a cidade que iria marcar sua trajetória até o fim – foi decisiva nesse recomeço de Sonia Lins.

Ela ficou hospedada na casa da irmã e já no primeiro fim de semana foi deixada sozinha no apartamento enquanto Lygia passava aqueles dias fora. Chovia forte e, para passar o tempo, Sonia pegou guache e papel de Lygia e começou a pintar. Os desenhos ficaram sobre a mesa da sala e, dias depois, foram descobertos pelo professor de pintura de Lygia, Dobrinsky.

– Lygia, o que aconteceu com o seu desenho que mudou tanto? – ele perguntou.

Lygia revelou a verdadeira autoria dos guaches e o professor nem pensou duas vezes: decidiu incluir quatro obras da artista estreada em uma mostra de talentos da nova geração.

Um dos guaches exibia um título com a marca da irreverência de Sonia: “Uma formiga de 18 metros”, alusão a uma canção de Juliette Greco (sobre uma formiga gigante), musa dos existencialistas da época. Deu certo. Este quadro – em especial – fez sucesso na mostra e mereceu elogios da crítica.

Sonia ficou feliz com a repercussão, mas em momento algum pensou em seguir os passos da irmã. Não teria disciplina nem vontade suficientes para construir uma carreira nas artes plásticas. Sua prioridade era outra: cuidar dos filhos, viver em paz, de preferência.

Quando Sonia voltou para o Rio de Janeiro, três meses depois, encontrou os armários e as gavetas de Roberto já vazios. Foi este o combinado antes da viagem – a separação – mas ela ficou surpresa ao deparar-se com tanto espaço livre.

– Onde estão suas roupas? – chegou a perguntar ao ex-companheiro, quando ele a buscou no aeroporto e a deixou em casa. Roberto já morava em outro endereço. Cabia a Sonia resgatar seus filhos na casa dos pais e construir uma nova trajetória para si mesma. O papel e a caneta – e não as telas e as tintas – foram seus companheiros e confidentes nessa nova etapa de sua vida.

“*Kerida, Koração, Katolik (ora essa), Kdla (uhn!)*” – Sonia datilografou numa página em branco, sem data.

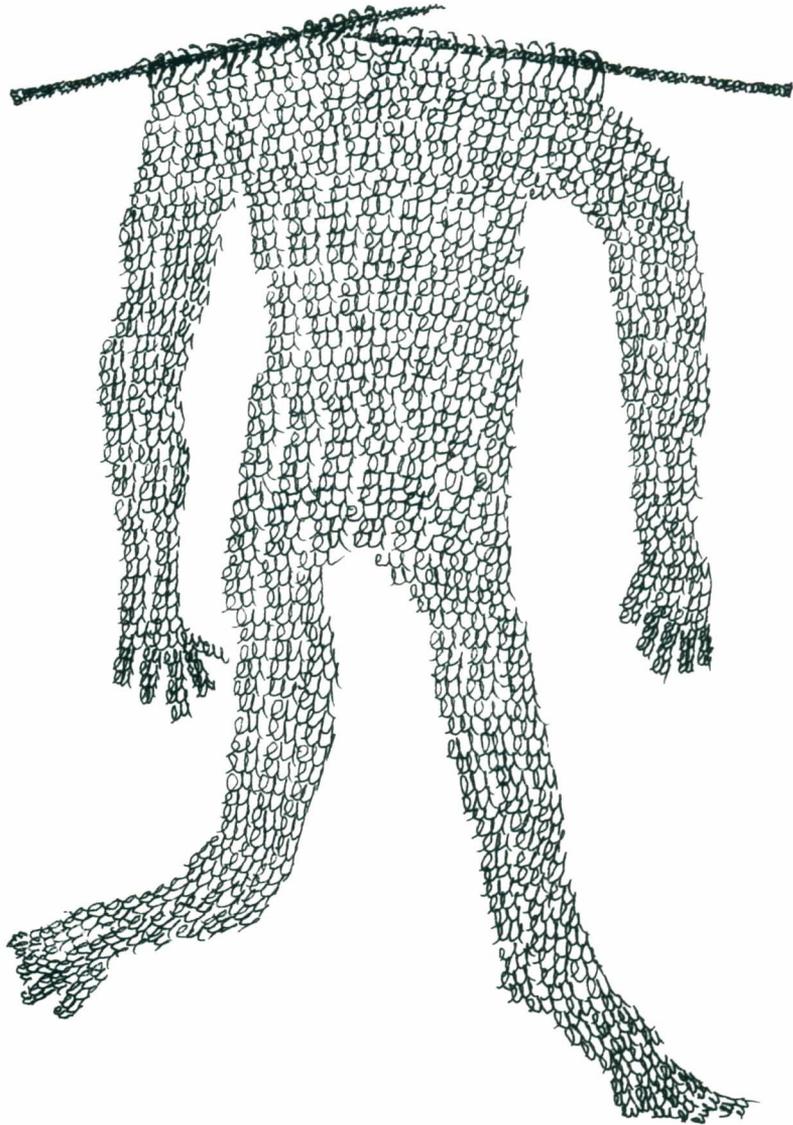
Em outra página, surgiu uma crônica intitulada “Solidão”.

*Escuros eram os móveis da casa. Na mesa holandesa, junto aos guardanapos, havia um forro plástico guardado. Ao puxar a gaveta para fora, tinha-se medo de ver uma barata passar rente às mãos. Era uma gaveta feliz, não se arrumava nunca.*

Para terminar, uma constatação também escrita numa página qualquer:

*É necessário escrever, ando deixando escapar traques literários.*

Sonia brincava com as palavras. Este – muito mais do que o mundo das artes plásticas – era o seu universo.



## Um recomeço

EM 1959, ÀS VÉSPERAS DE COMPLETAR 40 ANOS, SONIA ABRIU ESPAÇO EM SUA VIDA PARA UM NOVO ROMANCE. Um caso proibido com um homem casado. Tabu quase tão feroz quanto o desquite.

Fazer o quê? Viver.

Este era o verbo a ser conjugado, por mais custoso que fosse. Na última década, Sonia tinha se dedicado a criar os filhos, com dificuldades, a ler e a reler os autores preferidos – Voltaire, Henry Miller, Maupassant – e a escrever textos para a gaveta, ou melhor, para si mesma.

Alguma ambição literária? Não.

Projetos artísticos? Também não.

Viver. Este era o verbo. E poucos, no Rio de Janeiro, no mundo, talvez, soubessem conjugá-lo tão bem, com tanta coragem, quanto um médico chamado Paulo Albuquerque.

Era ele. Uma mistura do Jair Lins, que batia papo em francês com orquídeas, com o Roberto Andrade, que transformava leite líquido em sólido, e com o Edmundo Lins, lírico e irreverente das aventuras de infância.

Paulo era o desconhecido, o inusitado, o surpreendente, a aventura. Tudo o que Sonia queria ao cruzar a faixa dos 40 e iniciar sua jornada na segunda etapa da vida. Mais tarde, ela encontraria nos diários da libertária e polêmica Anais Nin

uma frase sobre Henry Miller que se aplicaria ao médico: “Ele é extravagante, viril, magnificente. É um homem a quem a vida embriaga, pensei. É como eu”.

Paulo Albuquerque era o “Pitanguy da urologia”. O maior especialista em rins e vias urinárias do Brasil, uma das estrelas do melhor centro médico do Rio, o Hospital dos Estrangeiros. Consultório lotado de celebridades e de poderosos (o empresário Assis Chateaubriand e o presidente JK, por exemplo), consultas e cirurgias cobradas a peso de ouro, reconhecimento internacional. Mas não era nada disso que entusiasmava Sonia.

O que Paulo fazia nas horas vagas era o mais atraente. Irresistível mesmo. O médico recusava-se a manter os pés no chão. Voava, mergulhava, cavalgava, navegava, cruzava mares em veleiros, acionava o manche de jatos e bimotores para atravessar os céus e reduzir o tempo de suas travessias.

Em 1937, com 24 anos, recebeu seu brevê internacional de piloto das mãos do presidente Getúlio Vargas. A solenidade de formatura aconteceu em outubro, no Aeroclube de Manguinhos, no Rio de Janeiro. Paulo estava ao lado de outros recém-formados em aviação e fez o possível para não ser reconhecido por Getúlio, velho amigo de seu pai, Jesuíno, e de toda a família Albuquerque. O motivo de tanta discrição: medo da mãe.

D. Jurema tinha pavor da aviação e esconjurava tudo o que fosse ligado a vôos. Paulo voava escondido...

Para ficar incógnito, Paulo paramentou-se com capacetes e óculos de vôo e adicionou ao disfarce óculos *Ray-ban* bem escuros. Não deu certo.

O presidente olhou para o filho do amigo, checkou o brevê a ser entregue, leu a identificação no uniforme e pronto:

- Mas você é mesmo o filho do Jesuíno?
- Sou, presidente.
- Pois dê cá um abraço especial. Teu pai é grande amigo meu.

Paulo deu o abraço e fez o pedido:

– Presidente, dona Jurema detesta aviação e ignora totalmente esta minha artimanha.

Getúlio deu boas gargalhadas, prometeu sigilo e cumpriu.

D. Jurema só descobriu a “artimanha” do filho ao receber um telefonema da amiga Dalila Bulcão de Mello.

– Parabéns – ela disse.

– Parabéns por quê?

– Li hoje no jornal. Seu filho venceu a competição aérea do fim de semana.

Durante mais de trinta dias, d. Jurema recusou-se a falar com Paulo e fez questão de sair da sala sempre que o “filho Judas” entrava.

O repertório de histórias de Paulo era inesgotável.

Algumas delas ele ia colecionando enquanto convivia com um dos seus pacientes mais famosos e controvertidos: Assis Chateaubriand. Um dos casos era clássico. Pouco antes de submeter-se a uma cirurgia de próstata com Paulo Albuquerque, o velho magnata avisou os amigos, de brincadeira, que levaria para a sala de cirurgia um revólver com duas balas:

– Se eu sair broxa daquele hospital, meto uma bala na cara do médico Paulo Albuquerque e guardo a segunda para enfiar na minha própria cabeça.

Salvaram-se todos.

Paulo divertia-se – e divertia os amigos também – com histórias como estas. Uma delas, também protagonizada por Chatô, é antológica.

Às voltas com uma infecção na próstata, ainda em 1953, Chateaubriand era obrigado a urinar a cada meia hora. Ele enfrentava a doença com o tratamento prescrito por Paulo Albuquerque, quando chegou o dia da coroação da rainha Elizabeth II em Londres. Chatô tinha sido convidado para a festa e estava decidido a participar da cerimônia, apesar dos conselhos contrários de Paulo Albuquerque.

A cerimônia duraria cinco longas horas, sem intervalos. Uma missão impossível para quem precisava esvaziar a bexiga de trinta em trinta minutos.

Chatô não se intimidou. Vestiu um longo sobretudo sobre a casaca e abriu, com uma gilete, dois talhos nos forros dos bolsos do casaco de lã. Em seguida, pediu ao bar do hotel duas garrafas vazias de Coca-Cola e enfiou cada recipiente num bolso do capote. Devidamente equipado, rumou para a Abadia de Westminster, onde tomou seu lugar a cinco metros de distância daquela que, minutos depois, seria coroada.

A cerimônia começava quando Chateaubriand enfiou as mãos nos bolsos do sobretudo, desabotoou a braguilha, tirou o pênis para fora e urinou aliviado. Repetiu a operação dez vezes ao longo do ritual, entre toques de clarins e gaitas de fole.

– Deus salve a rainha.

Com tantas histórias para contar e viver, Paulo Albuquerque era mesmo irresistível.

Pela primeira vez, Sonia identificou em alguém um companheiro para aventuras antes impensáveis.

Ele tinha família, sim – mulher, filhos – mas ela admitia dividir espaço e tempo para ser feliz nas “horas vagas”. “Sônia deu a Paulo uma alegria de vida e uma tolerância extraordinárias. A tolerância de quem compreende o ser humano em suas qualidades e defeitos”, avalia hoje o cirurgião plástico Ivo Pitanguy, um dos maiores amigos do casal.

Mas o preço de tanta liberdade era alto.

Em 1959, Sérgio, o filho mais velho, tinha apenas 11 anos e sentia na pele o preconceito de ter pais separados. Até mesmo no então vanguardista Colégio Brasileiro de Almeida, zona sul do Rio, o desquite atraía preconceitos. Filhos que moravam “apenas” com a mãe eram alvos de piadas maldosas dos colegas. Uma figura masculina, forte e presente em casa fazia a diferença.

E lá veio Paulo Albuquerque, 46 anos, numa nada discreta Mercedes-Benz conversível 190-SS, placa 1959. Sérgio nunca se esqueceu da primeira aparição. Paulo estacionou em frente ao prédio à noite, abaixou a capota e buzinou várias vezes em plena Rua Assis Brasil. Sonia desceu e os dois saíram juntos pela primeira vez. O romance duraria a vida inteira e seria pontuado por inúmeras viagens, frequentes encontros com amigos – sempre regados a uísque – momentos inesquecíveis na terra, na água e no ar.

Por que Sonia não produziu mais? Por que lançou apenas sete livros (*Baticum, O livro da árvore, Almanaque abre-te Sésamo, Artes, És tudo, Eu e O livro das dessabedorias*) apesar da qualidade de seu texto? Por que só começou a expor, com assiduidade, depois de completar 80 anos?

Faltava tempo. Ela estava ocupada demais em viver.

O ano de 1959 foi o da virada. Um ano de inspiração em todos os sentidos.

Sonia já não cabia dentro dela e descobriu na palavra a sua matéria-prima.

As páginas do “Suplemento dominical” do *Jornal do Brasil* passaram a receber poemas e crônicas suas. Sem compromisso, com liberdade – como ela gostava.

Na época, o *JB* revolucionava a forma e o conteúdo dos jornais e inventava uma nova fórmula de divulgar as notícias do dia, com uma diagramação arrojada, neoconcreta, títulos rasgados no meio da página, fotos sangradas na capa. Um suporte ideal para os textos também transgressores de Sonia.

*Havia azul no céu. Também azul era a curva da estrada.*

*O cascalho estalava debaixo das alpercatas das crianças. Não eram 5 nem 6, eram 1 cacho. Uma havia que levava o azul na gola à marinheira, outro num bolso e na saia de uma outra, entre as pregas, ele se tornava mais intenso. Locomoviam-se por ser-lhes impossível estar parados. Depois da curva da estrada, uma árvore veio-lhes ao encontro. (Março de 1959)*

Havia azul no céu. Também azul era a curva da estrada.  
O cascalho estalava debaixo e alpercatas das crianças.  
Não eram 5 nem 6, eram 1 cacho. Uma havia que levava  
o azul na gola à marinheira, outra num bolso e na saia de  
uma outra entre as pregas, êle se tornava mais intenso.  
Locomoviam-se por ser-lhes impossível estar parados. Depois  
da curva da estrada,  
uma árvore  
veio-lhes ao encontro.

Era mão cujos dedos permaneciam  
abertos

As crianças treparam-lhe por sobre os galhos e sentaram-se  
em suas falanges.

Eram frutos que balançavam pernas e que por vezes o  
sapato deixavam cair.

O mais velho tinha franjas embora fôsse tio.

A mais comprida magra de azul vestida sua testa era grande  
e os cabelos inchavam-lhe  
sobre as orelhas.

Entre as menores, uma cultivava uma ruga na testa. O sol  
jogava-se sobre seu pescoço  
arlequinando-o

A menor de todas, a calça lhe caía como 1 defluxo por  
sobre uma das pernas.

E o que menos idade tinha e que nem por isso era o de todos  
menor, jorrava-lhe

o azul dos olhos

como se a cor lhe fôsse expremida de dentro para fora.

Havia outrossim 1 outro, que azul não era e cuja irmã ainda

**sônia lins: prosa**

*As ilhas tinham árvores como cabeças têm cabelo — árvores em ereção, ejaculando folhas, folhas todas elas com uma estória a contar e o mar escutava-as abençoando-as aspergindo-lhes gotas — mar onde peixes viajavam e que canoas trazia banhando pessoas na areia — areia torrada que fazia mais azul o mar — cor trazendo canoas cujos braços remos eram, que pessoas carregavam, sempre mulheres mais que homens, mulheres com mais largura que altura em 2 partes divididas, cabeça tronco e membro, membros como tronco de árvores volumes estampando vestidos apaziguados quando barco ainda em movimento — mas ao vir recebê-las a areia, mexiam-se juntando quadris, filhos deixando debaixo de saias saírem, a saltarem alguns sobre patas, outros se despregando-lhes das vestes e mais aqueles que de braço mais pareciam seios de pernas que criança. Debaixo de árvores negros haviam chegado tambores tocando requebrando shorts de cores maribundando em enxame — ilha, bandejadarvore.*

101

Sem pontos finais nem parágrafos, Sonia navegava no texto e lançava-se em novas travessias. Um dos textos do *Jornal do Brasil* era este (quase um ensaio para o *Baticum*, lançado cerca de 20 anos depois, em 1978):

*Do poste abriu 1 olho vermelho.*

*Automóveis que se acotovelavam na curva sentiram pés freando suas mandíbulas.*

*No chão uma faixa picotada por alguns deles menos obedientes ajudava a contê-los para que bípedes pudessem*

*Transgredir a rua*

E lá vinha Ruth com os três filhos. A cena era corriqueira — o ato de atravessar a rua — mas os olhos de Sonia a transformaram em saga e poesia.

DO POSTE ABRIU I ÔLHO VERMELHO.

ÂUTOMOVEIS QUE SE ACOTÔVELAVAM NA CURVA SENTIRAM ~~QUE~~ PÉS FREIANDO SUAS MANDÍBULAS.  
NO CHÃO UMA FAIXA PICOTADA POR ALCUNS DÊLES MENOS OBDIENTES, AJUDAVA A CONTE- LOS  
PARA QUE BÍPEDES PUDESSEM TRANSGREDIR A RUA.

À MÃE

DESPREGOU SEUS OLHOS DO ÔLHO VERMELHO DO POSTE E COMEÇOU A ENFRENTAR AS FACES  
DOS CARROS DE CÔRES DIVERSAS, PROCURANDO MANTE-LOS COM O OLHAR AONDE ESTAVAM.  
ERA PRECISO A T R A V E S S A R COM 3 DEGRAUS DE FILHOS.  
2 DÊLES USAVAM SUSPENSÓRIOS, DO OUTRO NÃO SE SABIA O SEXO. ESTAVA ~~POIS~~ COBERTO  
POR PREGAS DE I AVENTAL.

A MÃE

PUXAVA-OS COM AS MÃOS E ÊLES ÀS VESTES SE LHE <sup>ABOTOAVAM</sup> ATRACAVAM E A  
<sup>Senas</sup> MEDIDA QUE ERAM REBOCADOS, ~~DETRAVAM~~ ARRASTAVAM MALAS E CASACOS  
PELO ASFALTO. ENQUANTO ANDAVA, <sup>beravam</sup>

À MÃE

<sup>olhos</sup> OS ~~OLHOS~~ MANTINHA SOBRE OS AUTOMOVEIS COMO  
BARRAS DE FERRO. ~~SEUS~~ SEIOS AJUDAVAM-NA A  
ANDAR E VIA-SE O MOVIMENTO DÊLES <sup>que</sup> SUBINDO  
ATÉ O OMBRO, DANDO PASSADAS, COMO SE ELA  
TIVESSE 4 PATAS

ÀS CRIANÇAS <sup>ainda</sup> NÃO TINHAM OLHOS  
~~POIS NADA VIAM~~, MAS BOCA SEI QUE JÁ  
LHES HAVIA NASCIDO <sup>2</sup> POIS ESCUTEI-LHES  
A VOZ. OS AUTOMOVEIS FUNCAVAM ~~1-POU~~  
CO E SAÍA FUMAÇA DO NARIZ DOS MOTO-  
RISTAS

À MÃE

DE BRAÇOS GROSSOS  
AJUDOU AS 6 PERNAS <sup>deles</sup> DOS  
FILHOS ~~PARA QUE~~ CALÇASSEM  
O MEIO-FIO, E COMO ~~SE~~  
QUIZESSEM LAMBE-<sup>do</sup> LHES  
OS CALCANHARES

A V A N Ç A R A M OS MONSTROS EM VELOCIDADE DÍSPARES

DA MÃE

FICOU-ME A IDÉIA DO PESCOÇO LIVRE, CORADO PELO ESFÔRÇO E ABAULADO COMO O DE I TOURO.

*A mãe despregou seus olhos do olho vermelho do poste e começou a enfrentar as faces dos carros de cores diversas procurando mantê-los com o olhar onde estavam.*

*Era preciso atravessar com 3 degraus de filhos.*

*2 deles usavam suspensórios, do outro não se sabia o sexo, coberto estava por pregas de 1 avental.*

*A mãe*

*Puxava-os com as mãos e eles às vestes se lhe abotoavam sendo rebocados, ferindo malas e casacos pelo asfalto.*

*Enquanto andava, a mãe mantinha olhos sobre automóveis como barras de ferro. Os seios ajudavam-na a andar e via-se o movimento deles subindo até o ombro, dando passadas, como se ela tivesse 4 patas.*

*As crianças olhos ainda não tinham, mas boca já lhes havia nascido pois escutei-lhes a voz. Automóveis fungavam e fumaça saía do nariz dos motoristas. A mãe de braços grossos ajudou as 6 pernas dos filhos galgarem o meio-fio e lambendo-lhes os calcanhares avançaram os monstros em velocidades díspares.*

*Da mãe*

*Ficou-me a idéia do pescoço livre, corado pelo esforço e abaulado como o de 1 touro.*

Pela primeira vez, a “mãe do braço grosso” ganhava vida na página em branco. Sem saber, Sonia já carregava o *Baticum* vivo dentro dela.

Um rascunho deste texto, batizado de “Prosa-concreta”, revela bastidores da relação de Sonia com as palavras.

Era preciso inverter a ordem natural do texto linear para escapar do óbvio.

Um exemplo:

*As crianças ainda não tinham olhos pois nada viam, mas boca sei que já lhes havia nascido pois escutei-lhes a voz.*

Esta era a frase original, datilografada por Sonia e lapidada depois à mão até se transformar na versão final – bem mais poética:

*As crianças olhos ainda não tinham, mas boca já lhes havia nascido pois escutei-lhes a voz.*

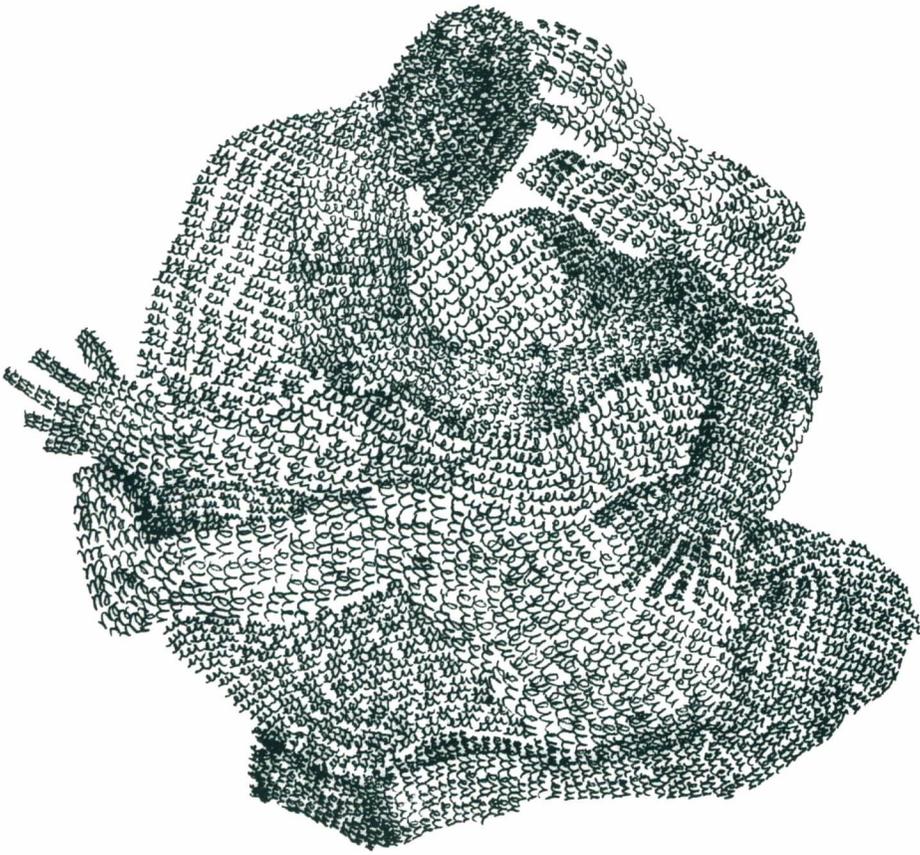
Que ninguém esperasse de Sonia o convencional. Muito menos de Paulo.

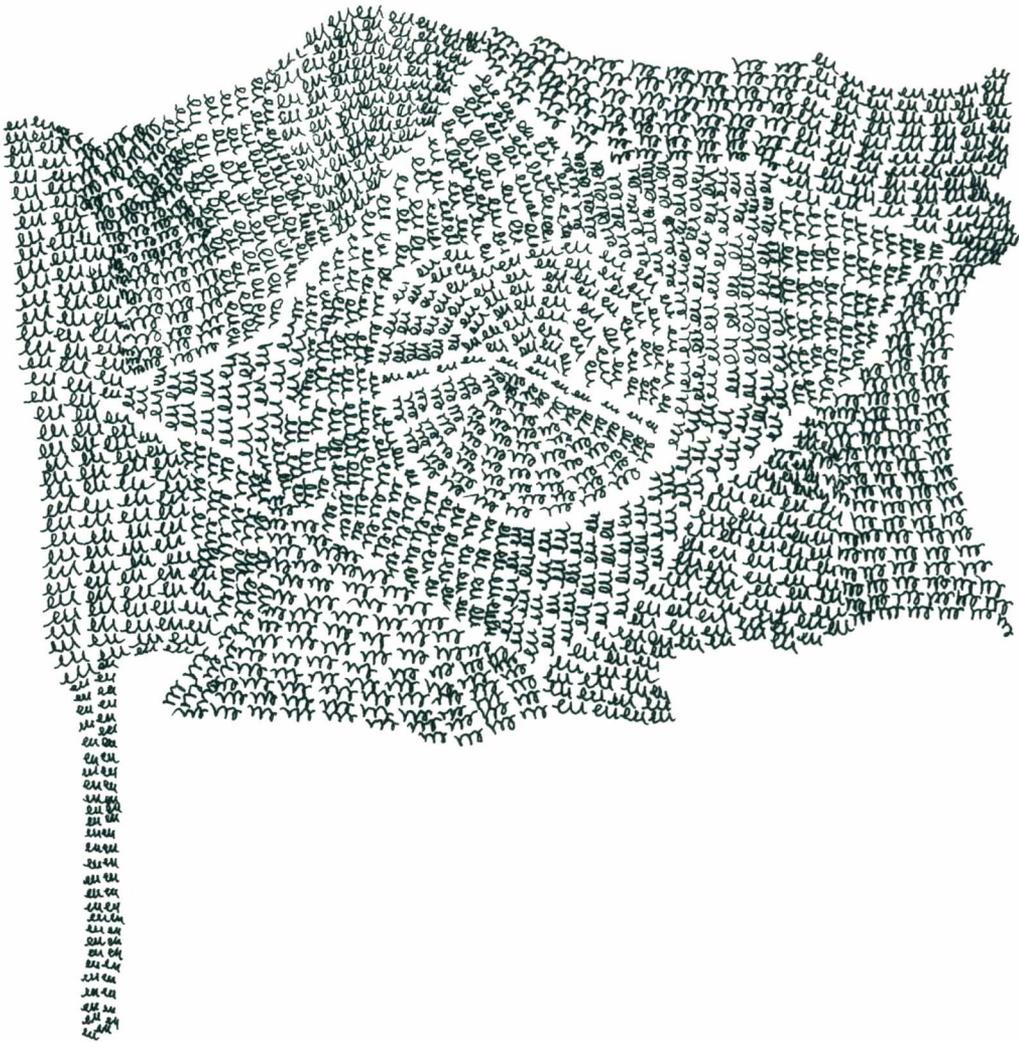
Para viver seu romance clandestino, livre de cobranças e censuras, o casal transformou em refúgio uma casa de Paulo em Itaipava, região serrana do Rio de Janeiro. Era ali, nas picadas da mata, que eles cavalgavam juntos.

Paulo mantinha num haras cinco cavalos. Star – o mais manso de todos – era o preferido de Sonia.

Bons vinhos, uísque no fim da tarde, temperaturas amenas no auge do verão carioca. Eles passavam cada vez mais tempo ali, até resolverem partir do alto da serra para o litoral.

Paulo Albuquerque tinha um ótimo motivo para mudar de ares: o espetacular Água Branca, um Command Cruiser de cem pés, comprado por ele e Pitanguy. O barco tinha pertencido a Roberto Marinho e reinava soberano nas águas do Rio. Os fins de semana a bordo passaram a ser cada vez mais freqüentes e animados.





# Levantando âncoras

ERA HORA DE LEVANTAR ÂNCORAS E CRUZAR A BAÍA ATÉ A ENTÃO DESERTA PRAIA DE ITAIPU, EM NITERÓI, OU GIRAR O LEME NA DIREÇÃO DE BÚZIOS E CABO FRIO.

De tão bonito, o barco foi escolhido para levar sua alteza, o príncipe Phillip, duque de Edimburgo, a um passeio pela Baía de Guanabara, durante a sua visita ao Rio, em 1968.

Outros convidados assíduos no *deck* do Água Branca eram o presidente da Light, Antonio Galotti, e dois futuros ministros de Estado: Santiago Dantas, todo-poderoso ministro da Fazenda no governo de João Goulart, e Roberto Campos, figura-chave da equipe de Castelo Branco, primeiro a assumir o poder após o golpe militar de 1964.

Sonia embarcava nas aventuras marítimas do companheiro e divertia-se com a vida a bordo. Logo a dupla de médicos navegadores descobriria um novo refúgio, bem mais exclusivo.

O endereço das novas aventuras ainda era desconhecido no Brasil. A Búzios já tão badalada de Brigitte Bardot que os perdoasse. O paraíso carioca mais promissor chamava-se Angra dos Reis, um lugar quase ermo, selvagem ainda, onde os principais eventos sociais, bastante concorridos entre os nativos de suas 365 ilhas, eram a Festa do Divino e o Festival do Siri.

Sonia descobria os prazeres de tirar os pés do chão ao lado do namorado e desvendar os muitos paraísos de Angra e arredores. Em pouco tempo, ela também se apaixonou por aqueles cartões-postais vivos e selvagens.

Ficou tão apaixonada que decidiu embarcar no novo projeto do namorado: construir em Angra, de acordo com padrões internacionais, a primeira marina do Brasil. O projeto incluía também a construção do primeiro condomínio horizontal do país.

A área escolhida foi a da antiga Fazenda da Cachoeira. Para chegar ao terreno era preciso cruzar quase 40 quilômetros de estrada de terra, ou melhor, de barro (a futura rodovia BR-101), até o Saco da Cachoeira e, em seguida, atravessar a baía, muitas vezes de caiaque.

E lá iam eles.

O projeto era ousado e Sonia apostou nele com entusiasmo. Ousadia era com ela mesma. Herança do pai, do avô. Desbravar era um verbo irresistível. O sonho saiu do papel e transformou-se em uma mistura de condomínio e clube, um modelo seguido, anos mais tarde, por empreendimentos como o Marina Porto Frade e o Portugal.

Paulo e Sonia projetaram toda a construção. Habitações simples, pequenas e espaçadas. A idéia era oferecer aos hóspedes um teto e um banheiro. Afinal, os clientes – todos eles navegantes – passariam o dia nas embarcações.

Em Itaipava, o casal desenvolveu dois modelos de moradia: cabanas de telha ou sapê, feitas de madeira e tijolo aparente, com uma sala embaixo e um quarto no andar de cima, e os *cottages*, de tijolo pintado de branco, um pouco maiores.

O motorista de Paulo na época, Oliveiro, ajudou na montagem e na desmontagem desse “piloto”. Separadas umas das outras para garantir a privacidade dos hóspedes, as casas não tinham cozinha – o clube oferecia refeições e serviços de limpeza, num esquema semelhante aos apart-hotéis de hoje.

Havia até um espaço reservado para bandejas na janela, onde era servido o café da manhã aos felizes proprietários. Os detalhes da arquitetura e da decoração ficaram a cargo de Sonia.

De acordo com os planos do casal, a marina deveria ser construída em dois anos. Tudo deu tão certo que a obra ficou pronta em um ano e meio, com sede, atracadouro e canal com capacidade para abrigar barcos de grande porte. Ainda hoje existem no lugar o Angra dos Reis Marina Clube, o condomínio Marina e o condomínio Marina Ponta do Cais – todos criados por Paulo Albuquerque.

A inauguração, em 30 de março de 1966, mobilizou boa parte da chamada “sociedade” carioca, saudada por Sonia com uma exposição de obras de artistas de vanguarda como Antônio Dias, Iole de Freitas e Rubens Gershmann.

Entre os compradores das primeiras unidades estavam Ivo Pitanguy e outro apaixonado pelo mar, Roberto Marinho. Mais tarde, as cabanas seriam transformadas em casas de veraneio sofisticadas, muitas delas assinadas pelo arquiteto Carlos Cito. Não sobraria nenhuma das casinhas simples boladas por Sônia e Paulo nos bons tempos.

Pioneirismo do começo ao fim, da descoberta de um paraíso ainda oculto à divulgação de artistas em ascensão. O sucesso do Marina Clube atraiu a elite para Angra e ajudou a transformar a região num dos endereços mais VIPs do Brasil.

Deslumbrado com o lugar, Pitanguy fincaria âncora na baía, ao comprar a Ilha dos Porcos Grandes, um belo pedaço de terra que tratou de transformar num Éden particular, povoando-o com os animais típicos da região: tatus, macacos e antas.

No livro *Angra dos Reis – Baía dos Reis Magos*, Pitanguy traduz em texto a devoção despertada pelo paraíso.

*Angra dos Reis... um navegante, que pela primeira vez penetrou o seu mistério e magia, sentiu-se impregnado pela imponente de sua baía, onde centenas de ilhas se abrigam...*

*A vegetação, fustigada pelo vento, como que fugia de um lado e se inclinava para o outro, com a força própria de uma natureza selvagem e em plena comunhão com o mar. As reen-  
trâncias, a intimidade que os dois trocavam, fez com que o velho avistasse ao longe a ilha  
de Jorge O Grego. Sentiu a paz que a proteção da Ilha Grande oferecia. Ele havia penetra-  
do em terra diferente, privilégio de quem se aventura pelo mar...*

Aretusa, Ressaca, Victoria I, os Arpeges de Luiz Labarto e Felipe Mattoso, o Voodoo de Alfredo Santos Souza, o Vento Perso de Luiz Vieira Souto. Não faltavam barcos para Paulo abrigar na Marina ou navegar, como proprietário ou tripulante.

Todos os navegantes tinham um ponto em comum: sabiam divertir-se e organiza-  
vavam as festas mais imperdíveis de todos os oceanos. O empresário Dirceu  
Fontoura, dono do barco Atrevida, era o anfitrião dos happenings mais animados.  
A farra costumava ser tão desbragada que Dirceu instituiu uma regra de seguran-  
ça: rebocava um bote para resgatar os convidados que perdessem o equilíbrio e  
despencassem na água.

Pitanguy construiu uma pista de pouso na Ilha dos Porcos e a viagem ao para-  
íso – que demorava cinco horas de carro – ficou mais irresistível ainda. Bastava  
embarcar no avião bimotor com capacidade para dez pessoas, importado dos  
Estados Unidos pelo cirurgião plástico, para desembarcar no meio do verde e da  
água 25 minutos depois.

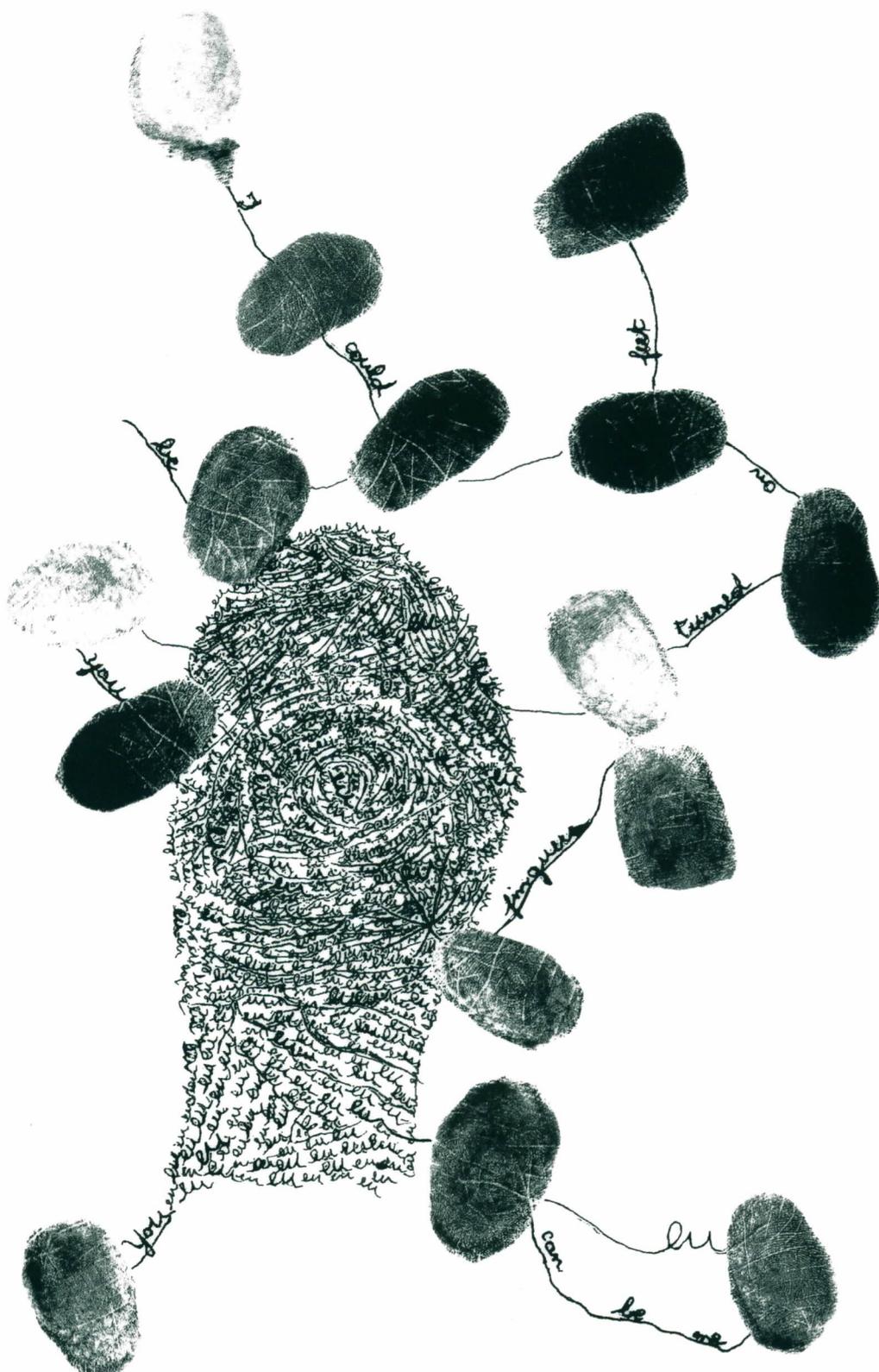
Angra entrou no mapa e não saiu mais. Paulo foi quem se retirou do lugar,  
depois de abrir caminho para a chamada “alta sociedade”. Sempre incansável, ele  
queria mais. De vez em quando, falava com entusiasmo de seu projeto mais ambi-  
cioso: o de parar de trabalhar e fechar o consultório aos 60 anos para dar a volta  
ao mundo de veleiro.

Há anos ele alimentava esses sonhos, enquanto planejava com Sonia  
– a quem chamava de Soninha – “travessuras futuras”. Santiago Dantas, Roberto

Campos, Antônio Galotti, Miguel Lins e outros companheiros de copo e idealismo foram testemunhas de algumas dessas conversas. De vez em quando, um deles se oferecia para embarcar também... Poucos imaginavam o quanto Paulo falava sério.

Nos idos de 1933, quando começou a trabalhar, ele já pensava em largar tudo e desaparecer em um barco. Velhos companheiros de primeiro emprego – como Acylino de Lima Filho e Pedro Nava – testemunharam os planos do jovem médico recém-formado.

Faltava pouco para Paulo apostar todas as fichas na aposentadoria mais aventureira possível, enquanto Sonia se voltava para as próprias raízes e mergulhava, com fôlego e coragem, na longa gestação de seu *Baticum*.



you

could

feet

no

you

you

turned

you

you

you

can

you

be me

you

# Baticuns

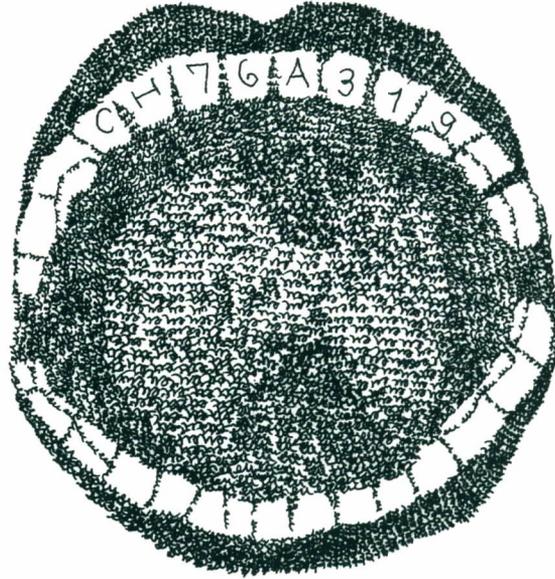
CORAÇÕES ACELERADOS OS DE SONIA E PAULO NAQUELES ANOS 1970. Paulo encaminhava-se para a sua “data-limite” – os 60 anos – e Sonia cruzava a barreira dos 50 com os olhos voltados para a infância. Lembranças e emoções maduras, prontas para serem colhidas, enquanto o velho Jair despedia-se da vida e d. Ruth preparava-se para seguir em frente, com os suspiros de sempre, até o fim.

Lygia, a irmã mais querida, era uma artista cada vez mais reconhecida no Brasil e no exterior. Suas máscaras sensoriais, os *Bichos*, suas vivências e cursos de comunicação gestual na Sorbonne, em Paris – toda esta inventividade sem limites – a transformavam numa referência no cenário das artes plásticas mais vanguardistas de seu tempo.

E era com ela, Lygia, que Sonia trocava cartas sobre o novo projeto: um livro sobre a infância. A idéia, contava Sonia, partiu do amigo Mário da Silva Brito, crítico de arte e principal historiador do modernismo brasileiro.

– Um dia ele falou comigo: “Sonia, eu vou te pedir um livro. Você vai escrever um livro sobre as histórias de Belo Horizonte que você conta pra gente. Mas eu quero um livro numa linguagem coloquial”.

*Baticum* só seria publicado em 1978, mas já em 1972 era tema de cartas entre as irmãs.



*Parabéns pelo livro, estou muito contente e quero o primeiro exemplar – escreve Lygia em 5 de junho.*

*Acho que o livro é corpo e coisa viva e vivida [...] – analisa em 22 de novembro do mesmo ano.*

*Em 1973, Baticum estava em plena expansão.*

*Minha querida: sua carta mais parecia seu livro pegando fogo. Li e reli várias vezes. Tinha tal densidade que foi fogo para digeri-la. [...] Quanto à opinião de que você é o novo Oswald de Andrade é sensacional. Acho que seu livro será um grande sucesso! Tomara que seja publicado o mais rápido possível. [Lygia, em 26 de janeiro de 1973].*

*Carta de Lygia para Sonia*

Paris 5 de junho de 1972

Minha querida,

Aí vai a sua bota que me esqueci de mandar das outras vezes, perdoo-me a cabeça não anda muito boa, embora bem melhor do que já esteve. Meus planos são ir até aí no mes de julho mas espero conversar com a Nyomar que me desaconselha a viagem. Ela acha que o Brasil está passando por momentos difíceis e que torna difícil para a gente ir até aí. Camargo já está aí e espero que nada lhe aconteça. Krasberg irá em meados desse mes e eu gostaria de ir em julho como já te disse. Seria uma maneira de botar fim ao meu cara que é o fantasma não aparece e está viajando pelo mundo. Já estou cheia de tudo isso mas gostaria de vê-lo antes da partida para que as coisas fiquem mais claras. Deve aparecer aqui nesse mes. Recomecei a ler um pouco e estou trabalhando muito mas só com a cabeça. O resto acabou-se e também o que era de... parabens pelo livro estou muito contente e quero o primeiro exemplar... Todos por aqui bem - Viela trabalhando muito na psicologia, quase não a vejo. Luciano Martins não o vejo há tempos. Tem nova mulher que é simpática mas tudo lá está meio enguiçado também. Jean Cly foi para a Espanha passar uns dias. Me roubaram aqui dentro do atelier uma caixa linda de aço inoxidável ! Era aquela do cubo. Tem vindo aqui tanta gente que nem sei quem foi. Incrível ! O tempo continua pessimista, frio e o calor quando chegar vai ser duro sem primavera antes que falte por completo. Vi Roma de Fellini e não gostei. E o chápinha dos intelectuais. Recebi carta de Pedrinho e ainda a notícia que me mandou 300 dolares mas ainda não recebi e nem a remessa de Alvares. Tereza está levando a bota e essa carta para você. Ontem tivemos como sempre uma noite animada, musica jogo e televisão até 2 da manhã. E o Cardim você o viu ? Recebi outra carta da Ediene sobre o filho. Agradecendo e dizendo que não há remedio para o seu retardamento que é consequencia de falta de exigência ao nascer. Fiquei com pena dela. Recebi carta de Ralf Camargo me propondo devolver obras já compradas imagine que canalhinha... Jean chegou mas ainda não o vi. Estou começando a ler um novo livro que se chama L'Anti-Oedipe de um tal Deleuze. No começo parece muita literatura, depois eu conto. Ana Sculz recebeu minha carta ? Mandei há muito tempo logo que recebi a dela e nada de resposta... Conte-me bastante noticias pois as saudades são imensas... Bil beijos para todos incluindo o Paulinho !

Lygia tinha pressa. Sonia não. O tempo dela era outro. Bem diferente do tempo de Paulo Albuquerque. No dia 17 de julho de 1973, ele completou os fatídicos 60 anos, mas não conseguiu pôr seus planos em prática. Era preciso acumular mais reserva e encontrar o barco certo antes de iniciar a Grande Viagem.

Sonia e Paulo dedicavam-se cada um a seu projeto e respeitavam – e estimulavam – as escolhas do outro. Era uma espécie de pacto entre eles: o da liberdade e do direito inalienável de buscar o prazer e acertar as contas com os próprios desejos e necessidades.

Nas cartas entre Lygia e Sonia, a gestação de *Baticum* dividia as atenções das irmãs com a preocupação crescente com a saúde do pai.

*Ando muito aflita pelo estado de papai; lhe escrevi uma carta para ver se lhe dava um pouco de coragem e amor... – escreveu Lygia.*

*Com muita pena dele, sobretudo, sempre teve pavor da doença que no fundo significa morte. [carta de Lygia a Sonia]*

A mesma doença, o câncer, levaria Sonia trinta anos depois.

Em 1973 – depois de 14 anos de romance – Paulo conheceu finalmente Jair e Ruth. Lygia comemorou esse encontro em nova carta.

*Estou contentíssima com a ida do Paulo para conhecer papai e mamãe e também por você tê-lo achado melhor.*

Nesta carta, Lygia elogiava Sonia pelo adjetivo criado por ela para definir sua terapia radical em Paris: “caralhal”. Bastava ler as descrições das sessões feitas por Lygia para concordar com o neologismo, cabeludo sim, mas justo. Com a palavra, Lygia, ao descrever seus progressos no divã:

*Mamei, criei culhões entre as pernas, uma ferida negra nas costas que tudo engole, antropofágica e ao mesmo tempo ferida de traição. Depois do diálogo com o merda gato, entrei por um grande cano e virei serpente, lutas e guerras entre elas, depois uma águia que podia ainda matá-las e acabei virando um polvo cheio de braços e criei essas trombas que saíram da vagina da boca dos olhos e das orelhas...Estou em plena fase fálica e vejo o mundo como uma só forma fálica. Descobri que sou uma forma fálica, serpente, e ando comendo muita galinha como elas gostam e também como a águia gosta!*

Caralhal.

Sonia brincava com as palavras para dar forma a seu livro e Paulo Albuquerque dedicava-se aos preparativos da viagem mais arriscada de sua vida. Para ele, era como se fosse uma gestação. Não é à toa que a introdução de seu livro – *Memórias e experiências náuticas* – publicado em 1994, exibiria este título: *Fecundação e gravidez*.

117

Ali Paulo descrevia a ansiedade vivida por ele enquanto se preparava para fechar as portas do consultório, levantar âncoras e iniciar uma nova fase de sua trajetória.

*Na natureza há uma fase na qual o ovo se formou e progride, mas resta sempre um certo grau de dúvida nos casais e namorados de se realmente estará ou não se processando uma gestação. Na decisão de construir um veleiro oceânico e empreender uma cicunavegação, existe também uma fase de dúvida. Só que no tocante a barcos o período de dúvida pode ser mais prolongado do que nas gestações humanas e, hélas, não há reações laboratoriais para as quais se possa apelar, como dispõem as mulheres em dúvida.*

O processo de decidir a compra de um veleiro e iniciar a viagem de anos – ele dizia – era moroso, sutil... e incontrolável.

*Ao cabo de algum tempo, o barco e a viagem se tornam inequívocos, a barriga crescida se torna indisfarçável como nas mulheres e inapelável o resultado final. Mais cedo ou mais tarde, o parto se anunciará...*

E o parto se anunciou em 1975, para desespero dos amigos de Paulo.

– Por que esta viagem, meu Paulinho? – perguntavam Cruz Lima, Bernardo Couto, Lopes Pontes, Cláudio Goulart de Andrade, colegas e amigos do urologista mais famoso do Brasil, reunidos no gabinete de Bernardo em meados de 1975.

Faltavam seis meses para a partida quando todos se juntaram para tentar dissuadir Paulo Albuquerque da “loucura máxima”. Alguns deles sentiam, intimamente, uma certa inveja do seu gesto de coragem.

O “Pitangy da urologia” ia abrir mão da rotina de consultórios e enfermarias para se lançar em novos cenários, outros mundos.

A primeira razão para empreender uma aventura daquelas, Paulo dizia, era muito simples: estava tudo lá. Os mares, os céus, os astros, os países, os portos, as gentes, “para instruir e entreter a quem queira”.

Era o mundo que Paulo queria. O mundo cercado de água por todos os lados. Um universo que ele começou a desvendar no fim da década de 1930, quando se tornou sócio do então recém-fundado Fluminense Yacht Clube.

A outra razão para largar tudo e iniciar sua longa viagem era, segundo Paulo, uma “certa jovialidade”, da qual ele nunca poderia se separar.

*Com mais de sessenta anos de idade, com vida profissional e pessoal perfeitamente bem-sucedidas, senti vontade e capacidade de mudar mais uma vez dentro do meu âmbito de vida útil – escreveu na introdução de suas memórias de viagem.*

Num dos parágrafos do texto, o verdadeiro motivo, o mais profundo e o mais verdadeiro, foi relatado assim pelo marinheiro-escritor:



*Colagem de Anna Szulc*

*A gente não empreende uma “viagem dessas”, como diziam alguns dos meus amigos, em virtude de razões objetivas: a gente empreende uma viagem dessas porque há um impulso íntimo, uma causa subjacente por vezes difícil de definir, uma coceirinha que dá no pé da alma e faz a gente andar.*

Nas cartas trocadas entre as irmãs Sonia e Lygia, a viagem de Paulo Albuquerque merecia apoio incondicional.

No dia 22 de fevereiro de 1975, Lygia estimulava a irmã a embarcar junto com o namorado:

*Acho maravilhosa a idéia de juntar com ele e correr o mundão louco. Depois de tantos anos, você merece uma boa lua-de-mel...*

Sonia não embarcaria com o namorado. Preferiu ficar em terra firme, às voltas com sua viagem particular e com sua própria “coceirinha no pé da alma”: o *Baticum*.

*O pai da moça do braço grosso nascera ancião. Era comprido e curvo como uma bengala. Era branco e sua figura em negativo era a de Ataulfo Alves com uma só pastora que se saiba. Uma brancabela pastora pobre que cigarros fazia sem nunca fumá-los. Pois o que nascera ancião mais sua brancabela pastora que se saiba, que cigarros fazia sem jamais tê-los fumado, mais filhos tiveram do que filhas.*

Este era o primeiro parágrafo do livro. Lírico, sim, e sem nenhum compromisso com a compreensão fácil e direta. O “pai da moça do braço grosso” era Francisco Pimentel. A brancabela pastora era a avó Áurea, ex-operária de uma fábrica de cigarros. Sonia contaria mais tarde:

- Detesto essa história de dizer nome de pai, nome de mãe. Eu fiz uma árvore genealógica em que eu descrevia a pessoa só com as características físicas. E chegava ao lado de dentro.

Não havia nada de linear no texto, nenhuma preocupação de ser clara e objetiva. O importante era atingir o “lado de dentro”.

Em *Baticum*, uma palavra puxa a outra, uma emoção nos pega pelo pé, desa-visados e - quando a gente menos percebe - já é personagem também daquela casa, daquela Belo Horizonte, daquela mesa posta com Jair na cabeceira, daquelas jabuticabeiras no quintal.

Paulo levantou âncoras. Sonia também.

O amigo Ivo Pitanguy foi um dos poucos, além da família, que mereceram espaço no livro de memórias de Sonia:

*Para saber o número exato de operações feitas pelo cirurgião Ivo Pitanguy é necessário indagar qual é o número do último cliente atendido por ele, dividir este número por 3 e multiplicar o resultado por 2, tirar os nove fora, acrescentar juros de mora, extrair a raiz quadrada, marcar hora para ser operada, pois as contas devem ter-lhe enrugado a testa, e somar o resultado obtido mais esta operação.*

121

E logo abaixo, entre aspas, a frase de Pitanguy:

“Operei o equivalente a todos os habitantes de uma pequena cidade.”

Sonia foi uma das que passaram pelo seu bisturi, mas não com intenção de rejuvenescer. Certa vez, apareceu na clínica do amigo para reparar a cicatriz deixada na cabeça por uma queimadura provocada pelo secador de um salão de beleza.

Pitanguy consertou o estrago.

Em *Baticum*, o nascimento do médico mereceu de Sonia a seguinte descrição irretocável.



– Filhinha, não fui filho de pai rico. Tive que trabalhar muito, desde cedo, e dei-xei para viver a vida depois de acumular dinheiro aos 62 anos.

Estava decidido. Paulo não consultou a família nem pediu seu aval. Comunicou a decisão de zarpar, vendeu a belíssima casa na Gávea Pequena por uma fortuna a Raphael de Almeida Magalhães, fechou as portas do consultório no auge da car-reira e foi em frente pelo mar afora.

Queria viajar com calma, sem pressa de chegar.

*Se não saio hoje, saio amanhã. Se não chego em duas semanas, chego em quatro. E levo a casa às costas com roupas, livros, badulaques, azeite-de-dendê e farinha, música brasi-leira, Chico Buarque, Tom Jobim, Dorival Caymmi, Roberto Carlos, Gal Costa. Comendo à brasileira e ouvindo música nossa, sente-se menos saudade, a saudade que a gente sente é até boa e a viagem melhor aproveitada.*

Aquele era seu *Baticum*.

Este era o *Baticum* de Sonia.

*Contavam que antigamente Jesus Cristo saía pelo mundo disfarçado para melhor poder aquilatar os sentimentos dos seres que criara e, vestido como mendigo, bateu à porta de 1 gato a quem pediu 1 copo de água. O gato no copo mijou e deu-o a Cristo, que sem perda de tempo o amaldiçoou. Continuou seu caminho e encontrou uma casa, onde palmas bateu. Atendeu-o 1 cachorro e quando Cristo 1 copo de água lhe pediu correu no guarda-comida, tirou de lá o copo melhor que tinha, outra vez lavou-o e encheu-o de água limpa e fresca. Jesus tudo bebeu pois estava morrendo de sede e não só agradeceu como abençoou todas as raças de cachorro do mundo.*

O livro ganhava corpo e o veleiro de Paulo Albuquerque ganhava forma. Um Swan de 48 pés, desenhado pelo escritório naval de Sparkan & Stephens, em Nova York, um dos melhores do mundo, e construído pelos estaleiros Nautor na Finlândia.

Foi um longo – e custoso – processo.

Depois de pronto, um barco deve passar pelo período de “comissionamento”. Fase de instalações de instrumentos especiais de navegação, comunicações, arranjo de convés, balizamento de pilotos automáticos, embelezamento e conforto. Todos os detalhes devem ser acertados para adaptar a embarcação ao gosto e às necessidades específicas do proprietário.

Foi um parto... e lá veio ao mundo o Victoria III.

*Era um bichão o Victoria III. Grande, forte, bonito, imponente! Também relativamente complicado de operar, com todo seu equipamento eletrônico e um arranjo de convés que o colocava na categoria de grand prix, o máximo da época – registrou o pai coruja em suas memórias de viagem.*

Sonia ficou em terra firme e Paulo seguiu viagem com uma figura-chave na fase de comissionamento do barco: Valery Argot, definida por ele no livro como uma “amiga multinacional incorporada à tripulação”. Suas qualidades: ser exímia cozinheira, de grande expediente, e uma compradora experiente.

A vida a bordo estava longe de ser paradisíaca. Pelo contrário. Um pouco mais da metade do tempo – segundo cálculos do próprio Paulo – era gasto com arrumação e limpeza. O trabalho na cozinha, então, não acabava nunca.

– Isso é viver como se a gente fosse muito pobre! E sem as vantagens do serviço social – reclamou Valery depois de semanas de rotina marcada pela arrumação de camas, lavagem de louças e limpeza de banheiros e latrinas.

Aquela, definitivamente, não era a viagem de Sonia.

Ela não precisava se lançar ao mar, num veleiro, para ir longe. Com o perdão do lugar comum (que Sonia esconjuraria), bastava ela abrir as velas da imaginação aos tufões da infância. Seu “comissionamento” era o talento para jogar com as palavras e as lembranças que a maioria de nós deixa para trás, em alguma ilha perdida do passado.

*Na rua começavam grilos a cantar em copa de árvores, e numa delas estava escondido o homem da capapreta que pulava em cima das moças como gotas de chuva, para abraçá-las e engravidá-las. Evitávamos a sombra das árvores e o caminho de volta fazíamos ralando cotovelos em muros. Aos poucos, em vez de 1 só homem da capapreta, vários havia em árvores e, apertando a caixa de sandálias douradas, correndo chegamos em casa com os nossos finos braços.*

Jair foi embora, os irmãos choraram juntos a perda do pai e Sonia passou a arrematar suas memórias.

Já a vida de Paulo Albuquerque, “al mare”, passaria por turbulências inesperadas, altos e baixos de maré, temperatura e finanças...



## Navegar é preciso

DE DEZEMBRO DE 1976 A JANEIRO DE 1977, O EX-UROLOGISTA MAIS FAMOSO DO PAÍS CUMPRIU A PRIMEIRA META DE SUA VIAGEM: venceu as 1.600 milhas náuticas entre Cape Lookout e Saint Thomas nas Ilhas Virgens Americanas, a temperaturas sempre abaixo de zero, sob nevascas e chuvas de granizo.

Com cinco camadas de roupa perde-se até a vontade de urinar: a mão-de-obra para vestir e desvestir a fim de se dar uma urinada realmente não compensava e ninguém bebia líquido.

Mas quem disse que Paulo lamentava intempéries como essas? Nada disso. Ele festejava “paz e liberdade” inéditas em sua vida.

*A progressão rápida da minha vida profissional no Brasil e no exterior trouxe uma sobrecarga inusitada de obrigações proporcionais e, com isso, muito cedo, foi-se parte significativa da minha paz de espírito. Preocupações profissionais com os doentes, ensino e organização médica, compromissos sem fim a atender no Rio, no Brasil e no exterior, negócios melhor ou pior sucedidos, tudo a roubar paz de espírito e tempo; com isso, foi-se a liberdade para fazer as coisas das quais realmente gostava.*

Numa ocasião, em conversa com amigos, Arminda, casada na época com Paulo, comentou sobre o marido:

– Ele só faz o que quer e faz tudo o que quer.

A resposta de Paulo veio fulminante:

– Não, senhora. Faço tudo o que posso e isso fica a anos-luz daquilo que quero.

A bordo de seu “Victoria” Paulo cruzava o Caribe, enfrentava tufões, atracava em Saint Thomas, comia e bebia nas tavernas de Tortola, nos mesmos bancos e nas mesmas mesas e balcões onde, há séculos, corsários como Drake ou Morgan duelavam.

Os sonhos da vida inteira ele realizava a cada porto, cada embarque e desembarque.

*Em Tortola vim a conhecer e velejar no famoso Siroco, o primeiro iate de Errol Flyn, atracado ao nosso lado e atualmente propriedade de gente simpaticíssima que o aluga quando não está usando o barco – registra em seu diário.*

E chegou a hora de conhecer Saint Barthélemy – “Saint Barth para os amigos”.

*A entrada do porto é uma graça de beleza e sobretudo de encanto. É tudo tão acolhedor e tão quente que, ao chegarmos, antes mesmo de estarmos ancorados definitivamente, todos a bordo diziam espontaneamente: como já gosto daqui, como já me sinto ligado a este lugar. Espantoso!*

Nos portos maiores, Paulo passava um ou dois dias hospedado nos melhores hotéis, onde usufruía de confortos como um bom banho de banheira ou passeios de carro pela região.

Em Point-à-Pitre, ele ficou no recém-inaugurado Meridien e aproveitou, então, para tentar fazer contato com a “maloca” – como ele dizia. Há semanas não tinha notícias de Sonia, das filhas e dos amigos.

*Telegramas, só mesmo com a desorganização gaulesa: um, passado em regime e custo de urgência, dois dias depois de emitido não havia chegado ao Rio.*

Telefonemas a cobrar? Operação de guerra. De Pont-à-Pitre chamava-se a Martinica e, de Martinica, chamava-se Paris. Por intermédio de Paris, a ligação era, então e com muita sorte, completada para o Rio de Janeiro. E não se podia sair de perto do telefone.

*Fiquei trinta e seis horas prisioneiro do hotel, mais particularmente do quarto. Mas valeu a pena ter ouvido a Soninha, as filhas e o neto mais velho já com voz safada.*

Paulo cruzava o mundo e Sonia mergulhava em seu universo mais profundo, com liberdade de sobra. Se o intrépido companheiro de aventuras não estivesse tão longe – e tão feliz – Sonia talvez não tivesse tido tempo nem paz suficientes para dar vida e cor a seu *Baticum*.

*Céu de Belorizonte, ao olharmos para ele, estava alto e azul. Pulávamos os degraus da cozinha, pisando cestos arriados dos ombros de verdureiros, colocados no cimento do pátio da escada, permitindo ao grosso braço da mãe escolher a verdura que daria ao pai para mastigar na hora do almoço. Ao atingirmos o tijolo do quintal, atentos ao ruído de nossos sapatos, céu parecia baixar aproximando-se de nós. Nuvens acumulavam em banco e vinham espiar-nos brincar, do alto de nossas cabeças. [Baticum]*

Ruth leria o livro e ficaria inconformada com tantas menções a seu “braço grosso”. Sofreria também ao ser retratada como aquela que punia filhos com castigos, cascudos e puxões de orelha. Mas já era tarde. Sonia escreveu o livro sem concessões à família ou aos leitores.



Quem lê, desavisado e pela primeira vez, *Baticum* imagina uma filha quase revoltada com o pai, definido em trechos do livro como o “maníaco que baixo passou a assobiar”. Um disciplinador rigoroso, sim – como muitos chefes de família da época – mas Sonia entendia-o, admirava-o e respeitava-o.

Basta pegar uma carona no carro de Jair rumo à Serra do Cipó em longa viagem com a família a bordo.

*Ninguém podia conversar para não atrapalhar o chauffeur, brigávamos querendo nos sentar nas cadeirinhas e, se no banco de trás nos sentávamos, no meio não queríamos ficar. Discutíamos para saber qual era o lado mais bonito da estrada, a princípio em voz baixa, mas vozes gritos viravam, e virava também o pescoço do pai, nariz fumegando, e só a força de seus olhos brancos fazia-nos calar. [Baticum]*

131

Sonia acertava as contas com o “maníaco”, no melhor sentido da palavra – o homem devotado a manias como beber os melhores vinhos, cultivar as mais lindas orquídeas... e a construir, sim, um patrimônio sólido baseado em imóveis. Os filhos ficariam bem, em segurança.

A escrita do livro era incontrolável, o texto jorrava.

– O *Baticum* é que me dominava – disse certa vez à sobrinha Marília. Não foi um livro malvado, como pensavam, foi um livro enamorado, que falava da infância.

E o *baticum* de Paulo Albuquerque?

Golfo do México, Curaçao, Aruba, Panamá, São Francisco... A aventura de Paulo também continuava. E não faltavam episódios eletrizantes para temperar sua biografia náutica.

Em Puerto Corinto, a sessenta milhas da costa da Nicarágua, uma enorme traineira de pesca saiu de sua rota e apontou na direção do Victoria. Paulo não teve dúvidas: era um assalto. A traineira tinha cerca de 50 pés e pesava pelo menos o

dobro do Victoria e, com um motor possante, alcançava velocidade muito superior a do veleiro. A abordagem seria inevitável.

*Quando já se ouvia o ruído do motor da traineira e era óbvia sua intenção, estabeleci um plano de defesa. Um revólver calibre 38 que sempre carrego comigo e a respectiva munição, a pistola de sinalização de calibre 12 com sua caixa de munições, facas e facões foram distintivamente exibidos nos bancos do cockpit. A esta altura identificavam-se facilmente três tripulantes: dois adultos que se mantinham na casa do leme da traineira, enquanto o terceiro, jovem e franzino, se postava na ponta de uma longa plataforma de proa com a intenção óbvia de saltar para o Victoria.*

Paulo preparou-se para o pior e entregou o leme ao tripulante sul-africano recém-chegado ao barco. Durante uma hora e dez minutos, a traineira tentou abalroar o Victoria. Além da exibição da “artilharia”, foram necessárias manobras evasivas e gritos furibundos de Paulo para espantar de vez a traineira:

*— Si tienes dos pelotas entre las piernas, si sois hombre y no un maricón, salta para ver lo que va te ocurrir — Paulo gritava para o possível invasor.*

Deu certo.

De tédio, o ex-urologista de Chateau não morreria mais.

E lá vieram Guatemala, Puerto Madero, Acapulco – local bastante festejado por Paulo em suas memórias.

*[...] há tanta mulher bonita, bem-feita, desempenada e descontraída e tão poucas feias ou desajeitadas que perguntei repetidamente se seria hábito local matarem as feias ao nascer, como na velha Esparta, ou se as afogavam mais tarde. É realmente raro se ver em Acapulco mulher feia perambulando: só turista estrangeira.*

Lá estava o sedutor incorrigível de sempre, pronto a admirar e a homenagear a beleza feminina.

A única nuvem a pairar sobre o Victoria III era a situação econômica do Brasil em 1977, com inflação a 4,8% ao mês, supervalorização do dólar oficial e rentabilidade em queda vertiginosa da bolsa de valores. Todo este quadro consumia as reservas de Paulo Albuquerque em um ritmo preocupante.

Um ano depois de iniciar a primeira viagem de circunavegação realizada por um desportista brasileiro, Paulo já começava a pensar na hipótese de interromper a aventura, pelo menos temporariamente, e – o mais duro – de vender o Victoria III.

*Na minha idade, com mais de sessenta anos de vida útil e produtiva deixados para trás, como poderia ter a menor tranqüilidade ao constatar a cada quinze dias o desaparecimento rápido das minguadas economias de toda uma vida de trabalho? As notícias que recebo são com freqüência até ridículas.*

Em São Francisco – a “pérola das cidades americanas”, como definia Paulo – ele tomou a decisão mais difícil.

*Com o coração partido, a alma penada, o espírito deprimido, fui forçado a tomar as providências no sentido de me separar do Victoria III. Mas havia de ser feito. O Victoria foi posto à venda e logo vendido, o “Comandante” se recambiou ao Rio de Janeiro, via Varig.*

O fim da viagem era inevitável. Foram mais de 10 mil milhas marítimas até a constatação de que seria necessário o desembolso de um bom punhado de capital para novas despesas de manutenção, seguro e reposição de suprimentos.

A Paulo Albuquerque restaram as lembranças – felizes e tristes – da primeira etapa de sua viagem no melhor barco que ele conseguiria ter na vida.

*Apesar do trabalho contínuo e das solicitações subintrantes, há sempre, sobretudo durante o poente e no começo da noite, horas do maior repouso, do mais total relaxamento, de incrível bucolismo, de paz extraordinária, que faz bem aos olhos, ao corpo e ao espírito que penetra a alma. Essas serão, sem sombra de dúvida, algumas das razões pelas quais se encontram multimilionários de todas as procedências a empreenderem as mesmas tarefas de um “jovem” cirurgião carioca aposentado.*

Paulo não era multimilionário. Era um “jovem” cirurgião carioca aposentado. Esta talvez tenha sido a mais dura lição da primeira etapa de aventuras marítimas. Mas ele não iria desistir. Aquele não era um fim. Era um intervalo.

Sonia estaria ao seu lado nesse retorno e nessa retomada, sem mágoas e – o melhor – com o livro pronto para ir ao prelo.

No dia 25 de outubro de 1978, ela assinou o contrato de edição com Waly Salomão. *Baticum* seria publicado pela Pedra Q Ronca Edições e Produções Artísticas. Uma edição de apenas mil exemplares, publicada com o apoio do amigo Deolindo Couto, reitor da Universidade do Brasil.

Prestes a completar 60 anos, Sonia encerrava, com sucesso, a sua viagem.

Numa das páginas do livro de estréia, as lembranças do primeiro “corpo a corpo” com as palavras.

Beatriz, a irmã mais velha, tinha acabado de aprender a ler e a escrever no colégio e tratou de enviar uma carta de próprio punho ao “avô baixo e gordo”. Como recompensa, ela recebeu de presente, pelo correio, um vestido de crepe azul plissado, “saia enfeitada com bolsos com duas caras de bonecas louras sobre eles”.



*O neto Marcos, Waly Salomão e Sonia Lins no lançamento de Baticum*

Sonia não se conformou. Depois do almoço, ela se sentou no chão do quarto de hóspedes ao lado da irmã. Beatriz desenhava letras e Sonia copiava. Depois do treinamento, pegou um papel de carta e escreveu sobre as pautas uma carta para o avô. As palavras saíram grudadas, “como se fossem biscoitos que ao assar tivessem crescido.”

Funcionou.

*O vestido veio numa caixa e chegou vermelho como fogo, as bonecas sobre bolsos usando trança preta.*

As palavras todas colecionadas por Sonia ao longo da vida geraram um dos livros de memória mais ousados já publicados no país.

136 No dia 6 de janeiro de 1979, Sonia recebeu em casa um novo presente pelo correio... Não era um vestido.

*Prezada Sonia Lins*

*Curti muito a Belo Horizonte do meu tempo através de Baticum, que fala tanto à nossa sensibilidade mineira, resistente a todas as influências e transformações cariocas. Quantas figuras e situações apareceram de novo na trama que você teceu curiosamente no seu livro difícil de classificar, instintivo, nostálgico, irônico e cheio de emoção! A cidade ganhou mais um documentário impressionista, com essas páginas que eu li com grande prazer.*

*E pelo prazer da leitura, aí vai o abraço de agradecimento de*

*Carlos Drummond de Andrade*

Nada mau.

De Lygia receberia elogios entusiasmados, numa carta enviada de Paris em 1975: “Que maneira maravilhosa de se expressar, mais parece uma linguagem-natureza, é como a floresta, raízes profundas que se entrelaçam, sombras, galhos”.

O crítico de arte Luciano Figueiredo também festejou o *Baticum*, escrito, segundo ele, por “uma Gertrud Stein à la Minas Gerais, com suas construções acrobáticas com as palavras: textos longos, textos curtos, sintaxe explodida e as palavras martelando umas nas outras em pura percussão verbal, carregando músicas narrativas de vivências arcaicas”.

A repercussão foi a melhor possível.

Mário da Silva Brito, o autor da encomenda do livro, aprovou com louvor a obra de Sonia Lins e tratou de assinar uma crítica entusiasmada.

*Mais do que um livro de reminiscências, mais do que um álbum de família, nunca um solene cartapácio memorialístico, Baticum é a renovação de um gênero. Sonia não cultiva o passado pelo passado. Já é o futuro folheando o antanho — e rindo-se gostosamente de suas estruturas arcaicas, dos seus fundamentos tradicionalistas.*

Pronto. Sonia pôs seu “filho” no mundo e sentiu-se livre, liberada, para acompanhar Paulo Albuquerque em sua nova viagem. Ele estava decidido a retomar os planos interrompidos.



*Johann*

## Sonia a bordo

PAULO NÃO SUPORTAVA FICAR PRESO A TERRA. Precisava comprar um novo barco. O objeto de desejo do velho marinheiro era, agora, um Alpa 42, exibido em exposição náutica em Port Washington, um veleiro novo e de excelentes características, segundo ele.

Nascia o Victoria IV e começava ali também uma série de novos e – caros – procedimentos de comissionamento.

Os dois primeiros meses de obras foram conduzidos sem a presença do comandante. Em março de 1979, Sonia e o companheiro decolaram rumo a Nova York para tomar posse da cria. Finalmente, Sonia iria acompanhar Paulo em sua aventura náutica.

Ao descerem do avião, uma limusine do “tamanho de 1 vagão”, como descreveu Sonia, esperava para levar os recém-chegados a Oyster Bay. A primeira visão do novo barco não foi nada empolgante.

O Victoria IV era bem mais modesto do que o Victoria III. Estava longe de ser um Swan 48 e não tinha a imponência de outros veleiros atracados em seus flutuantes. Além disto, as obras de comissionamento estavam muito mais atrasadas do que Paulo imaginava.

Para acelerar o processo e aumentar o número de operários, Paulo desembolsou, logo de cara, 20 mil dólares. Era

assim, de desembolso em desembolso, que o dinheiro desaparecia em suas mãos.

Mas era incontrollável. Ele precisava voltar ao mar.

Sonia anotou suas primeiras impressões sobre o barco num texto que ficaria inédito, engavetado em casa.

*Eu já o havia olhado da ponte do estaleiro mexendo sua pequenez dentro do azul da água. Sua proa, focinho móvel e gelado, fuçava o frio mar como se quisesse se desvencilhar dos cabos que o prendiam a terra. Pequeno para o meu gosto.*

Mais uma vez, ela transformou a realidade num texto lírico e crítico ao mesmo tempo.

De repente, o barco virou poesia.

*Era 1 retalho de barco, se fosse 1 vestido certamente me ocorreria a idéia de colocar nele uma bainha postiça. Deixamo-lo balançando como uma criança no berço e fomos almoçar no Bacharat's.*

O anfitrião nesse desembarque em Nova York foi um velho e querido amigo de Paulo, Bob Garland. Ele apareceu no cais com sua Mercedes reluzente e um convite irrecusável: o casal deveria ficar hospedado em sua casa em Oyster Bay, enquanto durassem as obras de comissionamento no porto.

Foi um alívio para Sonia – esta é a verdade.

Nos originais engavetados, ela passou a limpo essa temporada no litoral americano à espera da conclusão das obras e do início de sua aventura oceânica.

O almoço no Bacharat's – que muitos apagariam da memória – ficou vivo nos registros datilografados:

*3 graus acima de zero, vento cortando meu olho e tirando água do nariz, ouvidos completamente bloqueados ao inglês de Bob Garland, bexiga estourando esvaziada em toalete*

*do restaurante que ficava a 500 metros do lugar onde tínhamos sentado. Minha boca encheu-se de vodca que descia esquentando a garganta e minha cabeça foi parar a três metros acima do meu corpo. Paulo e Bob conversavam e riam enquanto eu já me balançava no lustre da sala.*

Paulo e Bob Garland conversavam sobre barcos e viagens e Sonia se perdia – ou se encontrava – em devaneios só dela, marcados pela ironia de sempre.

*Quando Paulo teve uma mulher de 1 metro e 80, tinha 1 barco de 48 pés, a metade uma centopéia, mas meus parcos 20 centímetros a menos mereceram apenas 41 pés...*

Os primeiros contatos de Sonia com o barco não foram mesmo nada estimulantes. Antes de se transferir para a confortável casa de seus anfitriões – Bob era casado com Catherine, dois desconhecidos para Sonia ainda – ela sentiu na pele onde iria se meter em sua aventura náutica.

*O barco dizia não com todo o seu corpo balançando de 1 lado para outro. Água debaixo dele subia e descia esfriando o seu interior, frio que tinha tomado meus pés de assalto e subia fazendo joelhos baterem palmas. Peguei meu corpo exausto e gelado debaixo de 1 paletó de tricot que jamais seria capaz de esquentá-lo e vociferando de frio na boléia de 1 velho Coogart ao lado de Paulo me dirigi para a casa dos Garland.*

A estada em Oyster Bay duraria duas semanas – o tempo do comissionamento do barco. Para Sonia foi um alívio o abrigo na casa dos anfitriões. O primeiro encontro com Catherine, Sonia descreveu assim em seu “diário de terra firme”:

*Portas abertas sentimos no rosto o bafo da lareira acesa junto com os beijos de Catherine, mulher linda dos anos 50 e que falava inglês com a boca cheia de gelo. As palavras caíam*

*no chão emendadas umas nas outras e eu chegava a me defender com as mãos. 1 whisky foi servido para mim e eu o depusitei em cima da mesa em frente ao sofá entre bibelôs que representavam animais. Quando todos nós levantamos os copos para tomarmos 1 toast ao new boat, segurei 1 cachorro de cristal amarelo sentado sobre a mesa e comecei a bebê-lo. Foi quando me dei conta de que o havia confundido com o copo de whisky ao lado.*

Paulo sentia-se à vontade com os Garland. Sonia – ainda se acostumando com o inglês – definiu seu estado na casa estrangeira com uma palavra: “alheia”.

*Catherine começou a beber e as palavras viravam pedras dentro de sua boca entortando seus dentes de baixo. Paulo contava coisas que eu não entendia, Bob sorria, Catherine já tinha se deslocado escada acima e de lá me chamava para que eu fosse acender as velas dos castiçais da mesa da sala de jantar. Estranhei quando me levantei pois me sentia colada ao sofá. E foi comer tirar mesa e lavar. E lá passamos dormindo comendo e lavando segunda terça quarta quinta sexta sábado e domingo quando Catherine deu 1 almoço para 20 amigos e o inglês começou a descolar do meu céu da boca e falei e respondi a todos eles que me faziam as mesmas perguntas.*

E chegou o dia de passar a primeira noite no barco, então em fase de últimos retoques. A tripulação contaria ainda com um voluntário, velho amigo de Paulo, Roberto Osório, ex-velejadador e ex-instrutor do próprio Capitão nas “lides vélicas”; com um “gaúcho espinoteado”, Eduardo Souza Costa, o Dudu, recomendado por Pedro Paulo Couto, de quem tinha sido tripulante em uma regata de percurso médio; e com um sobrinho de Paulo, André, responsável pela cozinha em seu primeiro contato com barcos.

Equipe completa e Sonia Lins a bordo com seus olhos de “raio X” prontos a captar o que ninguém via.

Com a palavra, a autora de *Baticum*.

*Primeiro dia a bordo. 1 homem de boné viu minha bunda quando eu via sua cara através da escotilha do banheiro. Barco desarrumado tinha vomitado todos os objetos para fora dos seus guardados. Zipei a mala preenchendo buracos com roupas e sapatos, abrindo espaço dentro de barco que já parecia maior embora pequeno para conter gestos de André, o cozinheiro, que falava com os braços tanto quanto falava com a língua.*

Era hora de dar adeus às lareiras de Oyster Bay.

*Noite gelada com 1 único cobertor por pessoa. Cobertores que quando não estávamos deviam ter sido disputados pela tripulação que dormia dentro do barco. Estavam manchados como se estivessem doentes ou porrados. Vesti as pernas nas mangas do manteau que Catherine havia me dado e pela madrugada, ao virar na cama, meu corpo deu 1 nó. Dei 1 grito que acordou Paulo e ele foi buscar toalhas de banho pequenas cada uma de uma cor. Toalhas que foram colocadas sobre meu corpo que tremia transformando-o numa flor cheia de pétalas diferentes. Ao acordar 1 salva-vida vermelho como 1 coração batia em cima da minha cabeça e do Paulo, ele 1 casulo dourado todo metido sob cobertor roncando a bombordo.*

143

Definitivamente, aquele não era o universo de Sonia, mas ela iria em frente... até a viagem tornar-se inviável.

A meta era zarpar de Nova York para Bermudas, seguindo depois direto para Cabo Verde. De lá, seriam dois os caminhos a escolher: o Norte, entrando no Mediterrâneo por Gibraltar, ou o Sul, de volta ao Brasil, caso as condições socioeconômicas do país reduzissem ainda mais as reservas de Paulo e o levassem a interromper seus sonhos náuticos mais uma vez.

O problema, naquele maio de 1979, era – antes de tudo – as condições meteorológicas inusitadas para a época. Em vez do clima ameno, livre de tempestades marítimas, esperado para aquele quase início de verão, o que se anunciava era um frio insuportável e temporais imprevisíveis.

Será que Sonia suportaria tantas adversidades juntas?

Com a palavra, agora, Paulo Albuquerque em suas memórias.

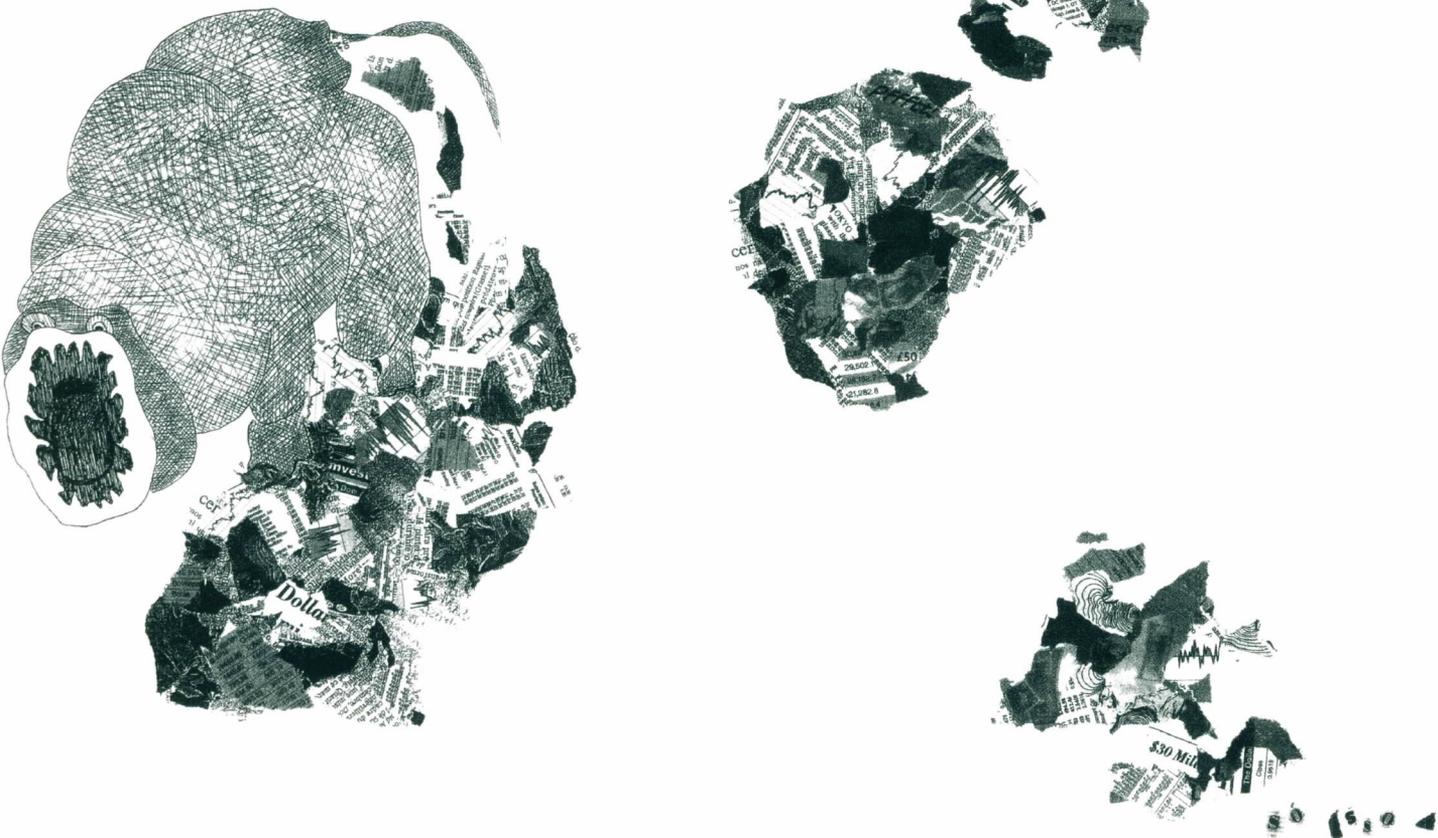
*Quando o barco ficou pronto e entregue em condições de partir, o encanto da Soninha já tinha conquistado todos e a opinião era unânime de que não deveria enfrentar, em sua primeira tentativa de travessia oceânica, o tipo de tempo anunciado; deveria ir de avião para nos encontrar depois da chegada do Victoria. Entretanto, recusou-se peremptoriamente: vim com esse objetivo, vim para isso e assim farei. Assim o fez.*

144

No dia 15 de maio de 1979, o Victoria IV, com seus cinco tripulantes a bordo, zarpou de Nova York rumo às Bermudas.

O diário de bordo de Sonia é um dos mais implacáveis e divertidos da história da navegação.

*Para esquentar o barco é preciso virar 2 vasos vazios em cima de 2 trempes e acender o gás. Vamos aproveitar e ligar enquanto Paulo dorme, pois ele sempre manda apagar. Hora de jantar fiz arroz e abri lata de feijão. Tripulação com fome entrou por 1 buraco: Roberto 32 anos dentro de sua boa educação, altura mediana, pintado pelo Diego Rivera. Em seguida, baixaram as pernas de 19 anos do Dudu que, depois de sentado, contou já ter viajado com uma defunta dentro de 1 caixão, mas como não cabia no avião tiveram de tirar a defunta do caixão, dobrar as suas pernas e sentá-la numa cadeira com cinto e tudo, o que provocou gargalhada que sacudiu todo o corpo retangular do André, deixando ver o branco de seus dentes rodeado do preto do bigode que desaguava de cada lado da barba. No meio de todos nós, Paulo com seu físico de H. Pernas separadas e uma trave no meio.*



*Podiam colocá-lo de cabeça para baixo, seria sempre o Paulo que eu já conhecia em todos os seus encaixes, como um velho jogo de puzzle.*

Aquela não seria uma viagem qualquer.

O tempo estava encoberto e os ventos, relativamente fortes, mas no Long Island Sound e no porto de Nova York, protegidas, as águas estavam calmas. Em pouco tempo o Victoria atravessou o canal de saída rumo a Ambrose Light e, com os ventos favoráveis, Paulo animou-se a acionar o Woodfreeman, piloto automático eletrônico de última geração.

Tudo parecia melhor do que o imaginado. Mas era só aparência.

De repente, o piloto automático entrou em pane, incapaz de manter o rumo desejado. Paulo recorreu então ao piloto automático de vento, de fabricação sueca, caríssimo, e nada. Era preciso percorrer na mão as 650 milhas marítimas

até as Bermudas, sem auxílio dos equipamentos tão sofisticados quanto custosos.

Quando o barco já estava em mar aberto, uma hora depois de ter passado por Ambrose Light, Paulo recebeu outra notícia preocupante: os instrumentos indicadores do motor, que estavam irregulares há cerca de meia hora, tinham deixado de funcionar.

Para piorar, o mar – antes calmo – começou a encrespar e a confirmar as piores previsões meteorológicas. Em pouco tempo, todos navegavam dentro de um aguaceiro tropical. Cerca de meia hora depois, alguém chamou o capitão:

– Os porões estão inundados.

Era água doce. As bombas estavam funcionando bem e logo os porões foram esvaziados e secos. Ninguém conseguiu encontrar o menor sinal de vazamento. Estranho.

E lá veio outra má notícia:

– Estamos sem pressão no sistema de água doce dos banheiros e cozinha.

Só depois de uma inspeção mais apurada, Paulo identificou a causa da inundação dos porões e da falta de pressão na água: rachadura no cano principal. Água, dali em diante, só para escovar dentes e abastecer o radiador do motor. Para beber, só suco e cerveja.

E era só o começo.

– Paulo, a bomba de pressão do sistema de água salgada para banheiros e cozinha não funciona.

Era um defeito no sistema elétrico de ligação da bomba. Hora de utilizar as bombas de pé.

E tudo foi degradingolando a jato num círculo vicioso de panes. A água do mar penetrou nas estruturas, armários e instalações de bordo inclinado de sotavento; o ecobatímetro descontrolou; um cheiro insuportável de ácido sulfúrico invadiu o salão. As baterias tinham fervido, sobrecarregadas pelo defeito no regulador de voltagem.

Estas eram as questões práticas, técnicas.

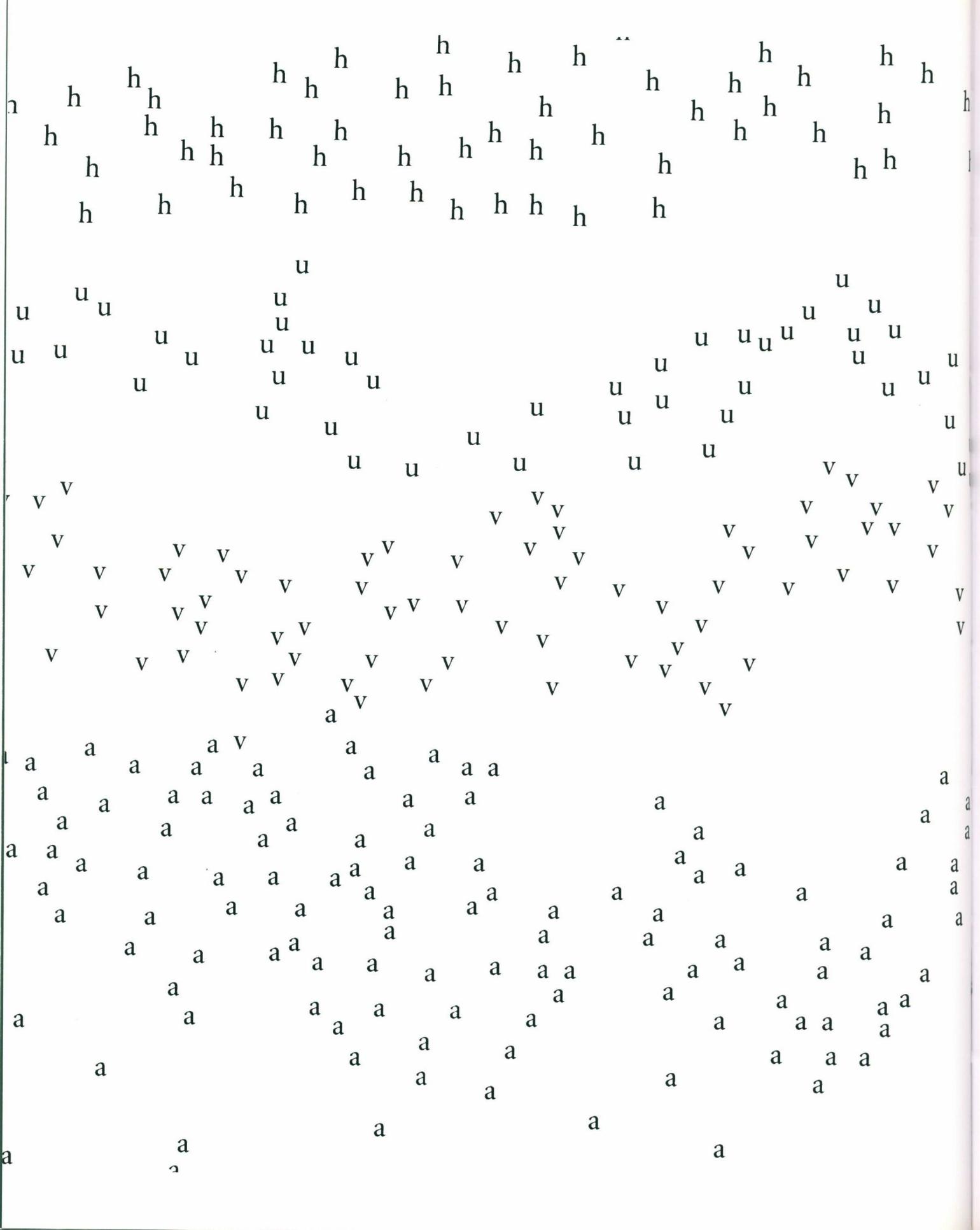
A visão de Sonia, registrada em seu diário de bordo, era bem diferente.

*Quarto dia a bordo. Paulo saiu da cama, mas na mesma hora apareceu um homem que entrou no meu quarto e sem me olhar foi direto ao banheiro para ver a origem da água que sempre aparecia debaixo da privada. Ficou agachado lá enquanto falava sozinho com uma bela voz sem nada resolver porque saiu de lá ainda sem me olhar deixando privada urinando sozinha. Hora do banho. Hora de frio. Hora de querer voltar para o Brasil. O banheiro é quase uma camisa de força e quando você entra lá os ouvidos da tripulação crescem para saber se você really está tomando banho ou se está fingindo, tal é o frio em derredor. Pega no chuveiro com a mão esquerda no sabão com a direita, larga o sabão para temperar a água, pega outra vez no sabão que cai no chão, agacha-se para pegar sabão que escorrega e água começa a esfriar até que ao enxaguar teu corpo está quase gelado. Deixa-se o banheiro cheio de vapor e vai-se enxugar na cabine entre gritos e tremor de dentes. O frio é tanto que todas as picas de injeção que você tomou na vida começam a te espetar. Cabelos esticados para trás, um banho a menos, marco no calendário.*

147

Pobre Sonia. Este era um cenário de sonhos perto do que estava por vir.

*Décimo dia. Tudo enguiçou. Privada saiu pela escotilha enquanto outra, pousada em ombros de Roberto, fez entrada triunfal passando em procissão pela sala, corredor até que foi assentada no lugar adequado, dentro do pequeno quadrado do banheiro. As bombas elétricas enguiçaram e calaram a boca. Uma caixa de água estourou e o único bidê do barco foi desembarcado definitivamente. Tem gente no deck furando mastro e o barco entrou em convulsão vomitando remos, tábuas, ferramentas, escadas, âncora, tudo o que estava guardado dentro dele. A latrina já está instalada como uma deusa branca no banheiro. Tantas vezes agachou o Paulo que suas calças rasgaram e eu costurei o rasgão no seu próprio corpo com grande tentação de espetar uma agulha no pau do qual tanto se orgulha, mas deixa pra lá, fui andar no estaleiro para esquentar.*



E lá vai Sonia:

*No Vitoria todos os buracos estão sendo vasculhados e homens viram avestruzes com a cabeça enfiada dentro deles, as nádegas viram faces e você os reconhece pela cor de suas calças. Paulo fecha a cara para a tripulação. A tripulação fecha a cara para Paulo que me chamou de repente para eu pôr minha mão tampando 1 pedaço de cano. A única palavra que se escuta dentro do barco é hole e depois a explosão da bomba d'água.*

*Dia infundável que durou 365 horas cheio de homens de jaquetas de plástico colorido invadindo barco desvendando porão, a puxarem do interior tripas coloridas de diversos períneos, a fazerem suturas descabidas em todos os canos.*

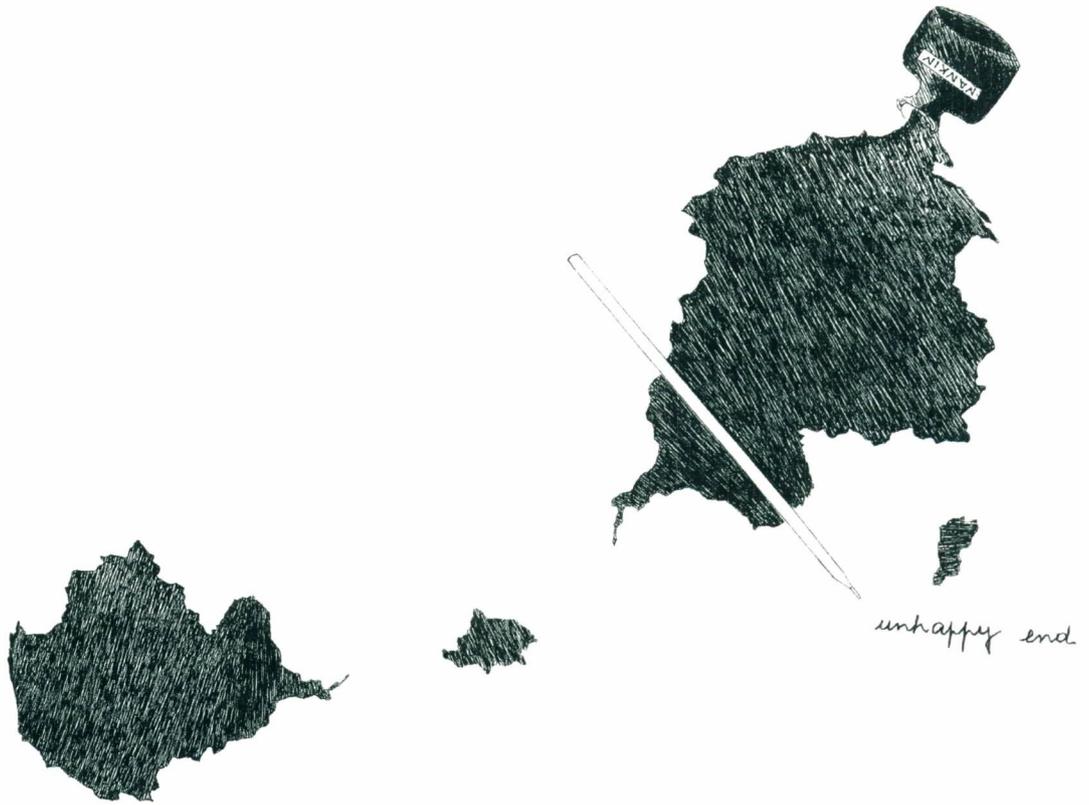
No meio do caos, Sonia ainda tentava preparar o jantar enquanto os homens lutavam para tapar os *holes*. No menu da noite, uma galinha já meio confeccionada. Quando a *chef* se virou para buscar um tempero na cozinha, a galinha voou até a lata de lixo mais próxima. Nada feito. A segunda tentativa: uma lagosta... também voadora.

Quem estivesse com fome teria de apelar mesmo para os sanduíches. O mar revolto e os ventos fortes tornavam qualquer capricho na cozinha inviável. Aliás, a viagem estava prestes a se tornar inviável por completo.

O Victoria já estava mais perto das Bermudas do que de Nova York – o ponto de partida – e a tripulação já se sentia exausta quando Paulo começou a matutar. O barco, é claro, tinha sido tragicamente equipado pela empresa responsável e, o pior, por 70 mil dólares. Nas Bermudas havia excelentes estaleiros, mas a mão-de-obra era cara. Só havia um caminho razoável a seguir: voltar para Nova York e cobrar um trabalho sério e profissional do estaleiro de lá. Já estava pago.

– Cento e oitenta graus de mudança de rota – ordenou.

A volta era inevitável – Paulo argumentou com a tripulação.



Sonia concordou com ele. Melhor parar por ali enquanto dava tempo.

*As rajadas são de 20 nós. Barco todo adernado para boreste. Minha cabeça está deitada virada para a proa e meus pés apontam para a popa. Não sei se urino agora ou daqui a dez minutos. Provavelmente daqui a meia hora pois é difícil levantar sem tropeçar e cair. Da cama pedi biscoito e lá me levaram chocolate. Reunindo grãos de coragem me levantei para ir ao banheiro. Tudo voava e batia dentro do barco. Olhei bem em que canto estava a privada esperando pelas minhas nádegas. Corri em direção a ela e o barco cambando me pregava truques me jogando contra ângulos de banheiro exceto aquele onde estava a privada, privando-a do peso do meu corpo já todo manchado de roxo, paciência, withmigo tudo bem. Tornei a deitar li e dormi e quando acordei eram 9,30 da noite. Olhei no espelho, estava a metade de mim. Até Paulo começa a emagrecer e o nariz dele cresce. Desligou o motor que estava querendo parar e o barco segue molhando barriga no mar, a madeira toda ela estalando como se estivesse sendo queimada, misturada às vozes da tripulação que fecha os olhos de cansaço e o zumbido dos nós nas rajadas do vento. [...] Fui comer sem fome bebi e lavei os dentes com água tônica.*

151

Meia-volta volver.

De volta a Nova York. Na segunda-feira, os trabalhos a bordo recomeçaram. Na segunda-feira cedo, a tripulação começou a se desfazer. Roberto Osário, advogado do Chase, tinha compromissos de trabalho e precisava voltar ao Brasil. André alegou obrigações familiares e embarcou para o Rio de Janeiro. Dudu foi o único que continuou a bordo.

Sonia registrou assim, em seu diário, a decisão de voltar para o lar doce lar:

*Pena não ser eu sportman ou masoquista para prosseguir viagem. Adeus cabine minha onde Paulo vai dormir se masturbando de vez em quando.*

Nas suas memórias náuticas, Paulo prestou homenagens à coragem de Sonia a bordo e deu total apoio à sua decisão de interromper viagem.

*A Soninha foi a grande revelação e surpresa da experiência. Não enjoou, não teve medo, não se estafou embora tivesse trabalhado parelho, pari passu, com todos.*

Paulo seguiria a viagem sozinho.

Enquanto Sonia decolava de Nova York rumo ao Rio de Janeiro, Paulo ancorava no estaleiro de Oyster Bay para cobrar seus direitos e exigir os consertos necessários.

Operários navais de carpintaria, fibra de vidro, eletricidade, mecânica, eletrônica e hidráulica – vindos especialmente da Califórnia – uniram-se num mutirão encarregado de dar vida nova ao Victoria. Tudo foi exaustivamente testado e retestado até a liberação da embarcação.

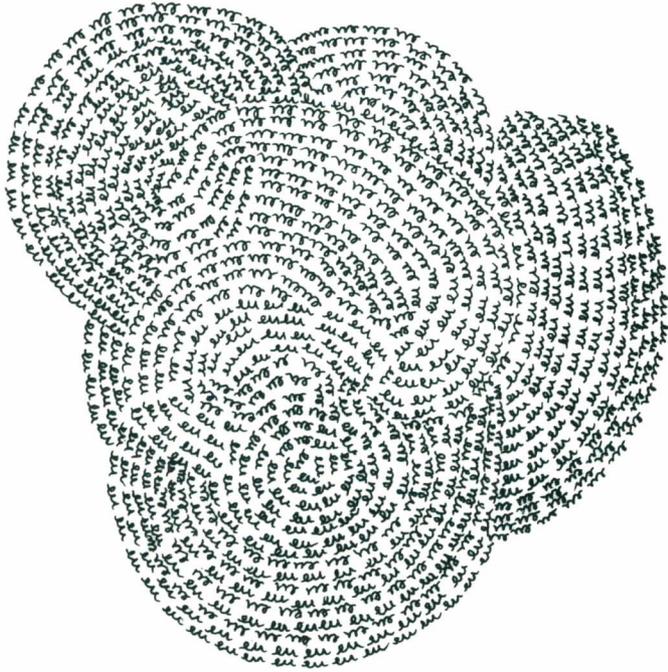
Paulo não desistiria de sua travessia. Só precisava de um tripulante – além de Dudu – para reiniciar sua viagem rumo a Bermudas e outros portos oceano afora.

O escritório de Sparkman & Stephens encontrou o homem certo para a missão: Steve Crane, tripulante de *maxi boats*, com oito travessias de Atlântico no currículo, ex-proprietário e dirigente de um estaleiro sofisticado em Washington.

Tanta experiência custaria caro a Paulo: um dólar por milha de rota e passagem aérea de volta. Mas tudo bem. O ex-urologista pagaria o necessário para realizar o sonho de juventude – o projeto que o fez abandonar a medicina, fechar o consultório, vender a casa da família e levantar âncoras.

Era preciso estar pronto para suportar as 650 milhas até Bermuda e as 2.350 milhas extras até Cabo Verde, onde ele decidiria continuar viagem para a Europa ou voltar ao Brasil.

Bronzeado, vestido em trajes “esmolambadérrimos de Capitão” – como Paulo descreveu seu figurino em Nova York – ele aproveitou para fazer as últimas com-



pras em Manhattan antes de partir... e para admirar a beleza das vendedoras nas lojas, pródigas de elogios para “*your lovely tan*” e insistentes pedidos de “*join your crew*”.

Mas navegar era preciso... E deu certo... Paulo e sua tripulação conseguiram finalmente adentrar os lindos canais de acesso ao porto de Hamilton, capital das Bermudas, depois de enfrentarem novos acidentes de percurso, como a pane nos pilotos automáticos e um erro de rota que os levou, no início, a ultrapassarem a ilha sem perceberem.

Valeu a pena. Em Bermuda, Paulo ficou hospedado no Royal Bermuda Yacht Club, equipado com restaurante e bar “refinadérrimos” – como ele os descreveu em seu diário – cercado por paisagens deslumbrantes e um comércio irresistível, comparável ao de Nova York e Paris.

Sonia aprovaria.

Nas conversas em terra firme, Paulo descobriu que Steve era muito menos experiente do que alegava. Depois de alguns drinques, suas oito travessias oceânicas foram reduzidas a uma, mas tudo bem. Ele estava fazendo a sua parte e Paulo estava de muito bom humor.

A estada em Bermudas foi a mais prazerosa e extravagante possível.

*Comendo, bebendo e desgraçadamente ganhando quilos antes perdidos, nadando, velejando, fazendo ginástica e jogando tênis, passeando por toda a ilha de motocicleta alugada, usufruindo de hospitalidade invulgar. Estas são lembranças de Paulo daquela temporada.*

Com fôlego de menino, coragem quase inseqüente de adolescente, Paulo realizava seus sonhos (por mais caros e exorbitantes que fossem) e não sentia a mínima saudade dos tempos de consultório.

A próxima etapa da aventura a bordo do Victoria IV: Cabo Verde. Não seria nada fácil alcançar o novo objetivo. Cerca de quatro dias antes da data prevista

para a chegada, as condições de tempo pioraram. O mar rebelou-se, os ventos ultrapassaram os quarenta nós, o céu fechou, as chuvas passaram a desabar constantes e fortes.

Com o Victoria aos saltos no mar escarpado, era impossível descansar. Maldormidos, mal-lavados, mal-alimentados – era este o estado da tripulação. Foram vinte dias de ventos contrários, de equipe à beira de um colapso (Steve e Dudu brigavam cada vez mais) e mar inclemente. Mas o final foi feliz: Cabo Verde, champanhe gelado para comemorar, festança na chegada.

Poucos dias antes do desembarque de Paulo, em 5 de julho, a antiga colônia portuguesa comemorou o quarto aniversário de independência e – ao que parecia – estavam todos satisfeitos, inclusive os antigos “senhores”. O clima de satisfação só destoava da pobreza local. Cabo Verde estava milhas e milhas atrás de Bermuda no quesito luxo e sofisticação.

Paulo ficou na cidade o tempo necessário para os reparos de praxe no barco, feitos pelos artesãos locais, e levantou âncoras apesar de todos os protestos. Em pouco tempo, fez amigos no porto e conquistou tanta admiração entre os moradores locais que foi convidado a ser padrinho de casamento de um alemão – filho de antigo oficial nazista – e de uma portuguesa marxista, guerrilheira revolucionária em Angola e Moçambique.

Mágicas de Paulo Albuquerque.

Mas estava chegando a hora de interromper a viagem e voltar para o Brasil. As reservas financeiras do “capitão” estavam cada vez mais escassas e a situação no país, às voltas com uma inflação de 5% mensais, muito complicada.

Era hora de pôr os pés no chão. Paulo Albuquerque foi vencido pelas evidências monetárias. Reabrir o consultório? Reativar contatos com ex-pacientes? Contatar os amigos da área e comunicar a todos estar de volta ao batente? Nada disto. Nem pensar.

Paulo tomou uma decisão difícil: vendeu o Victoria IV e decidiu aplicar o dinheiro em terra firme: Fazenda Tupi, em Mirandópolis, interior de São Paulo. Sonia Lins apoiou, como sempre, a sua decisão e o acompanhou nessa nova aventura.

Paulo era sócio do irmão, Hélio, nesse pedaço de terra, e nos 25 anos anteriores conseguira ganhar como pecuarista algum dinheiro com bois. Quem sabe não era hora de apostar tudo no campo?

A resposta a esta pergunta viria rápido e seria dramática.

Com a inflação galopante, a vida no campo ficava cada vez mais difícil e os ganhos com a venda de carne e leite, ínfimos. Era preciso expandir as atividades. Esta foi a primeira conclusão do marinheiro de primeira viagem: diversificar...

Paulo levou a sério o novo personagem. Fez cursos sobre agroindústria, desenvolveu técnicas de administração consideradas modelo, mas tudo foi em vão.

O produtor rural no Brasil – que antes ganhava bem – não podia mais manter suas atividades sem apelar para o crédito bancário. Os juros eram extorsivos e, quando atingiram a casa dos 80% anuais, tornaram o negócio absolutamente inviável. A pecuária e qualquer outra atividade rural – Paulo aprendeu a duras penas – eram um mau negócio para os pequenos e médios produtores.

Resultado: a Tupi foi vendida, o comprador demorou seis meses a quitar o pagamento e o dinheiro, que já não era ideal, foi corroído ainda mais pela inflação.

Adeus, vida de fazendeiro. Sonia Lins se tornaria, mais uma vez, companheira de “lobo do mar”. Paulo estava decidido: apesar das reservas curtas, iria levantar âncoras mais uma vez. “Navegar é preciso”, ele cantarolava nas horas vagas, enquanto preenchia o tempo de ócio com leituras (poucas) e exercícios físicos (muitos), entre um drinque e outro (vários), é claro.

Paulo continuou a assinar revistas de iatismo, a manter contato com os amigos americanos e, em pouco tempo, o inevitável aconteceu: surgiu no mercado um excelente barco de cruzeiro, com mais de cinqüenta pés, em excelentes condições

(todos estes “excelentes” eram avaliados por Paulo Albuquerque), proveniente da prancheta de Van der Mass e do estaleiro Joungert, ambos holandeses da melhor reputação.

Palavras de Paulo...

Sonia que o perdoasse – e ela perdoava – mas Paulo não resistiria a esse novo canto da sereia: o Victoria V estava firme e forte, irresistível, à disposição de Paulo em Alicante, costa mediterrânea da Espanha.

A primeira impressão sobre a embarcação foi a melhor possível.

*Casco de aço naval Krupp em condições imaculadas, pintura recente, tudo a bordo tinindo e em estado de novo, malgrado a idade do dito cujo, prestes a completar quinze anos, Paulo escreveu em seu diário de navegação.*

O velho marinheiro, agora perto de completar 70 anos, iniciou os preparativos de sua última viagem e Sonia embarcou em novo projeto.

A vida na fazenda, as lembranças de Calciolândia, o contato com a natureza desde a infância e a devastação das florestas no Brasil e no mundo – estas seriam as raízes de sua nova obra.



## O livro da árvore

SEIS ANOS DEPOIS DE PUBLICAR *BATICUM*, SONIA LINS PLANTOU UM NOVO LIVRO. A capa marrom era atravessada pela imagem de um tronco. Uma letra A maiúscula, impressa em bege, destacava-se no centro da paisagem pontuada por uma seqüência de letras: R V O R E.

Nascia o *Livro da árvore*, um manifesto poético e gráfico contra a devastação das florestas. Sonia tinha 65 anos e exibia em cada página, em cada palavra de ordem, a indignação, a irreverência e a esperança que muitos de nós perdemos com o tempo e a idade.

*– Cessar fogo! – grita verde o papagaio nos vermelhos das chamas.  
Elas esquentam a página lambendo seiva de árvore que transpira.*

O tema não poderia ser mais oportuno. Com atraso, jornais e revistas começavam a demonstrar preocupação com os gigantescos projetos de desenvolvimento implantados na Amazônia, naquele último governo do regime militar, o do general João Baptista Figueiredo.

“Destruição: Brasil perde dois milhões de árvores. Todos os dias”, alertava o *Jornal da Tarde* em 26 de outubro de 1984. O início da reportagem era dramático e indignado: “A criação de mais três reservas ecológicas, ontem, pelo presidente Figueiredo, em comemoração à Semana da Árvore, dá continuidade à farsa florestal brasileira, uma tragicomédia que empobrece e desertifica



RVORE RVORE RVO

re rvor

RVORE F

ORE rvor

vore RVORE RVO

RE RVOR R RL

rvore rv e

VORE RVORE R V ORE RVO

RE RVORE

ore

r rvore

ore

RVORE

RVORE

rvor

e rv

a Nação, que perde, a cada dez anos, uma área equivalente à do estado de São Paulo de florestas nativas insubstituíveis, enquanto a Cacex libera a exportação de madeira”.

O assunto já assombrava até mesmo a imaginação das crianças, como demonstrou uma notícia publicada no *Jornal do Brasil* em 1983. O título: “Meninos expulsam em Brasília trator que desmatava área verde”. O texto: “Armados de cabeça-de-negro e traque, um verdadeiro exército de meninos expulsou, anteontem, duas máquinas de terraplenagem e um trator que em poucas horas de trabalho destruíram mais de cinquenta árvores e quatrocentos metros quadrados de grama, para a construção de um posto de gasolina”.

Sonia foi uma das primeiras artistas a captar esses “sinais de fumaça” e a denunciar em uma obra a devastação brasileira. Ao desenhar cada página e explorar a força das palavras e letras impressas no papel, Sonia, a escritora, mergulhou no território das artes plásticas.

“*Pássaros são folhas em férias*”, ela escreve/desenha em uma das páginas do volume.

O quintal da casa de Jair talvez esteja presente neste livro-árvore. Vestígios da fazenda em Calciolândia também. Troncos e folhas, flores e raízes, tudo se mistura em colagens e experiências feitas com papel e transparências.

*Sobre terra           avança e recua mar*

*Ilhas           mar esculpindo*

*Continentes           mordendo*

*Costas   massageando*

*Arremessando seixos*

*Contra penhascos                           pedras*

Sonia era apaixonada por árvores e, em seus passeios, chegava a conversar com algumas delas, como Tom Jobim ou o pai Jair Lins, sempre tão tagarela com suas orquídeas.

Num desses passeios, nasceu a idéia da homenagem-protesto. Fátima Pombo, uma amiga, tinha aprendido a fotografar e as duas poderiam fazer um livro juntas. Por que não? Sonia apontaria suas árvores preferidas, Fátima tiraria as fotos e os textos e as imagens fariam o resto numa bela edição.

Fátima topou o desafio e, logo depois, trocou o projeto por um novo namorado no Nordeste.

O jeito foi reinventar a proposta original. Saíram de cena, então, as fotos e entraram as colagens de imagens colhidas na coleção de revistas *National Geographic* dos filhos.

A amiga Hanna Szulc deu as primeiras instruções na aventura de fundir imagens e Sonia teve o apoio da nora Vera Andrade – então casada com Sérgio – no trabalho de recortar e colar.

O livro nasceu muito mais para ser visto e manuseado do que para ser lido.

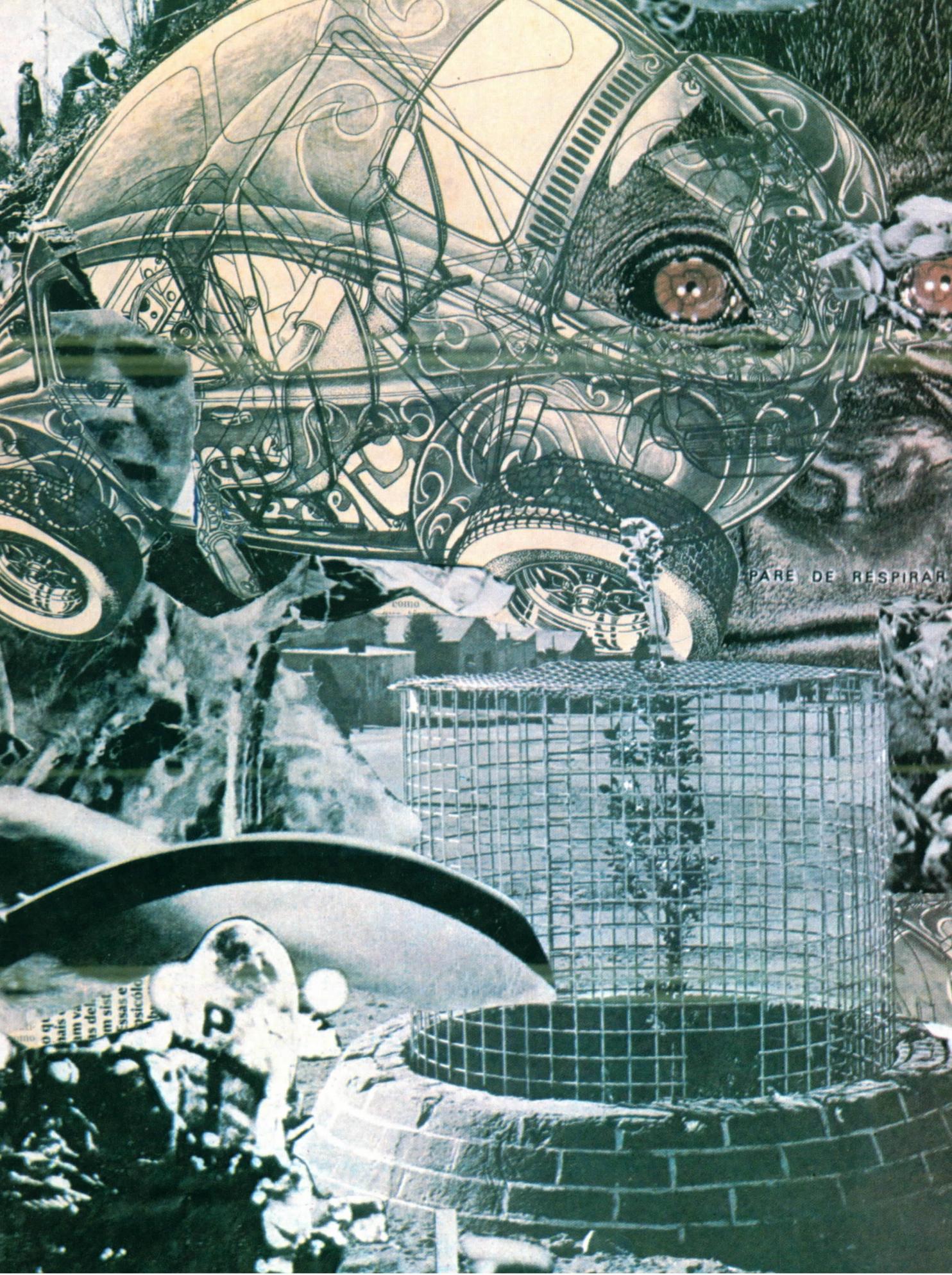
– Fiz com que as páginas dele fossem todas soltas, para fazer um livro bem livre – contou Sonia à amiga Marília Andrade.

A mensagem número um era clara e rara naqueles tempos de infância do movimento ecológico: acabem com as queimadas.

*Aja rápido.*

*A queimada não pode permanecer no meio de árvores.*

Numa das páginas, Sonia montou um mapa do Brasil com imagens de queimadas. Imagens que ela viu – e nunca esqueceu – quando sobrevoou a Bahia e se surpreendeu com as nuvens negras das fábricas de carvão do interior.



PARE DE RESPIRAR

COMO

o q  
nais  
am va  
as del  
m sist  
ssas e  
psicolo

P

Em outra página, a imagem de um globo terrestre mistura-se com fotos de senhores calvos sentados para uma palestra, de costas para a câmera. “Não deixe que o mundo fique careca”, Sonia imprimiu com a ironia de sempre.

E não faltou poesia na belíssima árvore de letras desenhada por ela. Troncos, galhos, raízes retorcidas produzidas com a matéria-prima preferida de Sonia: a palavra. A R V O R E. As letras de árvore ganhavam vida ali e davam vida às árvores de Sonia, Jair, Ruth. Árvores do quintal da infância.

*Se tiver medo do calor que agora procura o seu corpo aceite o cessar fogo! Vomitado do vermelho da garganta do papagaio verde.*

*Tenha a coragem de jamais queimar uma ÁRVORE.*

As últimas palavras de Sonia no seu manifesto.

164 Talvez ela estivesse ali atenuando um pouco a culpa por ter escaldado, em Calciolândia, o caramanchão preferido do ex-sogro. Quem sabe?

O *Livro da árvore* veio à tona no momento em que Paulo Albuquerque interrompia sua última viagem. O texto de suas memórias é bem menos poético:

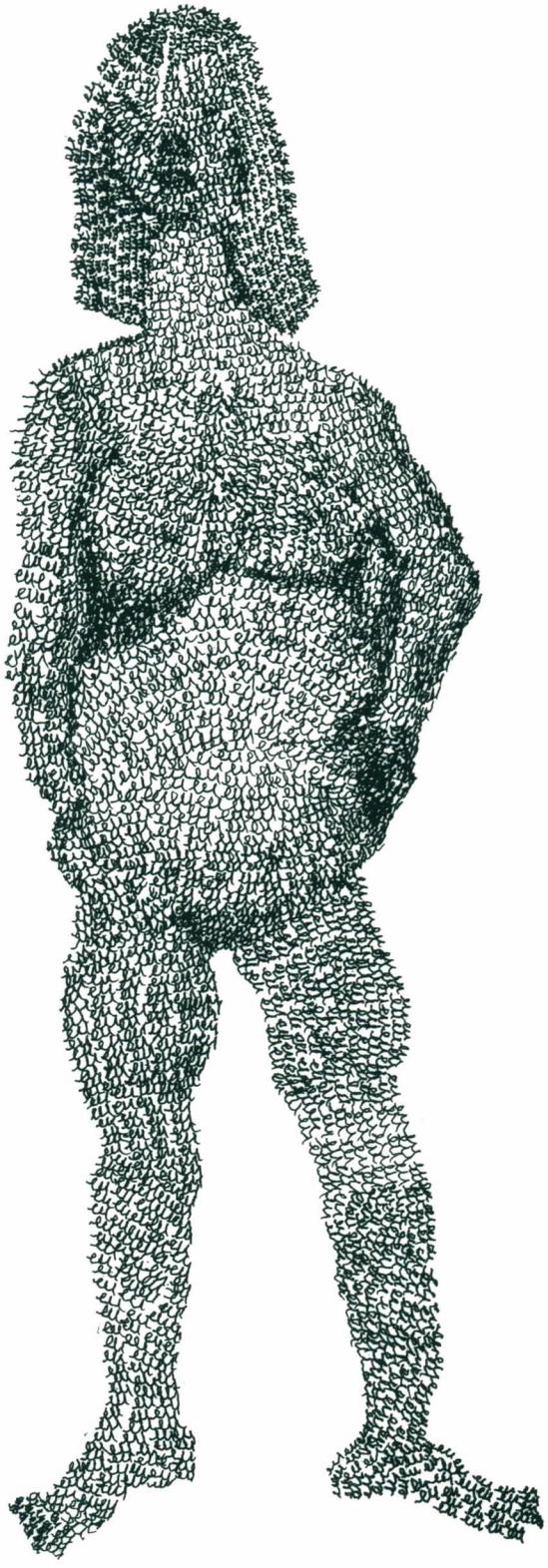
*Com nossa condição econômica e financeira atual, não me parece que possa manter meus compromissos familiares e pessoais com os proventos das aplicações auferidas no passado, exclusivamente na clínica brasileira.*

Era hora de vender o Victoria V para recuperar parte do investimento e garantir alguma renda para o futuro. Vencido pela inflação alucinada e por gastos desenfreados, o comandante pôs os pés no chão.

*O mapa do Brasil recorta paisagem no Livro da árvore*

ofre  
ento





## Os netos

DURANTE DOIS ANOS, DE 1986 A 1988, ENQUANTO PAULO ALBUQUERQUE SE READAPTAVA À VIDA EM TERRA FIRME, SONIA LINS DEDICAVA-SE A UMA EXPERIÊNCIA NOVA: A DE SER AVÓ TODO SANTO DIA.

Nesse período, durante o tempo em que reformou o apartamento no bairro do Leblon, Jardim de Alah, no Rio de Janeiro, ela se transferiu com seus poucos objetos para o apartamento do filho Sérgio e da então nora Vera, na beira do mar em Ipanema. Sorte dos netos Marcos e João Pedro.

Sonia, a contadora de histórias, passou a fazer a alegria dos meninos e a levar às alturas a imaginação de cada um deles. Como fiel herdeira de Edmundo Lins, ela recebia os netos em casa, depois do colégio, com histórias do “arco da velha”, epopéias de Homero e sagas vividas pelas crianças com o coração aos saltos.

Nada de televisão nem de videogame. Com livros na mão, ou com a boa e velha criatividade à solta, Sonia fazia os meninos montarem, cada um deles, num cavalo invisível para enfrentarem os obstáculos pelo meio do caminho.

Inimigos, rios e despenhadeiros, tudo poderia ser vencido a trotes, galopes e vôos mais altos. Porque os cavalos eram mágicos e o mundo era encantado quando Sonia abria a boca. Marcos tomava seu lugar sobre o Pégasus e João Pedro equilibrava-se no seu manga-larga voador.

Era esta a avó Sonia Lins. Nada de conselhos edificantes, sermões disciplinares, conversas intermináveis sobre a importância das vitaminas e dos sais minerais de frutas e legumes. Não. Sonia estava ali para brincar, brincar como o avô Edmundo Lins, sem medo de passar dos limites, como o pai Jair.

De vez em quando ela preenchia páginas e páginas em branco com rostos de homem-mulher, “metade macho, metade fêmea” – como dizia – livre de amarras e convenções.

Marcos, tímido nos seus oito anos de vida, soltava-se diante da avó. E só diante dela usava o *box* do banheiro – onde lutava para não entrar, em movimentos diários “antibanho” – como palco para apresentações de dança. Sonia assistia ao espetáculo compenetrada, para alegria do neto que se sentia compreendido em sua timidez e em sua imaginação.

Tudo ficava mais feliz e mais criativo com Sonia em casa. Era como se todas as janelas fossem abertas ao mesmo tempo e a vida ficasse mais arejada.

Quando os meninos voltavam da escola, já sentiam o coração acelerar. Quase sempre havia uma surpresa, um presentinho da avó à espera deles. Lembranças baratas, mas irresistíveis. Dentaduras de vampiro, por exemplo. Ou aranhas de borracha.

Uma delas, cabeluda, “invadiu” os sonhos de João Pedro, que passou a gritar por socorro e a ver o bicho de borracha vivo sobre seu corpo. A avó surgiu no meio da noite para salvar o neto e tratou de, na frente do menino apavorado, picotar com uma tesoura a aranha de brinquedo. João Pedro nunca se esqueceu da cena – nem venceu o medo das aranhas.

De vez em quando, Sonia usava o interfone de casa para contactar os netos no andar de cima.

– Alô, senhor João Pedro. Aqui é da recepção. Já estamos a caminho. Vamos retirar o jacaré de baixo de sua cama.



*Sonia, Vera, Sergio e os netos*



*Sonia e os netos Marcos e João Pedro*

A brincadeira do hotel repetia-se, para alegria e surpresa dos meninos. João daria muito orgulho à avó com suas telas preciosas, precoces para a idade – aliás, para qualquer idade.

Objetos colados sobre tela dividida em duas partes e intitulada “Sem pé... nem cabeça” – esses lampejos de criatividade ganhariam vida pelas mãos do menino, artista como a avó.

Marcos também sairia do lugar-comum. A avó guardaria com carinho uma redação dele escrita na quinta série, em 1990.

*Eu era uma bolha. Vivia no dedo de um menino que reclamava porque sentia dor. Seus pais tentaram me matar com agulhas. Na hora de dormir era uma desgraça, ele se mexia e eu me machucava. Um dia ele foi jogar tênis. Ele segurou a raquete com tanta força, que só não morri porque o professor jogou uma bola forte que fez a raquete cair. Quando ele ia nadar, eu sentia o maior frio, ele me batia na água e eu sentia muitas dores.*

171

O final da redação é feliz: a bolha e o menino vivem juntos para sempre.

Sonia adorou a história. Ficaria orgulhosa com o mais recente projeto do neto: *Korda*, um longa-metragem em preto-e-branco, sem diálogos, sobre um jovem que passa os dias em silêncio, recolhendo caixas de papelão na rua e levando-as para o apartamento onde vive sozinho. Tudo vai muito bem até o dia em que ele tem contato com a vizinha do corredor e erupções medonhas passam a deformar seu rosto.

Um filme feito sem concessões, com coragem de ousar.

Lugar-comum? Nenhum. Sonia assinaria embaixo.

Marcos dedicou o filme a ela.



## A morte de Lygia

INSEPARÁVEIS NA INFÂNCIA, CÚMPLICES NA JUVENTUDE, LYGIA CLARK E SONIA AFASTARAM-SE NO FINAL DOS ANOS 1980. O carinho entre as irmãs continuava, mas Sonia queixava-se de que Lygia estava cada vez mais tensa e irritada e, muitas vezes, disparava contra ela uma cota excessiva de agressividade. Era melhor manter distância. Com o tempo, talvez, Lygia se acalmasse. Era esta a esperança de Sonia. Uma esperança que chegou ao fim no dia 25 de abril de 1988.

O impacto da notícia atordoou Sonia Lins. Aos 67 anos, Lygia morreu de infarto, em companhia apenas da empregada Marina. A parceira das “artes” na infância, a cabeçagêmea que emergia do vestido da mãe como irmã siamesa, a incentivadora das suas aventuras como escritora desaparecera.

A notícia foi publicada com destaque nos principais jornais do país. “Lygia Clark morre de infarto no Rio”, escreveu o *Jornal do Brasil*; “Lygia Clark livre do tempo e do espaço”, anunciou *O Globo*.

Detalhes da morte eram descritos em cada texto. Lygia pareceu bem ao acordar e conversou por telefone com um dos três filhos, Álvaro. Pouco antes do meio-dia sentiu-se mal. A falta de ar foi aumentando, a empregada tentou a respiração boca a boca. Às 12h15 desmaiou. Morreu minutos antes da chegada dos filhos.

– Foi a melhor morte que poderia ter tido. Ela não sentiu nada – consolou-se Sonia.

Uma das grandes inovadoras da arte mundial, Lygia seguiu uma trajetória singular e pioneira.

Integrante do Movimento Neoconcreto, ela partiu da linguagem abstrata introduzida no Brasil durante a I Bienal de São Paulo e chegou, em 1960, à série *Bichos*, “um dos momentos mais significativos da arte brasileira”, como definiu o poeta e crítico Ferreira Gullar.

Esculturas em metal, articuladas por dobradiças, os *Bichos* podiam ser colocados em qualquer posição e só se realizavam plenamente como obra a partir da manipulação do público.

“Essa mobilidade subverte a relação espectador-obra. O espectador já não merece esse nome porque ele agora não apenas vê a obra; ele age sobre ela: a sua ação a transforma, a completa, a desvela. O ‘bicho’ está diante de ti: ele é uma oferta e uma solicitação, uma instigação. Ele se oferece ao teu olhar mas, ao mesmo tempo, não se entrega inteiramente a ele: exige a tua ação, a tua participação efetiva para se mostrar, se completar”, escreve Gullar em *O Globo*, numa análise publicada na época da morte de Lygia.

Lygia continuaria sua pesquisa, abandonando de vez a idéia de criação da “obra de arte” e ingressando em um estudo das possibilidades simbólicas e de comunicação do corpo. Passou a realizar experiências sensoriais com objetos simples. Depois, deixou de lado qualquer objeto que não fosse o corpo humano.

Chamou a essas experiências de “manifestações” e realizou muitas delas como parte de uma oficina que deu na Sorbonne, em Paris, entre 1972 e 1975. Lygia as chamava de “rito sem mito”.



*Sonia (à esquerda) e Lygia*

*Assim (o homem) assume a sua eroticidade, de uma maneira coletiva e tribal. O homem é objeto de sua própria sensação. Os gestos que uma pessoa faz em relação à outra dão a cada um a percepção do que convencionei chamar de espaço interior do próprio corpo – explicou Lygia numa entrevista.*

Para chegar a tal concepção, Lygia teve de abandonar sua própria visão como artista – um processo doloroso que a deixou de cama, abatida por sucessivas crises de depressão.

Para alguns artistas, Lygia já não fazia arte.

*A mim não interessa a terminologia; interessa a comunicação. E se você acha que arte é a comunicação que vem somente de um objeto estético, eu acho que está errado. Arte é, fundamentalmente, comunicação. Eu acho que, na nossa época, o objeto morreu.*

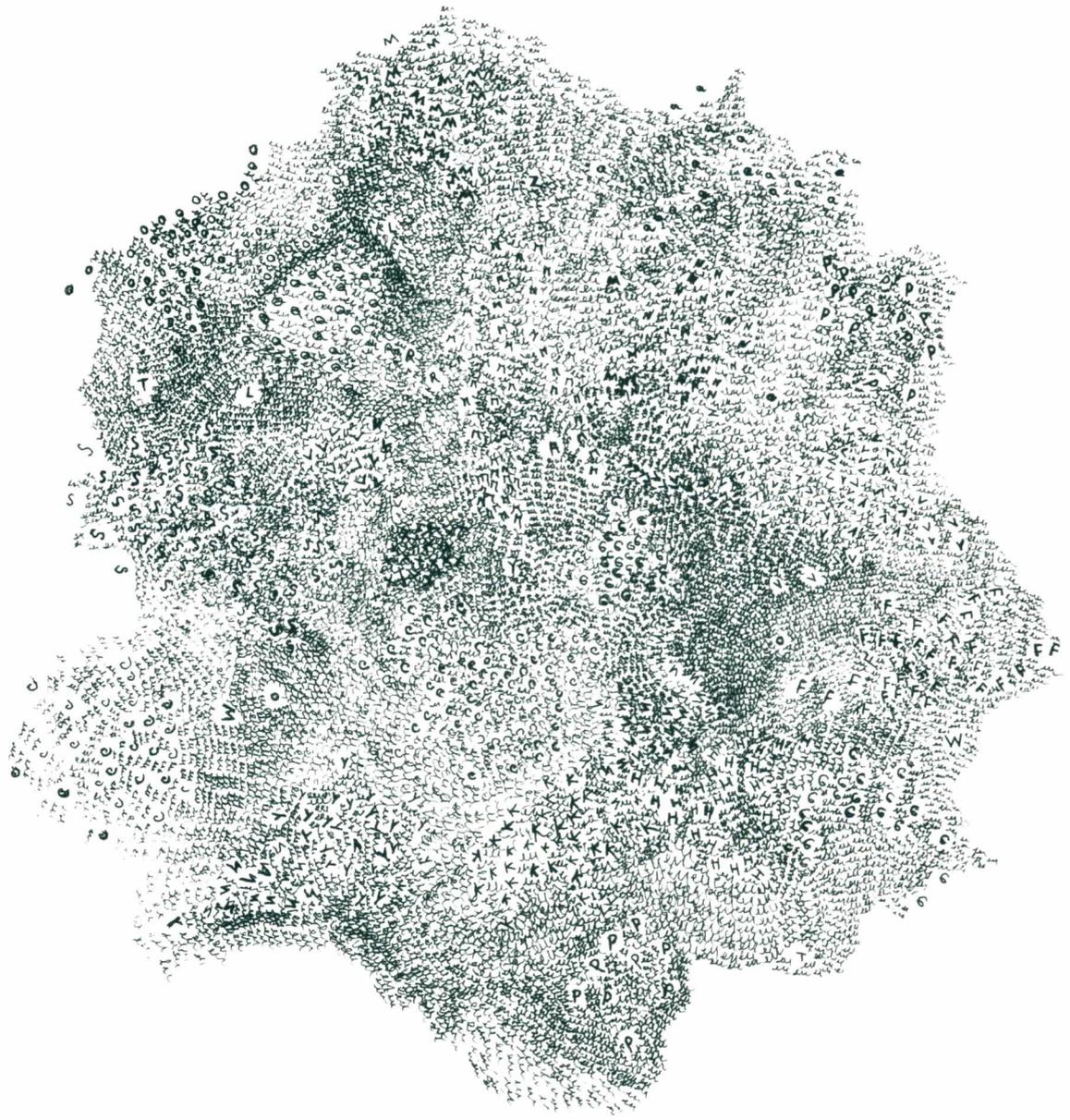
A arte passaria a ser um processo de crescimento e de autoconhecimento. Profundamente mergulhada na análise psicanalítica, Lygia interessava-se cada vez mais pela psique. Com o tempo, transformou as experiências em método terapêutico, ao qual se dedicou com exclusividade a partir de 1978. De volta ao Rio de Janeiro, ela passou a receber clientes para tratamentos no seu apartamento em Copacabana – uma prática que seria questionada por psiquiatras e psicanalistas.

No fim da vida, Lygia não se sentia mais artista e já não queria se dedicar intensamente à terapia. Afligia-se por já não ser a criadora que sempre fora. Não sabia mais qual era o seu lugar no mundo. Pouco antes da sua morte, no entanto, encontrou alguma paz. Retomou a análise e considerou sua obra acabada.

– Há um mês ela estava felicíssima. Teve uma conversa com os filhos e amigos e disse que atingira a plenitude e não tinha mais a obrigação de produzir, mas sim o direito de viver como uma pessoa normal – contou a nora Sandra Brito.

Sonia, ao contrário, apenas iniciava a sua produção artística. Na capela quente do cemitério São João Batista, ela teria um encontro fundamental. Após o funeral de Lygia, o escultor Sergio Camargo apresentou-a ao crítico inglês Guy Brett, um dos maiores especialistas na obra da irmã. Autor de vários artigos sobre Lygia, Guy logo percebeu que as duas irmãs tinham o mesmo espírito inquieto e a mesma ousadia.

Os dois trocaram cartas e iniciaram um diálogo que, no futuro, seria decisivo para a carreira de Sonia.



# Almanaque

DEPOIS DAS AVENTURAS PELO MAR, SONIA LINS E PAULO ALBUQUERQUE DECIDIRAM EMBARCAR NUMA VIAGEM MAIS LONGA – E MUITO MAIS CONFORTÁVEL. Destino: Paris. A capital francesa, que já tinha recebido o pai, Jair, e a irmã, Lygia, abrigaria outro membro da família Lins.

Sonia passou adiante metade dos seus pertences – roupas, panelas e até a sua coleção de arte, presenteada ao filho Sérgio – antes de embarcar no navio que os levou à Europa em 1991. Queria começar vida nova, até mesmo no guarda-roupa e nos objetos da casa.

– Quero entrar em Paris sem nada – dizia.

Paris seria o ambiente perfeito para eles, maduros, livres de compromissos, amantes dos prazeres da vida – esta que passa rápido e que, Sonia sabia, devia ser aproveitada ao máximo, sem culpas nem depressões.

E lá foram eles viver juntos num cenário de sonhos, *comme il faut*. O apartamento na Île Saint-Louis, na margem do rio Sena, face norte da ilha, era cercado de bistrôs abastecidos com os melhores queijos e vinhos do mundo. Uma espécie de paraíso em terra firme, sem despesas de “comissionamento”, protegido dos altos e baixos da maré enfrentada por Paulo Albuquerque nos últimos anos de aventura náutica.

Algumas vezes ele chegou a conduzir um veleiro e a ancorá-lo próximo ao apartamento – era preciso tirar o mastro para navegar sob as pontes do Sena. Nostalgias do passado de velejador, que ele curava também com vôos em planadores e pequenos aviões pelas cercanias de Paris. Sempre um bom copo, Paulo dedicava-se ao “estudo” de aromas e sabores dos vinhos e definia o novo endereço como “o verdadeiro consulado do Brasil em Paris”.

Longe do Rio de Janeiro, aos 72 anos, Sonia estava em paz. Seu único projeto ambicioso era viver bem, sem maiores preocupações. Dormir, acordar, receber amigos para um drinque no fim da tarde, sair para jantar, ler os jornais do dia (*Herald Tribune*, sempre), fugir da televisão, freqüentar exposições, caminhar pelas ruas impecáveis da capital francesa e seguir em frente sem reclamar.

O apartamento logo foi ampliado com um anexo no andar de baixo, para os hóspedes que começavam a chegar – uma forma de garantir o conforto do casal que, cioso da sua privacidade, mantinha quartos e banheiros separados.

A vista era cinematográfica: a Rive Gauche, a catedral de Notre Dame, o rio – cartões-postais adentravam vidraças.

Sobravam tempo e tranqüilidade para Sonia brincar com as palavras, sem nenhum compromisso, bem de acordo com o ritmo de sua vida naquele início dos anos 1990.

Nasceu ali, em Paris, a obra mais despretensiosa da autora de *Baticum*. O “pai dos maxilares de cavalo”, a “mãe do braço grosso”, o “avô baixo e gordo”, o “avô que já nasceu ancião”, todos estes personagens da infância, tão decisivos na vida de Sonia, ficaram de fora das 184 páginas do novo livro, uma espécie de almanaque inspirado nos livros do gênero, populares nos anos 1950 e 1960.

*Abre-te Sésamo* é o título do livro organizado em capítulos de acordo com os 12 signos do Horóscopo chinês. Ano do Porco, do Rato, do Boi, do Tigre, do Coelho, do Dragão, do Carneiro... Para cada capítulo, um bicho e uma infinidade de cita-



*Apartamento na Île Saint-Louis (à esquerda) e Sonia Lins e Paulo Albuquerque*

ções, crendices, piadas, receitas culinárias e curiosidades garimpadas por Sonia Lins nas suas longas e merecidas horas vagas.

Você sabia? Com seu revólver Springfield calibre 50, Buffalo Bill matou 4.280 búfalos em apenas 17 meses...

Um conselho de Carlos Drummond? “Leia muito e esqueça o mais que puder.”

Uma citação? “Dize-me com quem andas e te direi se vou contigo.” (Barão de Itararé)

De Minas, recomendações da medicina popular: para hemorróidas, “sentar-se antes do sol nascer sobre tronco de bananeira cepada de véspera ou sobre pedra de amolar ou sobre machado exposto ao sereno. Beber diariamente água de flor de alcanfor do campo”.

Entre mil histórias, uma anedota familiar, protagonizada pelo neto João Pedro Andrade, aos seis anos: “A mãe, muito nervosa, saindo correndo com o filho para ir assistir à primeira comunhão dele:

– Será que na igreja tem banheiro?

O filho, imbuído do espírito religioso:

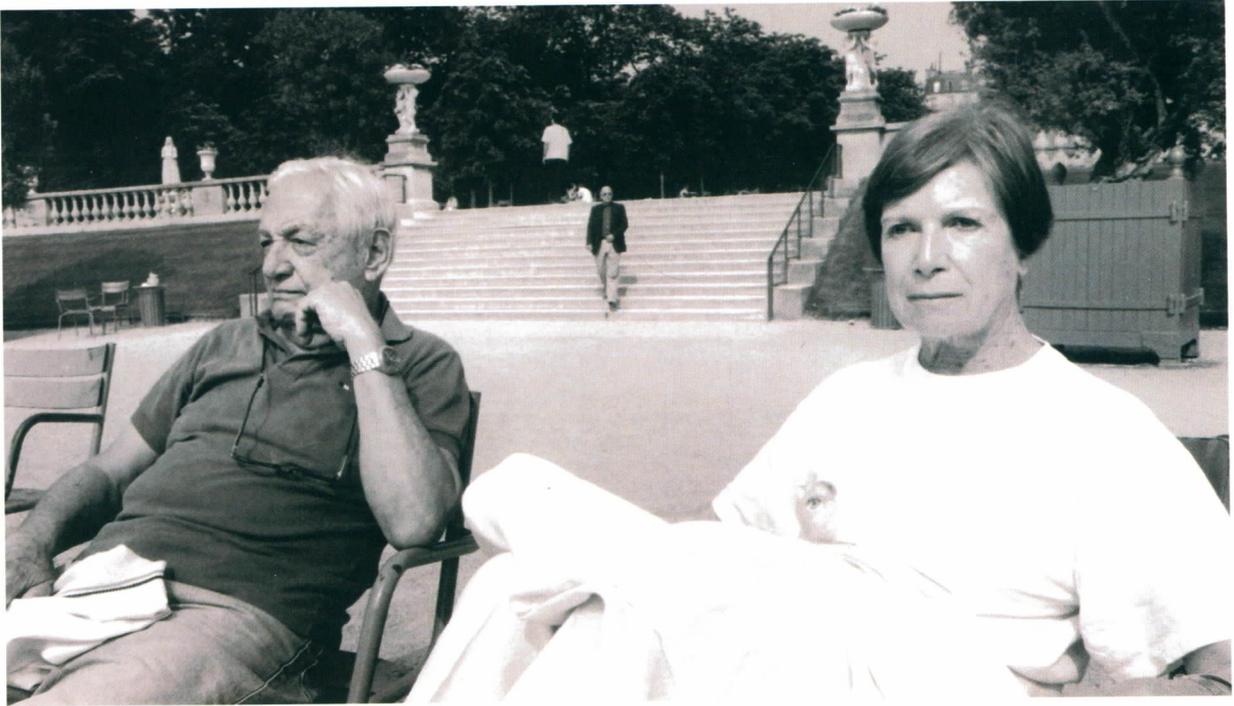
– Então você vai fazer um cocozinho sagrado?”

Sonia nasceu no dia 11 de abril de 1919, ao meio-dia. Consulto seu *Almanaque* e... abre-te, sésamo!

Ano do Carneiro. Elemento: fogo. Característica principal: Carneiro é o patrono das artes e fará aflorar a criatividade na natureza das pessoas. Traços marcantes: sinceridade e integridade, sorte e prosperidade, gasta demais...

A vida era um *Almanaque* em Paris. Sorte de Sonia ter sabido aproveitar esses últimos anos ao lado de Paulo Albuquerque, companheiro de tantas aventuras.

Abre-te, sésamo. Agora a conversa é com Paulo num de seus lapsos de lucidez, já no fim da vida. O sedutor incorrigível ataca de novo... O alvo de sua corte: Sonia Lins, transformada em outra pela idade avançada do Don Juan.



*Paulo Albuquerque e Sonia Lins em Paris*

– A Soninha tá viajando... – ele diz. – Vamos jantar juntos esta noite? – convida.

À Soninha só resta dizer:

– Agora você quer me trair comigo mesma? Só faltava esta...

Era preciso rir da vida sem queixas. E Sonia ria.

Uma lição de *Abre-te, sésamo*:

*Traga os olhos bem abertos antes de se casar e semifechados depois.*

Sonia não alimentava ilusões nem mágoas e colecionava histórias divertidas para o almanaque de sua vida.

Mais uma cena:

Ela e a amiga Helena Pedrosa passam uma temporada na fazenda do filho de Sonia, Kiko, em Kentucky. Numa noite, Helena decide arriscar-se na cozinha e prepara um arroz com brócolis. Sonia dá a primeira garfada e pergunta:

– Será que tem alguma penitenciária por perto para a gente doar esta comida toda?

Helena anotou várias tiradas de Sonia Lins nos últimos encontros.

Sobre a viagem: “Helena, a viagem foi horrível, mas adorei”.

Um comentário estético: “A Rua Humaitá é tão feia, mas tão feia que chega a ser bonita”.

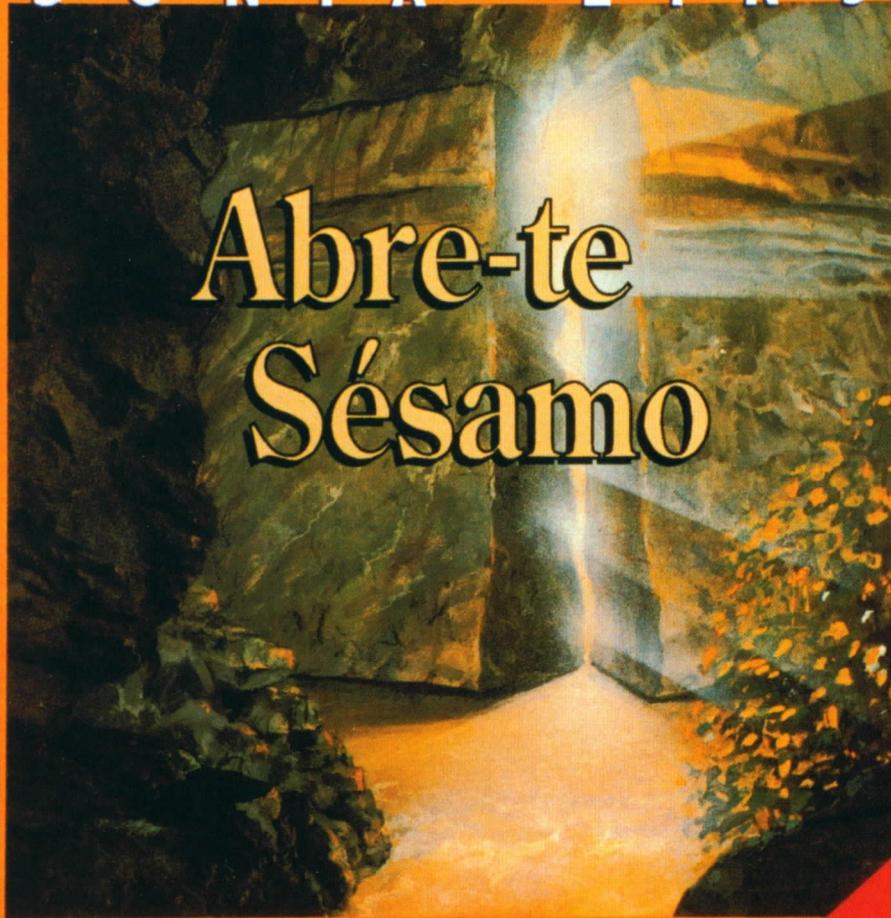
Para assustar as senhoras numa roda de conversa entediante: “Ah, vamos parar com isso. Vamos falar de suruba”.

E uma desculpa direta para evitar uma visita ou um hóspede indesejado: “Fulana, não vem aqui hoje não. Sicrano está aqui em casa e vocês não se dão bem. Vamos combinar outro dia”.



# ALMANAQUE

S O N I A L I N S

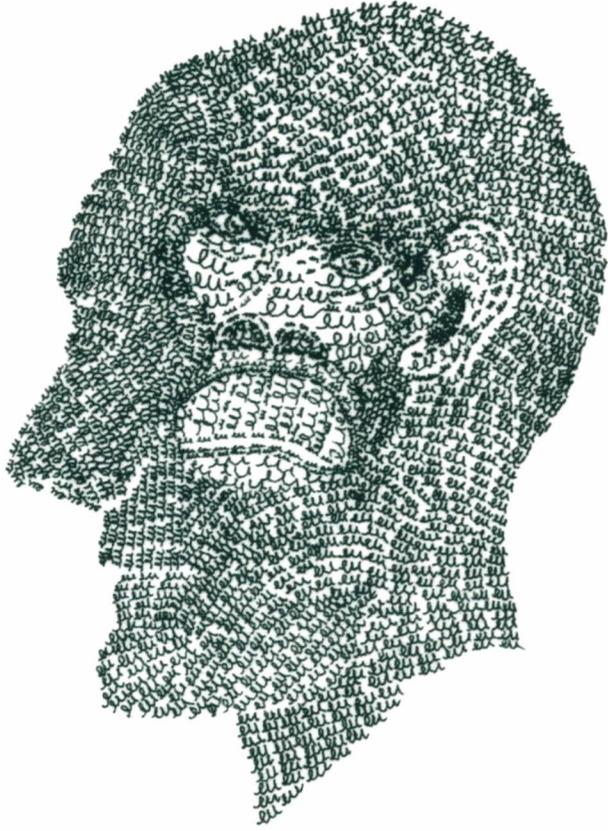


## Abre-te Sésamo

Fu

FORENSE UNIVERSITÁRIA

HUMOR  
DICAS  
RECEITAS



## Paulo despede-se de Paris

A TEMPORADA DE SONIA E PAULO NA ÎLE SAINT-LOUIS ESTENDEU-SE POR QUASE DOIS ANOS. Em julho de 1993, aos 80 anos, Paulo embarcou no avião com a companheira para rever a família e reencontrar amigos no Rio de Janeiro. Foi a pior viagem de sua vida.

Uma hemorragia interna – súbita e inexplicável – levou-o direto do avião para uma ambulância já estacionada na pista de pouso do Galeão. Os dias felizes em Paris terminaram na clínica São Vicente, onde o médico recebeu seis litros de sangue.

Varizes do seu esôfago romperam-se. Este era o diagnóstico. O fígado estava comprometido. Começava ali uma longa agonia, mas Paulo não se entregaria fácil à doença que combateu e derrotou nos outros por tantos e tantos anos.

Em outubro, contra todas as orientações médicas, Paulo voltou a Paris. Seu organismo fraquejava, a cabeça falhava e os riscos de morte aumentavam a cada dia. O mais seguro era ficar no Brasil, perto da família, assistido pelos companheiros de profissão.

Paulo conformou-se. Sonia ficou em Paris e passou a reencontrar o companheiro – com quem sempre conversava pelo telefone – nas viagens de férias.

De vez em quando, do outro lado da linha, Paulo dizia:

- Estou chegando aí de barco, Soninha. Me espera no Sena.

O marinheiro continuava vivo, velas infladas, pronto para dar a volta ao mundo.

Nos seis anos seguintes, ele seria internado para exames e cirurgias 56 vezes. Em poucas ocasiões reclamou e nunca se arrependeu de nada.

- Faria tudo outra vez - dizia para a filha Arminda.

Quando eu estou  
calada não me  
interrompa porque  
estou falando consigo-

zob avise o  
virabst osreb  
a so  
vrb avise

eu critei e entendi  
que a gente gosta mais  
dos defeitos das pessoas  
do que das qualidades  
Porque?  
Todo mundo sabe, mas  
nô sabe que sabe



## Novos tempos

SONIA PRECISAVA INVENTAR NOVAS MANEIRAS DE CONTINUAR A VIDA SOZINHA — E NÃO SOLITÁRIA — EM PARIS. Sua família e os amigos estavam no Rio, mas ela preferia ficar ali, na cidade preferida de seu pai, uma cidade cada vez mais sua também.

Quando Paulo voltou para o Rio, Sonia mudou-se para um belo apartamento na rue Guynemer, ao lado do Jardim de Luxemburgo. Das janelas, podia ver o Pantheon, a igreja de Saint Sulpice, a torre Eiffel — enfim, os principais cartões-postais da cidade a cercavam.

Para se sentir mais feliz e acompanhada, passou a abrir o novo endereço, cada vez com maior frequência, aos amigos brasileiros. O economista Roberto Campos e o jornalista Miguel Reale faziam parte do grupo de antigos companheiros. Mas a maioria absoluta de convidados era da nova geração, uma safra formada por jovens artistas, que Sonia fazia questão de apoiar e estimular.

Era comum vê-la comprar telas de iniciantes e pagar caro por algumas delas só para ajudar.

Suas reuniões, sempre impecáveis e divertidas (uma combinação rara), ficavam cada vez mais concorridas. Aos sábados, o cardápio era irresistível: uma paella preparada pela empregada Josefina, regada a azeite e vinhos de primeira linha. Quem resistiria?

Com o tempo, Paris voltou a ter, para Sonia, o colorido de seu *Almanaque*. Novas histórias – divertidas – somaram-se a seu vasto repertório. Uma delas envolveu a compra da tela de um artista consagrado em Paris.

A obra custou caro e Sonia tratou de pendurá-la na parede da sala. De vez em quando, ela olhava para a pintura e incomodava-se com as cores escuras, carregadas demais, na barra da tela. Quando um amigo chegou, num fim de tarde, encontrou Sonia de pé no sofá, lixa e pincel na mão, retocando o quadro. “Tá pago, né?”, ela comentou. Dias depois o artista foi à sua casa para um jantar e agradeceu o destaque dado à tela, sem perceber a cirurgia plástica.

Sonia não devia nada a ninguém e divertia-se com estripulias como estas. E outras...

Nessa nova etapa de sua vida, ela passou a receber com assiduidade um casal de amigos para o *happy hour*. Todos os dias, às seis horas em ponto, eles estavam lá, cada vez mais íntimos, prontos para um drinque. Numa noite, a empregada de Sonia contou ter sido contratada pelo casal para servir um jantar na casa deles.

Sonia ficou estupefata. Não tinha sido convidada nem consultada.

Na manhã seguinte ao tal jantar, encomendou flores e mais flores do campo, pôs champanhe para gelar e mandou a empregada arrumar a mesa com as melhores louças, linhos, talheres, velas e taças para um jantar de oito lugares.

Quando o casal chegou para o drinque do fim de tarde, encontrou a mesa posta e impecável.

– Agora pode guardar tudo – Sonia instruiu a empregada um tanto estupefata quando os vizinhos foram embora.

Sonia deu o troco sem dizer uma palavra.

Apesar de ser conhecida pelo modo direto de falar – definitivamente, não tinha papas na língua – ela sabia usar estratégias inusitadas para dar o seu recado.

Quando uma amiga ficou hospedada em sua casa, Sonia começou a ficar incomodada com o seu hábito de falar alto demais. Pediu então a outra amiga para escrever uma carta em nome de uma suposta vizinha, reclamando do “alarido” no apartamento.

A própria Sonia ditou os termos da carta e, ao recebê-la, pediu à amiga barulhenta que a lesse em voz alta – estava sem óculos.

Deu certo.

Cercada pelos amigos, Sonia construiu uma nova família para ela em Paris e conseguiu transformar o Natal – deprimente para muitos – numa festa imperdível.

Ela recebia cada convidado com um presente e divertia todos com histórias de sua infância mineira e “causos” impagáveis de sua vida nada convencional.

Um desses casos envolvia um fio de cabelo que nasceu no meio da sua testa.

Admirada, Sonia começou a cultivá-lo. O cabelo crescia, e ela, todos os dias, admirava o seu fio de estimação. O enlevo durou até que uma empregada – zaz – arrancou-o de surpresa. Sonia ficou furiosa e a pobre empregada, que pensava ter feito um favor à patroa, constrangida.

Sonia sabia viver e sabia, como poucos, enxergar a graça da vida.

Mas nem tudo era festa em Paris. Sozinha, em casa, em paz com a própria privacidade, ela tratava de elaborar seus lutos.

A morte de Lygia – e a saudade da irmã – gerou em Sonia um novo *Baticum*.

O livro, *Artes*, foi nascendo aos poucos, linha a linha, sobre páginas de papel A4. O embaixador Sergio Correa da Costa e sua mulher, Michelle, vizinhos de prédio, acompanharam essa nova gestação.

Muitas vezes, Sergio atuou como uma espécie de revisor informal da nova obra de Sonia, um registro poético e irreverente das brincadeiras de infância vividas

pelas irmãs e um documento sobre o quanto as estripulias foram decisivas para a obra de Lygia.

– Este diálogo entre Sonia e Lygia cutucou a artista Sonia – avalia Sergio.

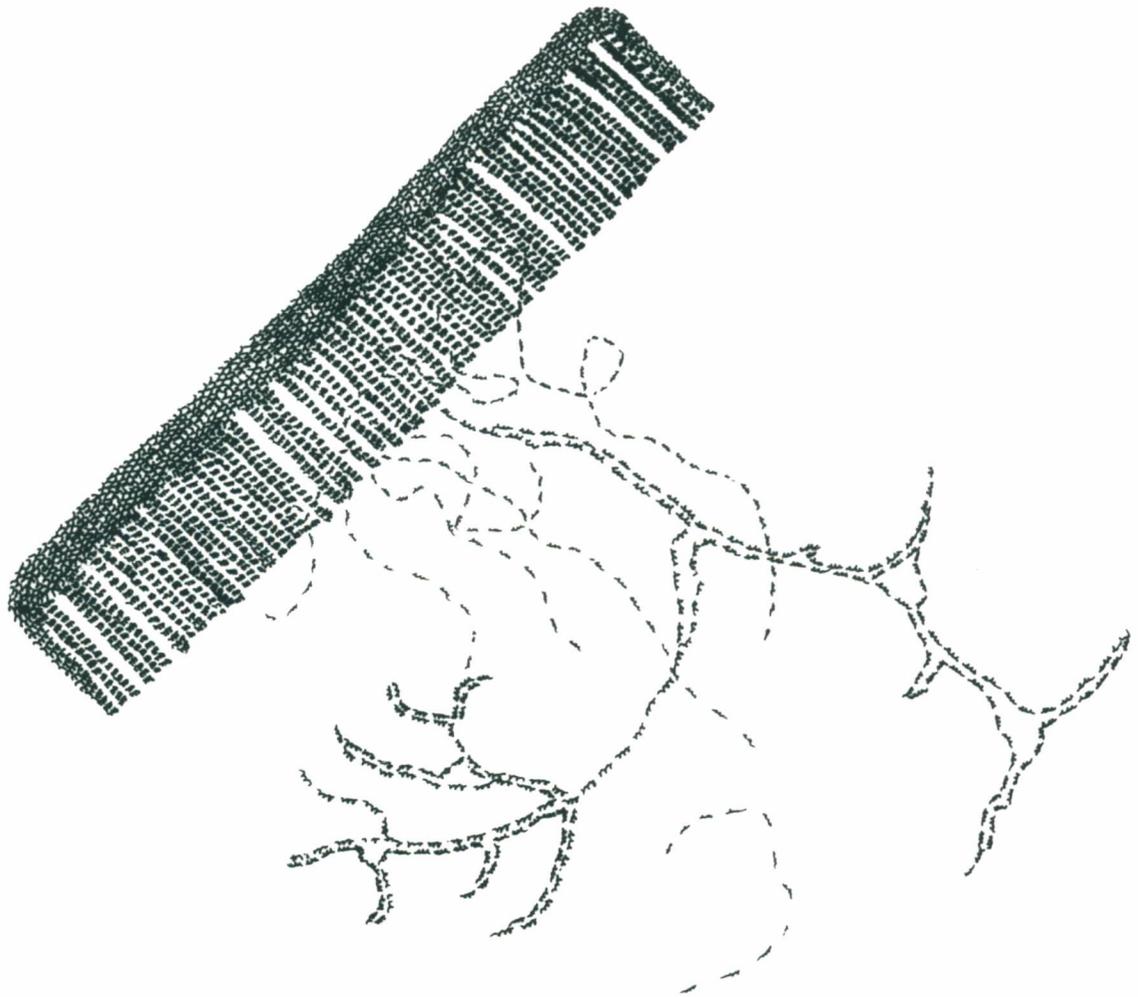
Na primeira página do livro, um texto impresso vai perdendo a nitidez a cada linha, até quase desaparecer na última frase.

*Era uma vez duas irmãs. Uma chamava-se Aparecida e a outra tinha o nome de Desaparecida. Todas as vezes que Aparecida desaparecia aparecia Desaparecida. Um dia Desaparecida apareceu e Aparecida não desapareceu.*

Quem é a Aparecida e quem é a Desaparecida? Lygia ou Sonia? Amigas fizeram esta pergunta a ela.

– Somos nós duas – Sonia dizia.

Era uma vez duas irmãs. Uma chamava-se Aparecida e a outra tinha o nome de Desaparecida. Todas as vezes que Aparecida desaparecia aparecia Desaparecida. Um dia Desaparecida apareceu e Aparecida não desapareceu. Desaparecida pareceu desfalecer e Aparecida desapareceu. Desaparecida virou Aparecida e Aparecida se transformou em Desaparecida e quando Aparecida que era Desaparecida aparecia, Desaparecida que era Aparecida desaparecia. Quem era agora Aparecida e quem teria sido Desaparecida? Uma noite, Aparecida que era Desaparecida desapareceu e se escondeu debaixo da cama de Desaparecida que tinha cer e Aparecida desapareceu. Desaparecida virou Aparecida e Aparecida se transformou em Desaparecida e quando Aparecida que era Desaparecida aparecia, Desaparecida que era Aparecida desaparecia. Quem era agora Aparecida e quem teria sido Desaparecida? Uma noite, Aparecida que era Desaparecida desapareceu e se escondeu debaixo da cama de Desaparecida que tinha sido Aparecida. Desaparecida que tinha então sido Aparecida, dormiu em cima da Aparecida que era Desaparecida. Debaixo da cama, Aparecida então desaparecida, aproveitou que a irmã dormia e os olhos furou da Desaparecida que tinha sido Aparecida, para que ela Aparecida realmente Desaparecida, pudesse aparecer sem fazer Desaparecida realmente Aparecida desaparecer. No dia seguinte Desaparecida que era Aparecida procurou Aparecida que era Desaparecida e Aparecida não apareceu. Aparecida ainda como Desaparecida, furando os olhos de Desaparecida na verdade Aparecida, desapareceu e Desaparecida apareceu.



## A morte de Kiko

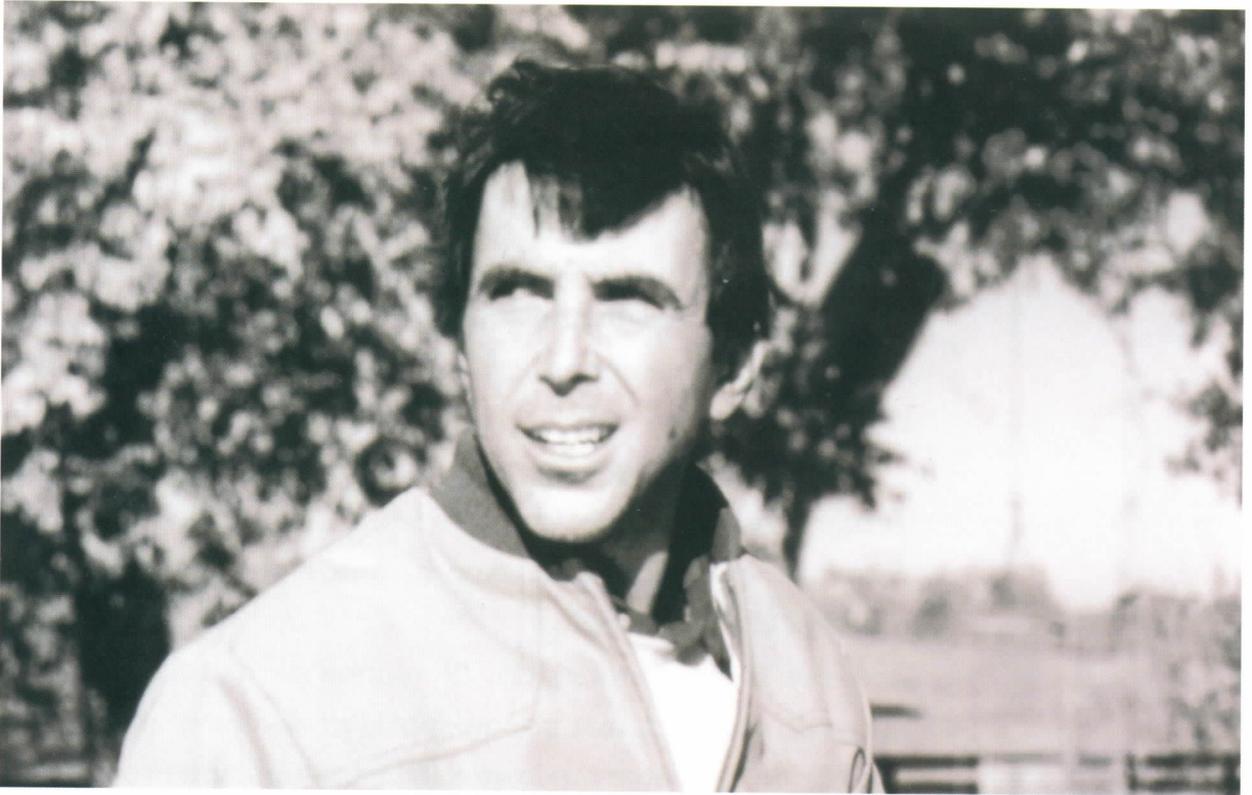
EM 1995, O PIOR ACONTECEU. Kiko, o filho caçula, morreu de hepatite B, aos 46 anos, na fazenda onde acabara de construir a “casa dos sonhos”, em Kentucky, interior dos Estados Unidos.

Sonia chegou na fazenda quando já era tarde demais. Tentara visitar o filho várias vezes, mas ele dizia que a viagem não era necessária. Agora, Sonia chegava quando a morte já era inevitável.

A dor tomou conta dela. Nenhuma perda se compara à perda de um filho, mas pouquíssimas pessoas a viram chorar. Em vez de se abater ou de se entregar a um lamento infinito ou a uma prostração insuperável, Sonia decidiu transformar o luto em arte – uma homenagem ao filho com quem conversava pelo telefone toda semana e com quem dividia um olhar transgressor e irreverente diante da vida.

Kiko foi aquele que largou tudo – a empresa do pai e os projetos executivos – para se dedicar à vida no campo em outro país. Foi aquele que rompeu com a lógica masculina da família (um bom casamento, sólida carreira empresarial) para seguir os próprios passos.

Sonia o compreendia e o apoiava como poucos... até o fim.



*Kiko*

O último pedido dele foi cumprido à risca. Kiko foi enterrado na fazenda de Kentucky, na área mais elevada do terreno. Sonia projetou uma capela de concreto armado, madeira e vidro para abrigar o túmulo do filho e desenhou para a cúpula da construção um vitral ilustrado pela imagem de Kiko abraçado ao cachorro.

Uma foto do filho serviu de modelo à mãe. Sonia cuidou dos mínimos detalhes, desde os esboços iniciais até os arremates. Foi assim – trabalhando – que ela conseguiu anestesiar a dor e seguir em frente. A amiga e arquiteta Cláudia acompanhou essa homenagem póstuma.

No projeto do vitral, Sonia usou canetas coloridas (azul, violeta, verde, vermelho e amarelo) para escrever as seguintes inscrições:

*Tens algo das estrelas, tens algo do amor, tens algo dos ventos, tens algo das cores, tens a vontade e ela é livre.* Marcos Lins Andrade – 1949 – Belo Horizonte – 1995.

199

A mãe dedicou-se à cada minúcia do projeto e definiu até mesmo o ângulo das venezianas nas portas e janelas em busca da iluminação perfeita.

A capela demoraria quase três anos até ficar pronta. Sonia guardaria para sempre, entre seus raros objetos de estimação, o pente usado por Kiko desde a infância.

Nesse período, enquanto lutava para digerir a morte do filho caçula, um novo amigo entrou em sua vida, apresentado pela ex-nora, Vera. Odilon Ladeira, quase quarenta anos mais jovem, apareceu para experimentar a paella de todo sábado e, em pouco tempo, tornou-se um companheiro assíduo, sempre presente, na vida de Sonia.

Poucos amigos a conheceram tão bem. Odilon trabalhava com moda, organizava e produzia alguns dos catálogos e desfiles mais concorridos da Europa. Com bom gosto e irreverência, ele logo se afinou com Sonia. Tinham um traço forte em comum: o hábito de aproveitarem a vida sem reclamações inúteis.

De vez em quando Odilon corria pelo Jardim de Luxemburgo. Sonia o via pela janela e não resistia: ligava para seu celular para combinar um almoço ou apenas dizer *bonjour*.

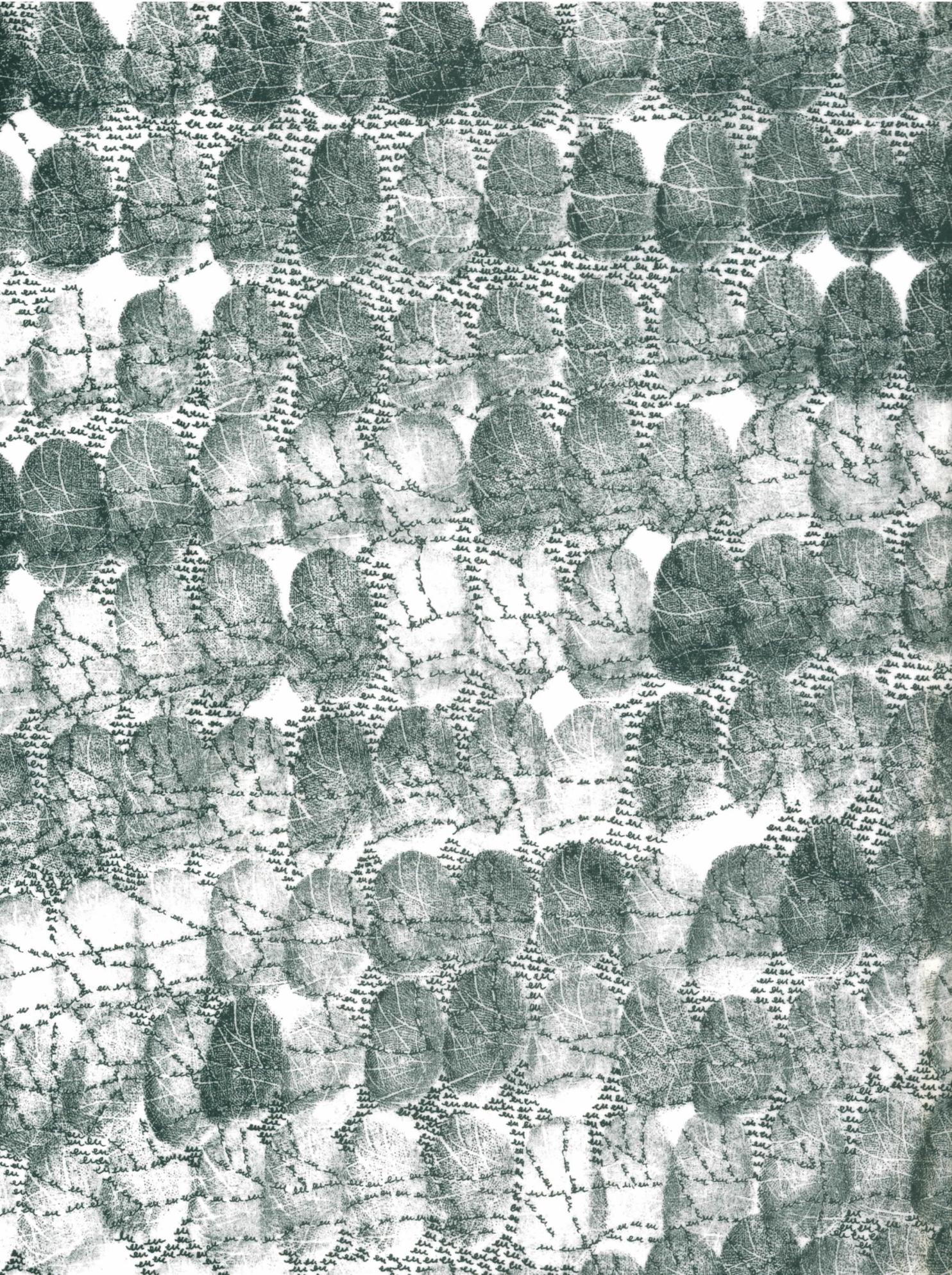
Os bistrôs Monsieur Lapin – especializado em coelho – e Vin Mari eram dois dos endereços preferidos de Sonia em Paris. Ela comia como “passarinho” – palavras de Odilon – e bebia moderadamente. Um copo de uísque seguido por uma taça de vinho costumava ser sua medida ideal.

Bem-humorada, positiva, ativa, Sonia em momento algum aparentava ter a própria idade. Os 80 anos – cada vez mais próximos – pareciam distantes daqueles olhos vivos e daquela vontade cada vez maior de criar, superar os limites do tempo e da realidade.

Vontade e coragem não faltavam a ela. Nem a morte de Kiko, tão prematura, conseguiria levá-la ao chão.



*Esboço para vitral na capela erguida em memória de Kiko*



## Artes

ERA HORA DE ENGOLIR O CHORO, POR MAIS DIFÍCIL QUE FOSSE, E SUPERAR O LUTO. Ou melhor: os lutos. Oito anos depois da morte da irmã Lygia, um ano depois da morte do filho Kiko e três anos depois da mudança de Paulo Albuquerque para o Rio de Janeiro, Sonia pôs no mundo sua nova cria: *Artes*, no plural mesmo. Artes como estripulias ou artimanhas – um olhar irreverente sobre a vida – e *Artes* como criação, título do belíssimo livro lançado por ela em 1996.

O jornalista Fernando Pedreira, um amigo próximo que conviveu com o casal Sonia-Paulo e manteve a amizade com Sonia quando ela se mudou sozinha para o apartamento da *rue Guynemer*, percebeu e registrou em belo texto uma mudança profunda na conterrânea.

*O que essa fase da rue Guynemer em verdade nos trouxe foi outra Sonia, sutilmente diferente da que conhecíamos: Sonia depois dos seus homens, depois dos homens de sua vida. [...] A Sonia da rua Guynemer me pareceu, desde o início, mais firme, mais determinada, mais severa, uma mulher segura de si, decidida a afirmar femininamente, e cada vez mais, sua personalidade e suas paixões tão fundas.*

Uma dessas paixões era, sem dúvida, a memória da irmã Lygia – no fundo, a memória dela mesma.



Ao lançar *Artes*, em 1996, na galeria Joel Edelstein, em Ipanema, Sonia permitiu-se uma brincadeira soturna com a repórter do *Jornal do Brasil*.

– Pensei em trocar o título do livro para “Já vou”. Seria uma espécie de aviso a Lygia e também uma brincadeira. Afinal, já estou velha.

Dezoito anos depois de ganharem vida no visceral *Baticum*, o pai de maxilares de cavalo, a mãe do braço grosso, o avô que já nasceu ancião, o "avô baixo e gordo" – todos estes personagens voltaram à tona numa versão mais comportada.

– *Artes* é mais ajuizado do que *Baticum* – Sonia disse, em entrevista à sobrinha Marília Andrade.

Focado principalmente na irmã Lygia Clark, *Artes* é um documento sobre o quanto vida e obra se misturam e o quanto as experiências dos primeiros anos de vida atuam sobre nós como terreno fértil para a criação ou a destruição, a imaginação ou a estagnação.

“A lembrança da infância é um processo ambíguo”, escreveu o amigo e crítico de artes Guy Brett no prefácio. “Pela lógica da brincadeira, a pessoa projeta o presente sobre o passado, e o reinventa. Este livro é cinético: seus microcosmos são compostos de ações, relações, sensações corporais, transformações, que são as sementes do futuro trabalho de Lygia”.

As mesmas sementes das quais brotou a obra de Sonia.

A infância, para Sonia e Lygia, foi decisiva. Terreno fértil, adubado, irrigado como o quintal da casa de Jair e Ruth. Terreno movediço também. Foi depois de enterrar a irmã que Sonia decidiu desenterrar essas lembranças e revolver, mais uma vez, o baú da infância.

Um dia, em conversa com Guy Brett, Lygia Clark – na época já consagrada como artista plástica de vanguarda – contou que Sonia sempre foi a “mais linda e brilhante” entre as duas. Para Lygia, a irmã poderia ser uma artista ainda melhor do que ela.

Mas Sonia não quis construir uma carreira. Preferiu viver com o máximo de liberdade a se preocupar com montagens de exposições, sistemas de comercialização, processos de divulgação.

– A vida é mais importante do que a arte – costumava dizer. E comparava: “A diferença entre nós é que Lygia sempre foi disciplinada e eu só faço a coisa pelo prazer. Gosto do trabalho apenas para me colocar ocupada. Sou mais livre e mais solta” – disse, numa entrevista à *Tribuna da Imprensa*, em abril de 2003.

*Artes* começa com uma frase-síntese (promovida a título deste perfil biográfico): *Se é para brincar eu também gosto.*

As emoções da infância são revisitadas, agora, numa espécie de diálogo costurado entre Sonia e a irmã Lygia, tendo como ajuda as cartas trocadas entre elas.

Numa dessas cartas, Lygia lembra o quanto o avô Edmundo Lins foi importante em sua obra e em sua vida tão ligadas.

*Nunca pensei que tivesse me apropriado de tantos monstros graças a toda mitologia que nos foi contada por vovô Lins: estou com sintomas incríveis, saem formas dos buracos do meu corpo e se tornam polvos terríveis ou grandes aranhas negras. É incrivelmente belo o processo: abri meu corpo com as mãos em forma de concha em todos os pontos capitais. Depois que encontrei a serpente e a água, vivo comendo frangos que preparo com uma tensão magistral. [24 de maio de 1973]*

Para compor *Artes*, Sonia releu com cuidado as cartas da irmã e sublinhou trechos de cada texto em busca dos vestígios da infância e do elo entre as memórias vivas e o processo criativo de Lygia.

“Acho que o livro contribui para quem quer conhecer a Lygia através de uma visão íntima, algo que ia se perder e que é tão interessante quanto a obra dela”, avaliou Sonia em entrevista ao *Jornal do Brasil*.

Não podes imaginar a falta que tenho sentido delles, até parece mentira ! Tenho sentido uma bruta falta, este raio de Paris não me dá nem o triste consolo de ouvir um galo cantar ! Paulo tem continuado a tractar do gallo que ahí ficou ?

Nessa correspondência íntima, Lygia dava notícias de suas novas criações, experimentos realizados com os alunos de Sorbonne. Numa das experiências, ela vestiu os jovens com a cesariana, “roupa de cujo ventre saíam frutos para serem distribuídos pelo portador, de olhos fechados, ao grupo sentado ao redor dele, também de olhos fechados, que depois da primeira mordida na fruta passava-a adiante, sem olhar a quem”.

Sonia lembrou-se das brincadeiras proibidas com os primos no capinzal.

Lygia, a menina que engravidou de uma bola colorida, pariu muitas dessas memórias, desejos e culpas em suas obras: os *Casulos*, espécies de ovos ou úteros; os *Bichos*, esculturas metálicas dobradiças; as *Trepantes*, formas metálicas unidas a fragmentos de árvores.

Estas obras teriam nascido se Lygia não tivesse crescido entre os galos e as lichias do quintal de Jair?

É esta a investigação feita por Sonia em *Artes*.

Mais uma carta de Lygia:

*Estou com mais de 25 alunos em cada curso da Sorbonne; vivências incríveis ocorrem quando cobertos fazem o corpo coletivo. Envoltos em papéis, ligados pelas mãos e pés, começam a cantar, gritam e riem às gargalhadas, e quando faço um barulho que é vivido como perigo, sentem-se seguros por se darem as mãos e quando algum deles sai do grande corpo, têm medo e se sentem como se estivessem sendo rasgados.*

Lygia não fazia a ligação direta entre essas vivências e as memórias de criança. Sonia enxergou os vínculos e viu no “grande corpo coletivo” resquícios daquele corpo único criado por ela e Lygia diante do espelho dentro do vestido da irmã.

E viu muito mais.

Na infância, as irmãs usavam o espelho do armário do pai para outras brincadeiras. Lygia comandava o espetáculo.

*Chamava Sonia, ambas tomavam posição de cada lado da porta e, sustentadas por uma perna, montavam com a outra na superfície espelhada, deixando refletir um único braço e mantendo as bochechas coladas no espelho mudavam a posição de braços e pernas fazendo com que a imagem duplicada de cada uma parecesse suspensa no ar.*

Lygia não se cansava de repetir este jogo. Havia uma magia escondida no espelho que a intrigava.

*Esperou 1969 para conseguir exorcizar do corpo a “fantasmática do espelho, na fase sensorial denominada Nostalgia do Corpo. Entre as máscaras criadas, a última a ser feita era um capuz preto escondendo o rosto de quem a usasse. Dois buracos redondos foram abertos para que os olhos pudessem enxergar diante deles um espelho virado para o interior, obrigando a quem a usasse encarar-se provocando uma sensação de introversão e dissociação. [Artes]*

209

A origem de tudo – Sonia sabia – era a infância. Origem e fim, talvez.

Voltemos à Rua Pernambuco, em Belo Horizonte.

Jair comprou para os filhos os 18 volumes do Tesouro da Juventude. Lygia buscou na enciclopédia inspiração para uma monografia sobre as funções do corpo humano coordenadas pelo cérebro, a ser apresentada no Colégio Sacré-Cœur de Marie. Algumas páginas do livro ilustravam o interior do organismo com seus ossos e órgãos expostos. O título das ilustrações: “A casa do Chico”. Casa, no caso, era corpo. O corpo de Chico.

Lygia deu este mesmo título à monografia e tratou de anunciá-lo para a classe. Resultado: uma crise de gargalhadas alastrou-se pela sala e misturou-se com o soar da campainha sacudida sem parar pela mão da freira.

Lygia não entendeu o motivo de tanta algazarra.



*Na casa coberta de hera onde morava, atrás do preto portão que a separava da rua, só a empregada apelidava menstruação de Chico. [Artes]*

A freira pediu para Lygia mudar o tema de sua dissertação sem explicar a razão. A aluna acatou a decisão.

*Lygia chegou em casa economizando palavras, a idéia do corpo invadindo a própria cabeça: A CASA DO CHICO, A CASA É O CORPO, O CORPO É A CASA e em 1968 desovou uma série de trabalhos que nascera na casa do Chico décadas antes.*

A nostalgia do corpo manifestou-se no “Labirinto”, onde, segundo Lygia – também em carta – “o homem encontra o próprio corpo através de sensações táteis realizadas em objetos exteriores a si”. O Chico proibido talvez estivesse presente também nas máscaras sensoriais criadas por Lygia, nas quais a cor e o som – produzidos por diferentes materiais colocados na concha do ouvido, junto a fragrâncias aplicadas debaixo do nariz – provocavam percepções táteis e sensoriais inéditas.

211

O “dever de casa” não parou ali na Casa do Chico. Lygia voltou ao estrado do Clube de Ciências do Colégio Sacré-Cœur de Marie com um rolo de papel embaixo do braço, no qual desenhou dezenas de borboletas. As freiras que se benzessem.

*Começou descrevendo o acasalamento com machos mais bonitos do que elas, de cujas barrigas planas se desprendiam presilhas para manterem fêmeas unidas a eles durante o vôo nupcial; depois soltavam-nas prenhas sobre hastes de plantas, aptas a desovarem e, enquanto não o faziam, expeliam cheiro que impedia outros acasalamentos. O ovo se mantinha fechado de três a cinco dias, e larva minúscula irrompia, devorando o que encontra-*

*va pela frente. Em duas semanas a larva aumenta quatro vezes seu tamanho e começa a metamorfose em borboleta. Esconde-se debaixo de galho e tece fronha de seda na qual se fecha, cabeça para baixo, até que fronha esticada arrebente. (Sonia Lins em Artes)*

Sonia viu na metamorfose da borboleta a decisão inconsciente de Lygia de arrebentar a moldura do quadro e passar a integrá-la na superfície pintada. “A pele arrebentada da larva se solta”, escreveu em *Artes*.

*Passou Lygia Clark a construir planos justapostos, até chegar às constelações suspensas à parede, no dizer de Mário Pedrosa, aos contra-relevos em que um plano básico de superfície permite que sobre ele se ergam desdobramentos planimétricos.*

212 Com o tempo, Lygia passou a nomear suas superfícies moduladas, cada vez mais distantes da parede, de casulos e começou a dizer que seus bichos – a exemplo dos casulos de verdade – caíram da parede ao chão.

*Também os bichos de Lygia Clark, lepidópteros, se mais houvesse investido neles, teriam levantado vôo. [Artes]*

Outro bicho, quase lagarta, também deixou marcas em Sonia e Lygia. Elas brincavam com os irmãos de cavalgar canas-de-açúcar no quintal de Belo Horizonte quando depararam com um rastro no piso de tijolos. Um traço único, “não interrompível e brilhante”.

Foi o suficiente para o fim da cavalgada e o início de uma investigação.

*Os cavalos de cana foram freados e os cabrestos de barbante feitos pelo pai, abandonados. Os irmãos com os olhos e joelhos dobrados seguiam o percurso do brilho em trilho, evi-*



*tando colocar as alpercatas sobre eles [...] e o trilho com seu brilho prosseguia caminho e quando chegavam ao canteiro de espinafres, lá estava a benfeitora, lesma cor de rosa, cheia de chifres e orelhas seguindo seu caminho sem olhar para trás.*

Traços dessa mesma lesma Sonia encontrou em outra carta enviada de Paris por Lygia Clark.

*Eu sonhava que abria a boca e tirava sem cessar de dentro dela uma substância, e na medida em que isso ia acontecendo eu sentia que ia perdendo a minha própria substância interna, e isso me angustiava muito, principalmente porque não parava de perdê-la.*

Um dia, depois de ter criado as máscaras sensoriais, Lygia aplicou numa delas uma carretilha destinada a fazer com que a “baba” fosse engolida. Nascia ali, do inconsciente mais profundo de Lygia, a famosa “baba antropofágica”.

*Depois disso só tive um sonho: ia mais uma vez tirando da boca a tal baba, até que tudo o que havia saído se transformou em tubo de borracha que imediatamente introjetei em minha boca. Então eu nunca mais tive esse sonho. (carta de Lygia)*

Quando Sonia teceu a rede de ligações entre passado e presente, vida e obra, ela já estava gestando – sem saber, talvez – a sua própria cria no território das artes plásticas.

Em 1996, depois de criar belos livros (*Baticum*, *O livro da árvore* e o próprio *Artes*), Sonia preparava-se para ir além da palavra.

Nos últimos anos de sua vida, prestes a completar 80 anos, ela mergulharia em si mesma e traria à tona, como a irmã Lygia, tesouros, detritos e desejos da infância.

Nas últimas páginas de *Artes*, ela destacou frases de Lygia com as quais se identificava também.

Um dos parágrafos selecionados por ela fazia parte de uma carta enviada pela irmã ao crítico e amigo Mário Pedrosa, em 22 de maio de 1969:

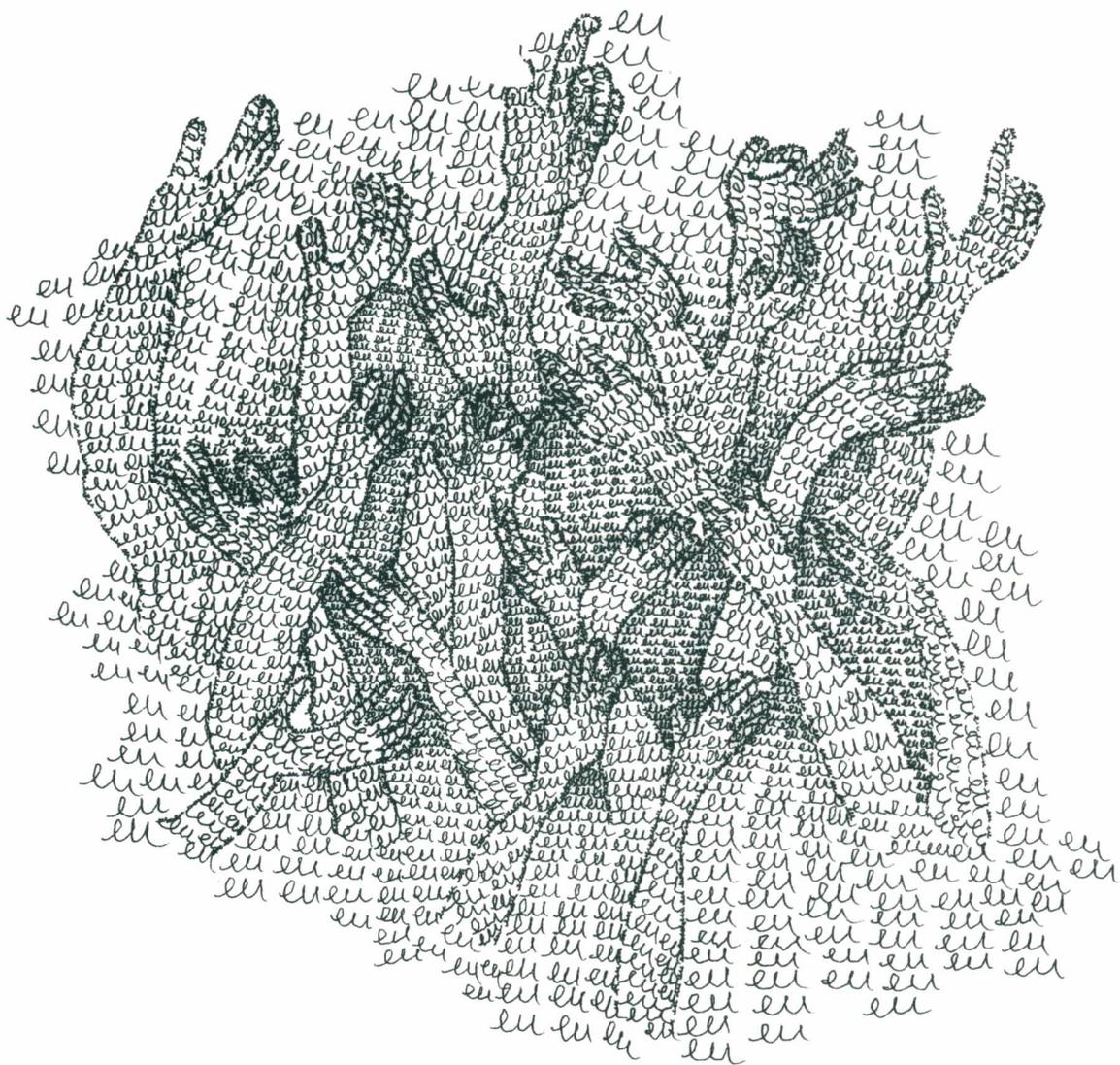
*Tomei consciência de que, na medida em que quase todos os artistas, hoje, se vomitam a si mesmos num processo de grande extroversão, eu, solitária, engulo, cada vez mais, num processo de introversão, para depois fazer a ovulação, que é miseravelmente dramática, um ovo de cada vez. Depois é o engolir novamente, introverter-se até quase a loucura, para botar um único ovo, que nada tem de inventado, mas sim de gerado. Loucura? Não sei. Só sei que é a minha maneira de me amarrar ao mundo, ser fecundada e ovular. (Lygia Clark)*

215

Sonia estava em fase de ovulação.

A última página de seu livro – impressa com a frase “Se é para brincar eu também gosto” – tem o seguinte subtítulo: “Lygia, pode começar tudo outra vez. Mexa-se. Não fique aí deitada. Isso é só uma brincadeira de estátua”. E a frase final: “Você está viva”.

Sonia também.



## Superando os lutos

EM SETEMBRO DE 1998, TRÊS ANOS DEPOIS DA MORTE DE KIKO, A CAPELA EM KENTUCKY FICOU PRONTA. Sonia viajou para a fazenda do filho com a amiga e arquiteta Claudia Barbosa e iniciou os preparativos para a inauguração.

A mesa da capela foi comprada pela própria Sonia em Lexington, cidade vizinha à Kentucky. Sonia convidou um padre para benzer o mausoléu e rezar uma missa para o filho à 1h da tarde.

Foi a primeira e última vez que Claudia viu Sonia chorar. Logo depois do ritual, ela enxugou os olhos e fez planos para o futuro. No ano seguinte, ela disse, a capela estaria mais bonita, cercada de flores e vegetação, menos árida do que naquele dia.

Todo ano, desde então, Sonia voltaria à fazenda para trocar as flores e “visitar” o filho, lembrado também com missas, que Sonia mandava rezar no Rio ou em Paris, na data da sua morte.

As terras – e a lembrança de Kiko – seriam preservadas. Com sua vontade de viver, Sonia ainda conseguiria ter bons momentos nessas viagens. Às vezes, recebia amigos para jantares que ela mesma preparava – um arroz de pato, receita do restaurante carioca Antiquarius, é até hoje lembrado com saudade pelos convidados.



*Capela em Kentucky*

Nesses encontros, a grande diversão era ouvir as histórias contadas com graça e irreverência pela anfitriã. Muitas delas tinham como protagonista Paulo Albuquerque.

Ediala Santiago, uma de suas amigas e “espectadoras” mais fiéis, lembra:

– Ninguém precisava ir ao cinema ou ao teatro. Bastava ver e ouvir Sonia falar.

Em 1999, aos 86 anos, Paulo Albuquerque foi vencido pela doença. Dentro do caixão, a filha Arminda colocou a touca e os óculos de aviador do pai, o elefanti-nho de pelúcia feito pela avó dele e o estetoscópio de médico.

Quando a tampa do caixão se fechou, Arminda agradeceu a Deus:

– Ele fez tudo o que quis na vida. Morreu sorrindo, com dentes maravilhosos.

O tempo corria acelerado. A vida passava e rápido. Em silêncio, enxugando lágrimas ou engolindo o choro, Sonia sofreu essas perdas e, pela primeira vez, sentiu pressa – ela que nunca quis correr, que sempre fez questão de viver um dia de cada vez, que sempre evitou acumular objetos, guardar fotos em álbuns, preservar o passado ou planejar o futuro.

Tantos lutos, acompanhados pela gestação de *Artes*, acionaram em Sonia um desejo incontrollável de produzir, reproduzir, criar.



## Explosão criativa

A TRISTEZA ABRIA ESPAÇO PARA A CRIATIVIDADE. Este era o processo de Sonia. Depois da morte da irmã Lygia, trabalhou na redação de *Artes* e na produção do *Livro da árvore*. Com as mortes de Kiko e Paulo Albuquerque, ela mergulhou na sua fase mais criativa.

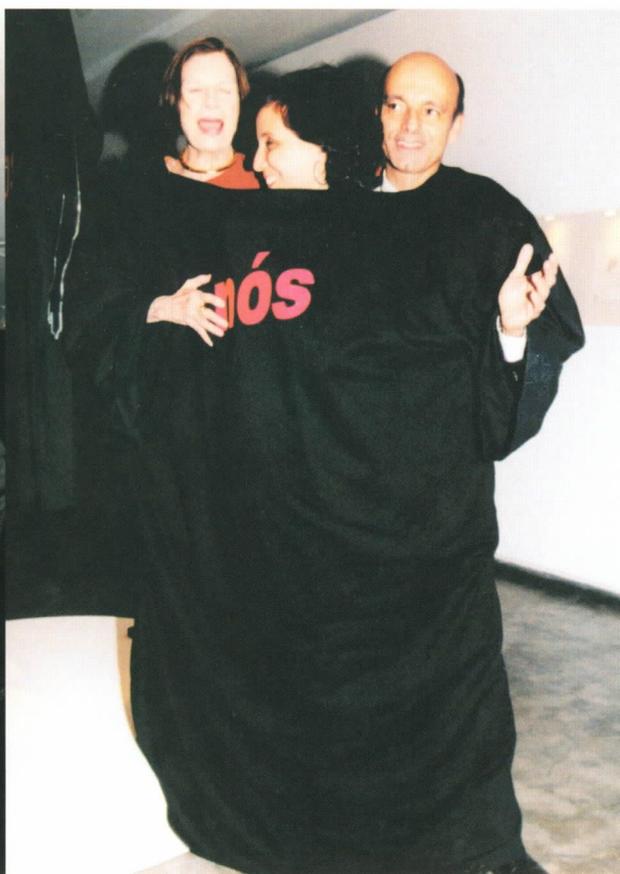
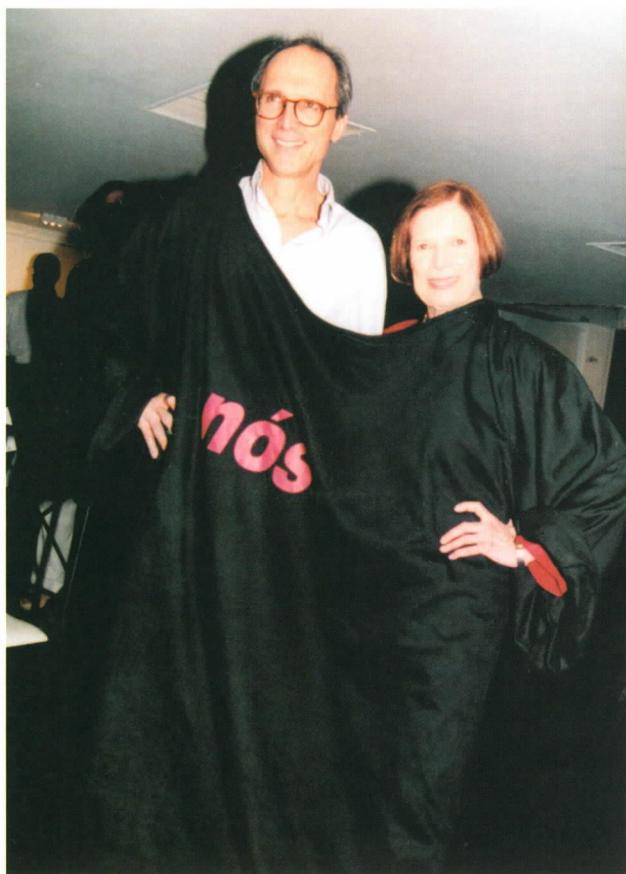
Aos 80 anos, quando a maioria das pessoas está pronta para vestir o pijama e fazer plantão em frente à TV, Sonia iniciou uma série de projetos.

Com tempo de sobra nas mãos, sozinha em Paris, ela decidiu colocar em prática as idéias que volta e meia lhe vinham à cabeça.

Chamou Porfirio, o motorista português que a acompanhava na cidade, e saiu por Paris para comprar papéis, lápis, material de pintura. Voltou para casa, sentou-se diante da folha em branco e tentou desenhar a própria impressão digital.

Os sulcos do polegar eram reproduzidos com a palavra “eu”, escrita dezenas de vezes em letra miúda. Ali começava uma série de desenhos em que o “eu” deixava de ser apenas signo individual para tornar-se imagem, retratos do mundo. Rostos, corpos e até o Corcovado eram construídos por Sonia com o pronome.





*À esquerda, Sergio e Sonia. À direita, Sonia, Odilon Ladeira e Claudia Zarvos*

– O eu é uma palavra muito pequenininha com um conteúdo muito grande – explicava Sonia.

Aquela era sua matéria-prima: a palavra. No universo das letras, entrelinhas, subtextos, ela circulava à vontade, como poucos.

– Sempre achei a palavra muito plástica. É como se eu pegasse a palavra e jogasse na parede. Com os cacos das palavras eu componho outras.

De vez em quando, ela telefonava para o vizinho Sergio Correa da Costa e o convocava para avaliar os rascunhos:

– O que você acha?

Na dúvida, ela tomava uma medida radical e irrevogável: rasgava o desenho, por mais trabalho que ele tivesse dado.

– Rasgar é ótimo – ela consolava os amigos mais desesperados. – Dá um alívio danado.

Enquanto preenchia páginas e páginas em branco com sua série de “eus” transformados em retratos, Sonia vivia conflitos e sensações inimagináveis para quem estava “de fora”.

– Você cria uma ambivalência dentro de você. Você quer salvar o desenho e, ao mesmo tempo, quer jogar o desenho fora. Então, quando você chega ao extremo deste conflito, deste risco, você joga o desenho fora com prazer, porque sabe que lutou até o fim.

Uma personagem da infância de Sonia em Minas seria responsável por tornar públicos esses desenhos, conhecidos apenas dos amigos mais íntimos, como Odilon e o embaixador.

Heloísa Lustosa, então diretora do Museu Nacional de Belas Artes, conhecia Sonia desde criança – o pai, Pedro Aleixo, era amigo de Jair Lins. O primeiro encontro entre as duas foi no sítio de Jair perto de Belo Horizonte, quando Heloísa tinha cinco anos.

Lygia, na época com uns 12 anos, submeteu a recém-chegada a uma de suas experiências.

– Estas frutas são iguais ou diferentes? – perguntou à Heloísa, segurando duas maçãs que apanhara na fruteira.

– São iguais – respondeu a menina, espantada.

Lygia então lustrou uma das maçãs com um pano e mostrou a sua casca brilhante.

– Agora são diferentes.

Numa viagem a Paris, Heloísa foi visitar a velha amiga, Sonia. E foi lá que ela se deparou, pela primeira vez, com os desenhos da série “Eu”. Heloísa ficou fascinada pela qualidade e pela originalidade das obras. Quis tocá-las, mas não teve coragem. Sonia parecia dividir-se entre o orgulho e o ciúme dos grafismos.

– Por que você não faz uma exposição com estes trabalhos lá no Museu de Belas Artes? – convidou.

Sonia, que até então tinha apenas flertado com as artes plásticas, sentiu vontade de assumir um compromisso mais sério.

– Por que não?

Sessenta desenhos. Esta era a encomenda. Para cumprir a meta, Sonia passou a trabalhar em ritmo incessante, com uma disciplina e um perfeccionismo quase desconhecidos para si mesma.

Cada desenho exigia dela no mínimo cinco dias de lapidação. Um tricô delicado, um bordado prestes a “desandar”, uma tensão permanente e irresistível para quem, como Sonia, sempre gostou de desafios.

– Sou a antiprofissional, a anti-objetiva. Quando você é obrigado a fazer uma coisa, isso acentua a sua criatividade. Não deixa ela acabar.

Sonia falava pouco da irmã, mas parte de seu novo entusiasmo pela arte – e pelo desejo de se expor – pode ter sido deflagrado por uma visita a uma retrospectiva



Exposição no Museu de Belas Artes, Rio de Janeiro

de Lygia na Europa. Ao percorrer aqueles salões, contou à Heloísa, ela percebeu pela primeira vez que tinha convivido com um gênio.

– Eu tenho que trabalhar também – pensou.

Heloísa estimulava a estréia tardia de Sonia com uma frase de impacto:

– Você vai prestar contas do talento que recebeu.

O amigo Odilon Ladeira foi um parceiro fundamental na montagem da exposição e, com objetividade e perfeccionismo, ajudou Sonia a tornar realidade as idéias nascidas de uma imaginação sem limites.

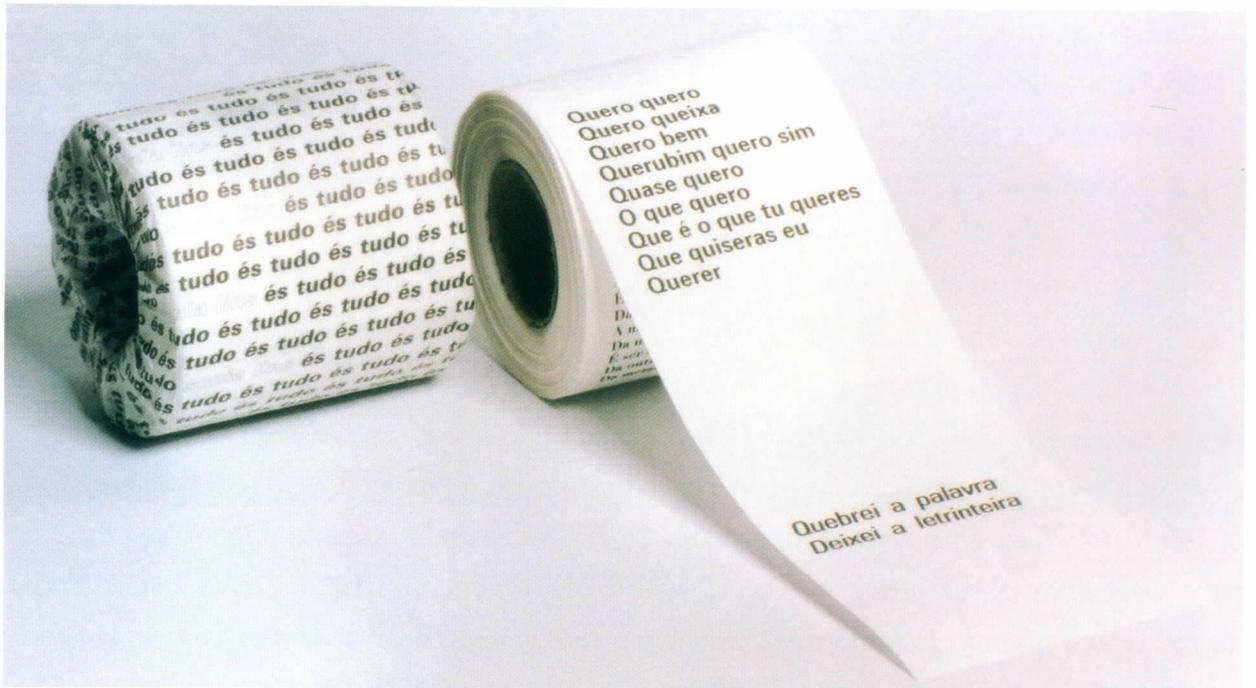
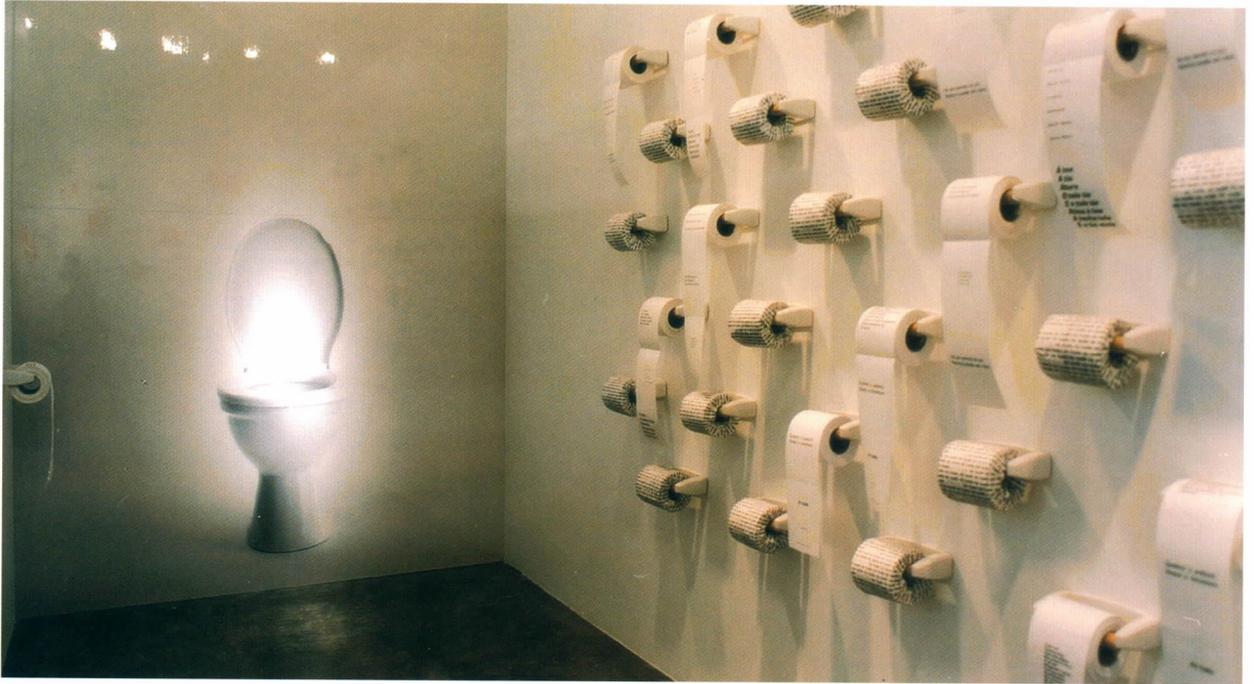
A mostra *Se é pra brincar eu também gosto*, inaugurada em novembro de 2000, seria muito mais do que uma exposição de desenhos.

Projetos guardados por Sonia no fundo do armário ou da memória e outras idéias surgidas de repente ganhariam forma e projeção na mostra do Museu Nacional.

Um dos objetos a ganhar vida na exposição foi o “Guarda-chuva Morcego”. Sonia inventou esta obra numa noite de chuva em Paris ao ver um guarda-chuva preto, molhado, encostado num canto do restaurante.

A idéia surgiu num rompante, mas Sonia não a deixou escapar. Transformou o lampejo criativo em patente de invento, registrado em 1990.

*Esta patente visa construir um guarda-chuva duplo, com um único cabo, com a finalidade de abrigar contra a chuva duas pessoas ao mesmo tempo, sem que uma possa prejudicar a outra, expondo-o a pingos d’água a fim de melhor se proteger. O referido guarda-chuva terá a forma de um morcego [...]. É confeccionado em seda, nylon ou similar, sendo o corpo e a cara do morcego do mesmo material escolhido, devidamente acolchoado a fim de adquirir relevo. Os membros superiores, inferiores e ainda a cauda do morcego servirão para direcionar a barbatana do guarda-chuva duplo, que, aberto, mostrará todo o corpo do morcego e quando fechado o esconderá sob suas pregas. A cara do morcego, no entanto, estará sempre visível, quer o guarda-chuva duplo esteja aberto ou fechado.*



Como os textos de *Baticum*, *Almanaque* e *Artes*, as incursões de Sonia pelas artes plásticas foram marcadas pela transgressão.

Um rolo de papel higiênico, por exemplo, virou suporte para a poesia.

*És tudo* ela mandou imprimir, repetidas vezes, na embalagem do papel. No rolo, as frases sucediam-se, estrofes da mais pura irreverência, jogos de palavras.

*Para que o pára-quedas  
Pare de parar a queda  
A queda pára o pára-quedas*

Em cada picote do “rolo de papel higiênico”, tiradas e sacadas de Sonia:

*Não  
Me  
Levem  
A  
Sério  
Pois só me  
Levo a  
Riso*

**Mais um:**

*A cara-metade  
É a metade da cara  
Da dona da cara-metade  
A meta da dona*

*Da metade da cara*

*É ser dona*

*Da outra metade*

*Da metade da cara*

Os minilivros da série *Stop/Start*, editados em forma de caixas de fósforo, acendiam a imaginação do público com poemas marcados por um humor sempre inusitado – a mesma ironia que fez Sonia confeccionar seios de borracha dos quais jorrava leite.

Sonia costumava presentear-los aos amigos, com a recomendação de que enchessem os seios de leite e os guardassem na geladeira. Assim, poderiam mamar à vontade quando quisessem.

– O Paulo iria adorar – Sonia comentou com os amigos mais próximos.

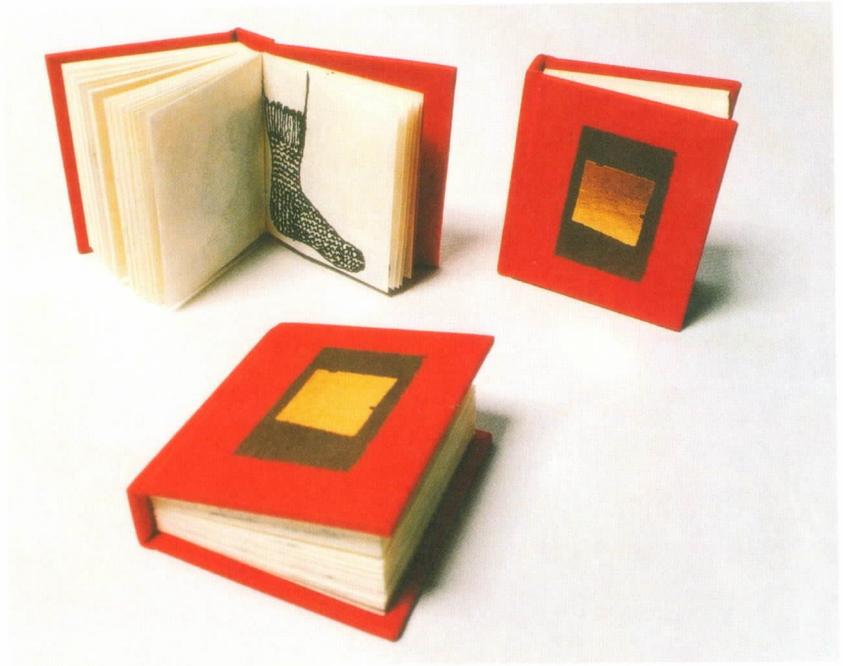
Tunga, um dos maiores nomes da arte contemporânea brasileira, vê na amiga pontos em comum com Flávio de Carvalho, um dos grandes nomes do Modernismo.

Além de trabalhar como arquiteto, pintar telas e cenários, Flávio scandalizou São Paulo com o que chamava de “Experiências”. Uma delas consistiu em caminhar, com um boné na cabeça, na contramão dos fiéis que participavam de uma procissão, em 1932.

Em 1956, Flávio vestiu saíote e blusa de mangas curtas e folgadas – conjunto denominado por ele de “traje tropical” – e desfilou pelo Viaduto do Chá.

Descendente de uma família abastada da cidade, suas performances eram vistas como excentricidades de jovem rico, mas já demonstravam a força transformadora e crítica da irreverência.

A estréia tardia de Sonia no circuito das artes plásticas deu a ela uma vantagem. Segura do que queria, sem medo da crítica, Sonia permitiu-se experimentar



linguagens em todas as áreas e em diferentes formatos: do desenho ao vídeo, da instalação à escultura.

Aos 80 anos, sabia quem era e o que queria – e a variedade de caminhos para expressar-se passou a fazer parte do seu processo criativo. Imaginação ela sempre teve de sobra. Capacidade de delegar era uma de suas marcas. Tinha chegado a hora de unir estes talentos, com a ajuda de Odilon e o apoio de uma equipe de profissionais competentes e experientes. Claudia Fares, Claudia Zarvos, Bel Pedrosa...

Sonia acompanhou de perto a montagem da exposição no Museu Nacional de Belas Artes e fez questão de definir onde cada peça ficaria. Mas sabia ouvir. Respeitava as opiniões dos curadores. Na abertura, estava emocionada, mas contida. Mineira.

Foi um sucesso e uma catarse. Sonia queria mais. Uma exposição era pouco. Um dia, em 1999, Alice Andrade, filha do diretor Joaquim Pedro de Andrade, responsável por *Macunaíma* e outras jóias do cinema novo, recebeu um telefonema de Sonia. Na época, Alice morava em Paris e já tinha se tornado uma das frequentadoras das *paellas* de sábado da rue Guynemer.

Sonia tinha visto dois dos filmes da jovem cineasta e sabia que a filha de Joaquim Pedro tinha nas veias o gosto pela câmera. Por isso, pensou em Alice como diretora de seu primeiro filme, *Meu nome é eu*.

No primeiro encontro, Sonia disse que não sabia exatamente o que desejava. No segundo, já tinha várias idéias encaminhadas, uma visão cinematográfica própria e clara: o filme teria de ser em preto-e-branco e deveria lembrar imagens do cinema mudo (seu neto, Marcos, aprovaria...).

Pela primeira vez, Alice viu-se diante da tarefa de realizar o pensamento de outro. As cenas iam surgindo, descoladas. Sonia queria uma camiseta gigante, capaz de vestir quatro, cinco, seis pessoas. Um amigo arrumou uma costureira, que confeccionou a blusa com a palavra “Nós” escrita em letras gigantes.

Alice foi para a rua convencer grupos de parisienses retraídos e turistas desinibidos a vestirem a roupa. Uma performance que começara a nascer na época em que Lygia e Sonia brincavam de usar, juntas, o mesmo vestido da irmã Beatriz.

Sonia queria imagens de formigas e Alice espalhou mel pela casa para atraí-las. Mas o maior feito foi realizar um personagem inventado pelas duas: uma velha que tricotava na cadeira de balanço, zapeando entre vários canais de TV.

Volta e meia a mulher se deparava com uma entrevista de Sonia – e logo mudava de canal. A velha tricotava e o tricô transformava-se em desenho, um homem feito de infinitos “eus”, que se animava e depois entrava em um estádio de futebol (mais precisamente, o mostrado em cenas de *Garrincha, alegria do povo*, filme de Joaquim Pedro de Andrade).

Na verdade, o personagem nasceu da vaidade da artista. Ao ver sua imagem no filme, Sonia declarou:

– Com essa cara eu não fico.

Confusão. Como realizar o filme sem a presença da sua estrela, assunto e personagem? Sonia acabou cedendo, mas queria aparecer pouco. Por isto, inventou a “vovó” que a tiraria de cena a toda hora.

Sonia “encomendou” expressamente uma velha feia – e lá se foi Alice procurar atrizes entre as idosas de Paris. Descobriu três francesas corocas na sauna da academia que freqüentava.

Sonia escolheu a que lhe pareceu mais feiosa, Dora, dona de um nariz colossal. Talvez quisesse com ela representar a velhice que não desejava para si, sentada numa cadeira de balanço, solitária, a tricotar diante da televisão.

Além da reformulação ocasionada com a criação da personagem idosa, o filme ainda sofreu várias mudanças até a conclusão. Alice Andrade terminou a monta-

gem exasperada. Sonia percebeu e, mais tarde, quando já trabalhava com outros diretores, lamentou:

– Ela achou difícil trabalhar comigo. Eu criei embaraços a ela. E ela não quer trabalhar comigo. Eu fico com pena, porque reconheço o valor dela.

Apesar da inteligência e da originalidade de sua obra, Sonia permaneceu pouco conhecida entre os criadores contemporâneos. Seus *vernissages* recebiam poucos artistas.

Em um deles, Tunga assistiu a uma cena curiosa: uma das obras expostas era um quadro composto pelos já famosos seios de borracha que esguichavam leite.

Em plena festa, alguém mexeu num dos seios do painel e ele caiu no chão. Nesse momento, vinha entrando Ivo Pitanguy. O cirurgião plástico imediatamente se abaixou e colocou o peito de volta no lugar.

– É o que os surrealistas chamavam de acaso obrigatório – comentou Tunga.

Sonia, por sua vez, indagou do médico, em tom malicioso:

– O que você achou dos meus seios?

– Estão bem melhores do que os que eu ando fazendo – respondeu Pitanguy.

Sonia apertou um dos seios e espirrou leite no cirurgião.

Os desenhos exibidos na mostra renderam o livro *Eu*, editado em 1999. Em 2000, dois desenhos de Sonia foram apresentados numa coletiva em Londres organizada por Guy Brett, *The shape of words to come*, na galeria Platform, dedicada à



sonia lins

Livro Eu

arte experimental. A mostra fazia parte da London Biennale e o trabalho de Sonia mereceu elogios de críticos e do público.

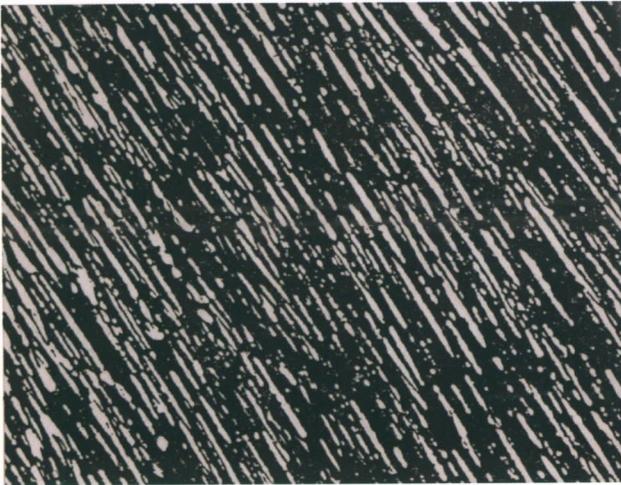
Foi o começo de uma colaboração intensa entre a artista e o crítico, com quem Sonia havia conversado no enterro de Lygia. Esse diálogo iria marcar a próxima “arte” de Sonia: *Zumbigos*.

Sonia já estava tomada pelo processo criativo.

Em 2001, a sobrinha Marília Andrade passou duas semanas com a tia na fazenda de Kiko, em Kentucky, em estado de “meditação”, como diz. Os dias corriam tranquilamente, numa rotina de cafés-da-manhã compridos e longas caminhadas para admirar plantas, animais e o lago.

Outras vezes, elas iam até a capela de Kiko, onde Sonia mantinha sempre velas acesas e flores frescas. As duas preparavam o almoço juntas, arrumavam a cozinha, aproveitavam as tardes em longas conversas, enquanto Sonia passava a limpo a sua agenda.

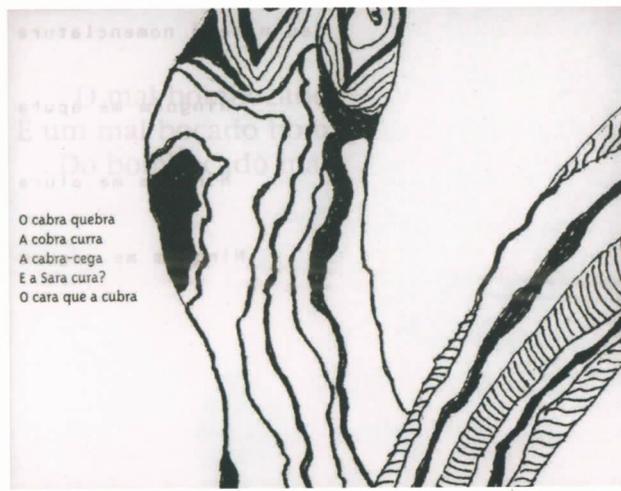
Nem a notícia do atentado terrorista contra o World Trade Center, em Nova York, abalou a tranquilidade delas. Naquele momento introspectivo, Sonia mal assistia à televisão. Dedicava-se a novas gestações: uma série de projetos artísticos radicais estava por vir.



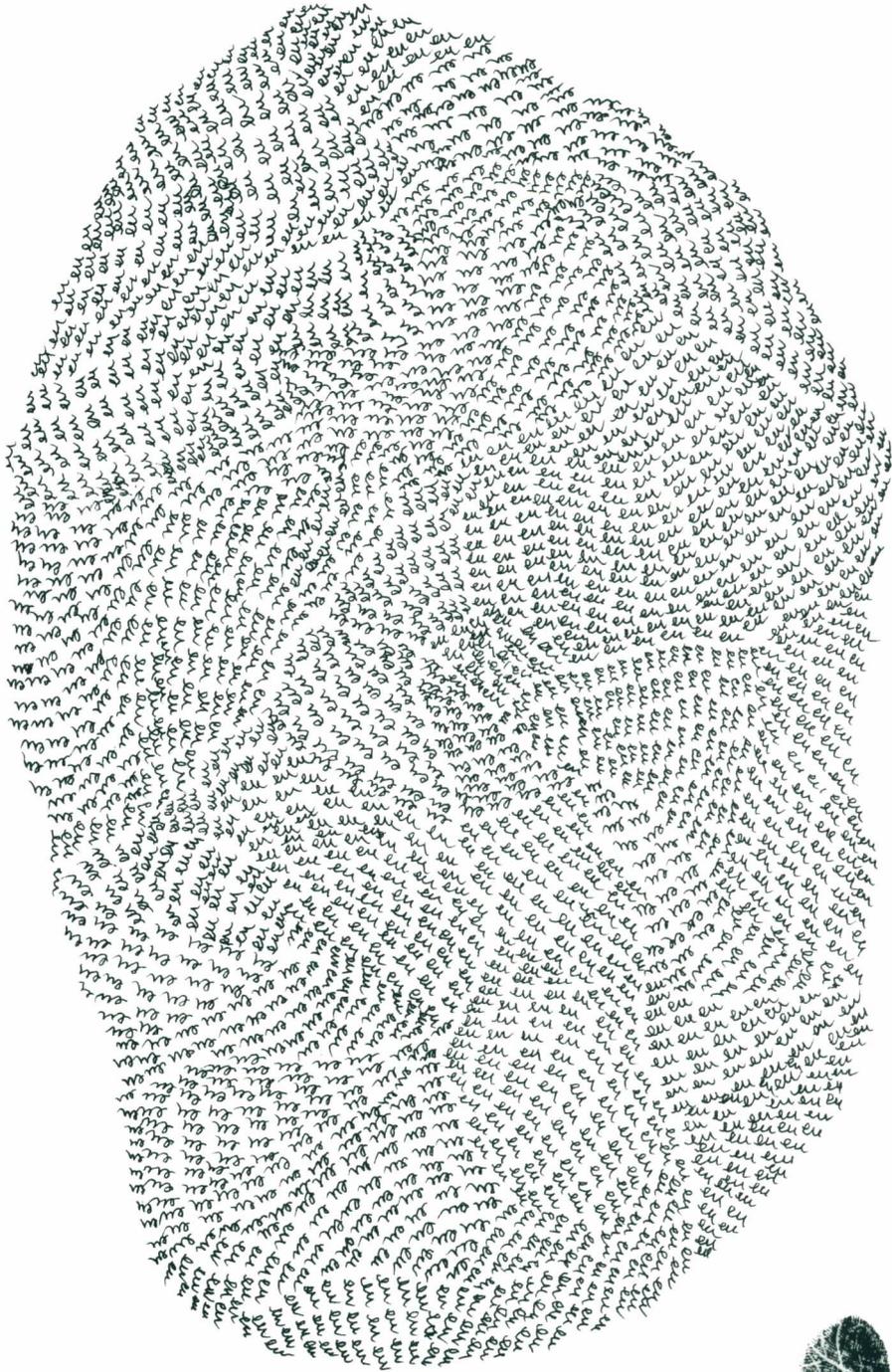
Não  
me  
levem  
a  
sério  
Pois só me  
levo a  
riso

O passado  
A ferro passado  
É presente passado a limpo  
Presente ainda ausente  
É futuro feito presente

Dia sim  
Sempre antes do dia não  
Mas quando não se sabe  
Qual é o dia do dia sim  
Nem qual é o dia do dia não  
Passa a ser o dia do senão



Irmãs  
seriam  
mais  
unidas  
se suprimissem o r



# Zumbigos

ANTES DA INAUGURAÇÃO DA SUA PRIMEIRA EXPOSIÇÃO, SONIA JÁ PENSAVA NA SEGUNDA. Depois de visitar a galeria e aprovar a montagem, horas antes do *vernissage*, ela olhou para o céu ao deixar o prédio neoclássico do museu e viu uma nuvem em forma de espiral.

– Pensei que parecia um umbigo e decidi: minha próxima mostra será sobre umbigos. Vou sair do indivíduo para o coletivo.

Umbigo? Mas como fazer uma exposição sobre umbigos? A cicatriz deixada pelo cordão umbilical era para Sonia um símbolo do ser humano.

Ao falar de umbigos, Sonia tratava de nascimento e morte, das semelhanças e diferenças entre as pessoas, do ciclo da vida.

O umbigo era um tema forte para Sonia antes mesmo de “surgir” no céu do Rio em forma de nuvem. Em Paris, ao passear de carro com uma amiga pelo *boulevard* Montparnasse, ela pediu para o motorista parar em frente a uma loja. Tinha visto na vitrine um manequim feminino em *topless* solitário.

Apesar dos protestos da amiga, Sonia fez questão de levar o busto para casa. Enfeitou-o com um sutiã e o colocou em lugar de honra na sala de visitas. O manequim tinha um umbigo protuberante, quase indecente, sobre a barriga achatada, que fascinava Sonia.



Depois de tecer “eus” e de exibir seios na bela exposição do Museu Nacional, Sonia decidiu registrar, em close, os umbigos de todos nós – essas marcas de nascença tão individuais e coletivas ao mesmo tempo.

O primeiro umbigo capturado foi da amiga Vanda Klabin. Depois, vieram dezenas, centenas de umbigos. Sonia queria cobrir chão, teto e paredes com retratos de barrigas em close.

Passou um telegrama para Pitanguy para pedir fotos dos abdomens operados por ele. Depois, convocou a fotógrafa Bel Pedrosa e comunicou:

– Preciso de seiscentos umbigos.

Bel, incrédula, perguntou se o número era só “um modo de dizer”.

– Não. São seiscentos umbigos mesmo.

Bel passou todo aquele verão 2001/2002 à caça de umbigos nas praias do Rio. As fotos eram sempre em close, bem fechadas. Surpresa, descobriu infinitas variações em um pedaço de pele do tamanho de um selo.

– Nenhum umbigo é igual ao outro – sentenciou.

Na praia, as reações ao pedido da fotógrafa variavam. Alguns se retraíam, como se a objetiva fosse devassar suas almas. Outros lançavam olhares malandros e sedutores para a fotógrafa e perguntavam se ela só queria mesmo fotografar o umbigo.

Havia ainda os que tinham vergonha das suas cicatrizes. A própria Bel pediu que um amigo clicasse o seu umbigo. Depois, não conseguiu mais distinguir qual dos mais de trezentos umbigos fotografados era o seu.

Sonia acabou deixando de lado a idéia de forrar uma sala com as fotos, mas usou-as em profusão na exposição inaugurada em maio de 2002. *Zumbigos* era o título da mostra.

Para percorrê-la, o público precisava antes passar por entre as pernas de um gigantesco desenho de um corpo, num nascimento ao contrário. No primeiro salão, eram exibidos depoimentos gravados de pessoas sobre os próprios umbigos.

Dali, os visitantes passavam por um túnel que simbolizava o cordão umbilical, no qual se ouviam as batidas de um coração. Em um canto, um enorme torso masculino – escultura em silicone, de quase dois metros, trazida de Paris – parecia respirar, movido por uma engrenagem cara que teimava em enguiçar apesar dos esforços do técnico importado da França por Sonia só para manter o boneco “vivo”.

A parada seguinte era uma sala ovalada, com um convidativo pufe no centro. Perfeito para deitar e assistir à projeção no teto de um filme em que um umbigo se transformava no planeta Terra e, depois, voltava a ser umbigo de novo.

A última sala era dedicada às fotos de Bel Pedrosa. Além de um filme sobre as sessões de fotografia, havia um painel visível apenas através de uma fresta horizontal, por onde o público podia espiar setenta retratos de umbigos. Espelhos posicionados em cima e em baixo das fotos multiplicavam as imagens.

Na mostra, acompanhada de perto pelo sempre exigente Odilon, um poema da artista servia de manifesto.

*eu = você*

*você + eu = nós*

*ele + você + eu = nós todos*

*nó em todos nós*

*nó de todos nós = 1 bigo*

*nós de todos nós = zumbigos*

O crítico inglês Guy Brett, um dos principais divulgadores da obra de Lygia Clark, assinou o texto de apresentação da exposição:

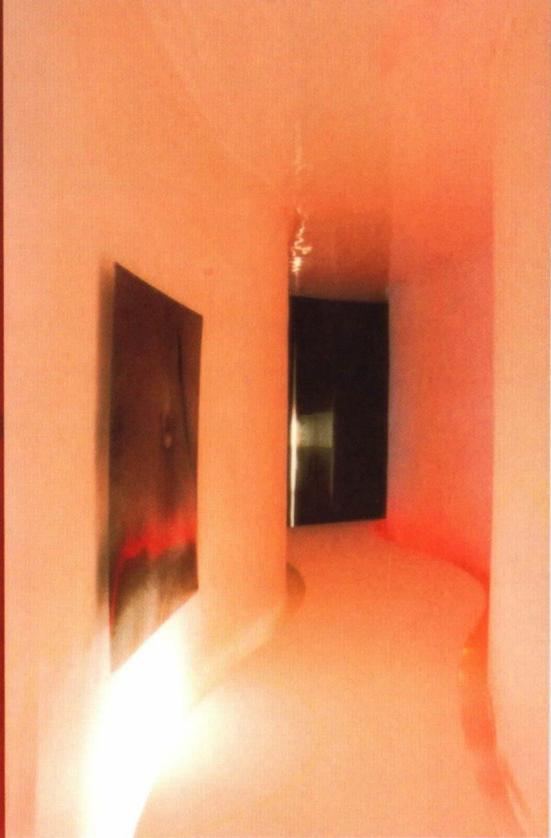
ambrósio



sonia



...resposta de células do sangue do cordão umbilical na cura de doenças





*Sonia e o ator Fernando Alves Pinto durante as filmagens de Zumbigos*

*Zumbigos* – estamos na esfera das palavras cujo som parece estar conectado a coisas universais, que reverbera em algum lugar dentro do corpo – qualquer corpo. Omphalos – outra palavra que reverbera. Este era o nome, na Antiguidade, da pedra que representava o umbigo e que era um símbolo do centro do mundo. Omphalos simbolizava o mito da estabilidade. Naqueles dias, eles teriam levantado um monumento para marcar o centro do mundo (espiritual ou físico), uma pedra, ou mais ambiciosamente, uma coluna. Hoje parece mais apropriado estar consciente de que cada ser humano carrega em si este centro macio, falível, universal, e ainda assim, curiosamente individual. O umbigo, este pequeno buraco ou leve protuberância, é de alguma maneira abstrato, sem agressividade ou instrumentalidade. O resíduo de um momento de separação se torna, para Sonia Lins, um símbolo de conexão.

O filme *Zumbigos* tornava a mostra ainda mais impactante. O roteiro, escrito em parceria com Sonia, mostra as andanças de um personagem – vivido pelo ator Fernando Alves Pinto, o mesmo de *Terra Estrangeira*, de Walter Salles – pelas ruas de um Rio de Janeiro povoado de umbigos. Umbigos saltados, umbigos fundos, grandes, pequenos, em barrigas flácidas, barrigas compactas...

Desenroladas em clima de sonho, as cenas encerram-se, em plena praia de Ipanema, com a gargalhada de um Buda caracterizado; depois, elas são exibidas de trás para frente. Surrealismo puro.

Poucos ali em volta sabiam – era difícil imaginar – mas enquanto transformava umbigos em arte e encontrava novos sentidos para o corpo, Sonia lidava com um inimigo oculto, silencioso e devastador: o câncer. O diagnóstico definitivo veio em dezembro de 2002.

Cansaços súbitos, variações bruscas de pressão, altos e baixos atribuídos por muitos aos 82 anos de Sonia e à tensão de montar uma nova exposição – tudo isto era provocado pela mesma doença responsável pela morte de Jair. O órgão afeta-

do também era o mesmo: o fígado (comprometido também nos corpos de Kiko e Paulo Albuquerque).

Sonia evitava ao máximo comentar ou lamentar a doença e surpreendia os amigos mais íntimos ao dar a notícia sobre sua saúde com a seguinte frase:

– Tenho um cancerzinho – ela dizia e, em seguida, costumava completar, para consolar as amigas, querendo acreditar também:

–Vai passar.

Não passaria.

Antes mesmo da inauguração de *Zumbigos*, Sonia sofria com a doença, mas ainda assim já fazia planos para a próxima exposição – *Brasil passado a sujo*.

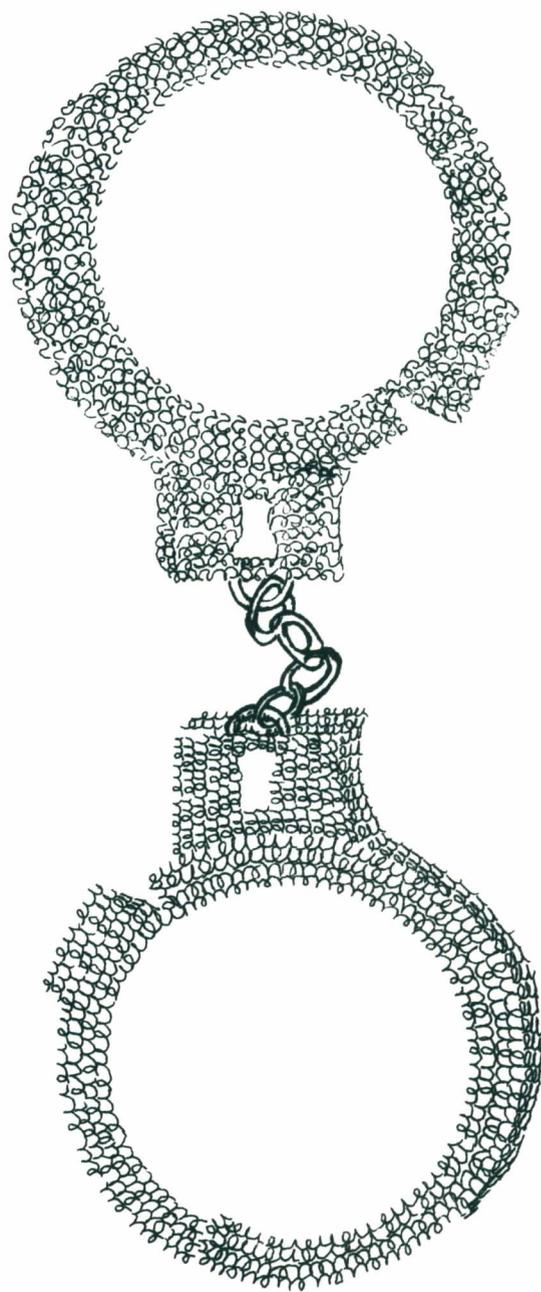
– A única coisa que me interessa é o processo. O de *Zumbigos* já está finalizado, e esta nova idéia me veio como se fosse um soluço.

Ela não iria se entregar e encontraria na nova companheira de Sérgio, Adriana Barreto, artista plástica como ela – também dedicada a pesquisas de linguagem e a obras radicais – uma interlocutora à altura para conversas sobre os limites (e as faltas de limite) da criação.

Com Adriana, Sonia trocava idéias sobre texturas, formas, projetos, vida e fazia planos para o futuro.



*Sonia Lins, Adriana Barreto e Sérgio Andrade*



Jordanet

## Brasil passado a sujo

UMA MOSTRA-MANIFESTO. Um protesto contra a maior praga nacional: a corrupção. Uma exposição que arrancasse os visitantes da letargia conformada.

Essa era a concepção de Sonia para *Brasil passado a sujo*, a mostra que inaugurou no Centro Cultural Correios em 24 de abril de 2003.

- Quero chamar a atenção dos brasileiros que andam muito apáticos. Não podemos achar que o país é o berço esplêndido, pois esse berço tem sido muito incômodo - dizia.

249

Com uma mistura panfletária e irreverente de desenhos e instalações, a mostra tratava de fome, miséria, desvio de verba. Sonia não queria deixar nenhuma mazela nacional de fora. Mas contava tudo isso debaixo de lonas de circo, um recurso escolhido por ela para transformar a denúncia em festa.

- Deve ser um resto de infância que todo mundo leva até o fim da vida.

A primeira tenda, intitulada "Terra desprometida", abrigava a sempre adiada reforma agrária e a decepção de quem

esperava, em vão, a terra prometida. No ambiente, ocupado por uma instalação que reproduzia glebas de terra, um “maná virtual”, segundo Sonia, caía sobre os visitantes para simular o alimento milagroso que, no Velho Testamento, Deus fez cair sobre os israelistas quando atravessaram o deserto durante a fuga do Egito.

Na segunda tenda, intitulada “Demagogia”, o diabo é o mestre-de-cerimônias de uma sala onde jornais de várias épocas, repletos de discursos demagógicos de políticos, pegam fogo. Toda a atmosfera invocava o inferno cristão.

– A demagogia é uma espécie de ciência do demônio que se transforma em corrupção – explicava Sonia que, no entanto, não se dizia religiosa. – Infelizmente, pois a religião te gratifica de alguma maneira. Não nesse mundo, mas num outro, como promessa. No fundo, é quase uma demagogia também.

Na última tenda, intitulada “Cor-opção”, uma obra ligava os corruptos à bandeira nacional. Em um filme, as cores do auriverde pendão da nossa terra iam sumindo até ficarem totalmente negras, enquanto imagens de estranhos seres sussurravam crimes e propostas.

Para compor os personagens, Sonia embaralhou traços de corruptos brasileiros, juntando o nariz de um, a boca de outro, até compor figuras irreconhecíveis. O jogo divertia Sonia, que teve um prazer especial em desenhar, com canetas carregadas de tinta japonesa, mãos do diabo idênticas às de um senador da República envolvido em denúncias de corrupção.

Como sempre, Sonia criava em múltiplas linguagens. Depois de passar pelas três tendas, o espectador assistia a um filme de cinco minutos, dirigido e fotografado por Walter Carvalho. Nele, homens espalhavam grãos de milho no chão de uma praça (a Cinelândia) formando a palavra fome. Em seguida, os pombos devoravam os grãos.



*Detalhes da exposição Brasil passado a sujo*

Panfletário? Com certeza. Mas, do alto dos seus 84 anos, Sonia não ligava para as críticas.

– Sei que estou fazendo algo diferente de tudo o que eu faço. Mas eu já estou numa idade em que posso fazer o que quiser. Podem até dizer que eu estou com mal de Alzheimer. Mas, se estou, o Alzheimer vai servir pra isso.

O amigo Millôr Fernandes escreveu um dos textos do catálogo da mostra, impresso em papel jornal e em formato tablóide. Chamava-a de Sonia Ludens.

*Faber, o que faz, sapiens, o que sabe, ludens, o que, em sabendo como fazer, e fazendo como sabe, se diverte paca com o entrosamento dos dois: o ser humano lúdico.*

*Daí Sonia Ludens. Que chegou para o que chamam de arte com experiência existencial plena, clara, satisfeita. Com encanto e envolvimento com cultura em seu sentido mais amplo, aquele a que sua faixa social e sua sensibilidade pessoal a levaram naturalmente. Quando percebeu, se é que parou pra perceber, estava pronta. Não foi conduzida à arte pelos caminhos habituais da amargura e da frustração. Assim é fácil.*

Millôr encerrava com uma constatação apropriada. “Evidente que, fazendo isto, Sonia se divertiu muito”.

No mesmo ano, Millôr pintou um retrato que Sonia pendurou no seu quarto, no Rio. Intitulado “Alto Retrato de Sonia”, o quadro mostra Sonia no alto de um penhasco, numa ilha minúscula, pintando um pássaro no ar. Lá embaixo, um peixe diz: “Dá pé”. A dedicatória: “Pelo prazer que me deu por suas instalações e notas de memórias”.

Mesmo doente, Sonia Ludens continuava a se divertir com o trabalho. Era preciso distrair-se da morte e fazer o máximo possível no tempo cada vez mais curto.

# ALTO RETRATO

DA SÔNIA



PELO PRAZER  
QUE ME DEU POR  
SUAS INSTALAÇÕES  
E NOTAS DE,  
MEMÓRIAS.

O Millôr  
2003



No mesmo ano, ela lançou um livro minúsculo, uma jóia do tamanho de uma caixa de fósforos, encadernado em cinza: *O livro das dessabedorias*.

No pequeno volume, cada página guarda um pensamento ou poema – metade deles impresso de cabeça para baixo. A vida, afinal, desafia qualquer ordem.

Nos textos, as tiradas típicas de Sonia:

*quando eu estiver calada  
não me interrompa  
pois estou falando comigo*

Outra:

*desejo de um macarrão –  
ser minhoca*

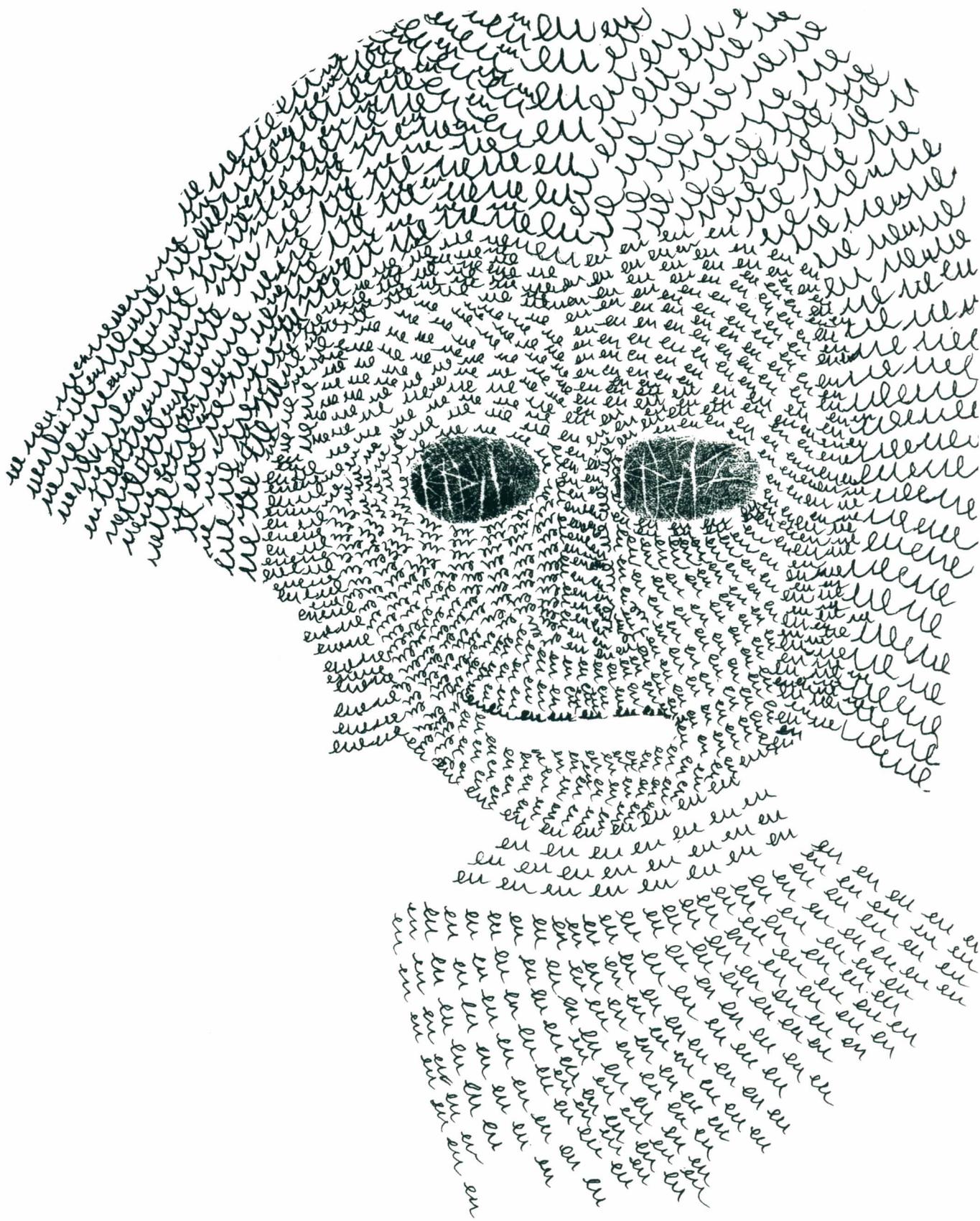
Nem tudo é graça. *O livro das dessabedorias* traz também reflexões sobre o envelhecimento:

*quando  
a boca não quer falar  
a mão não quer escrever  
o nariz só quer escorrer  
quando  
a perna não quer andar  
a cabeça só balançar  
e o dia entrar pela noite  
e da noite outro dia sair*

*e nada mais acontecer  
pois o que acontecer  
não é mais acontecível  
é quando o quando  
for só passado  
passado a “velho”  
como pétalas de  
poesia secas que a  
memória sopra para  
onde quer*

Entre lembranças e chistes, Sonia deixava escapar a revolta contra a doença implacável:

*está chegando  
a hora de eu morrer  
e já estou com  
saudades de mim*



# Despedida

– MINHA PRÓXIMA EXPOSIÇÃO VAI SER SOBRE MISCIGENAÇÃO  
– prometia Sonia aos amigos, depois da inauguração de *Brasil passado a sujo*. Mas a torrente de criatividade da artista esbarrava naquela barreira poderosa: o câncer.

A doença avançou rápida durante a montagem da mostra no Centro Cultural dos Correios. Sonia chegou a aprovar um dos filmes da exposição enquanto estava internada no hospital para exames de rotina.

No *vernissage*, parecia abatida. Titá Burlamaqui, arquiteta e amiga, visitou as tendas com uma sensação de despedida. Parecia difícil acreditar que ela iria a um novo *vernissage* de Sonia Lins.

A mostra sobre corrupção e demagogia foi a última da breve e intensa carreira da artista plástica. Depois da conclusão da exposição, a doença foi roendo força e vitalidade. Aos poucos, imobilizou-a. Mudou a rotina disciplinada, que antes incluía uma hora diária de ginástica e refeições sempre leves e saudáveis. Picadinho, angu, quiabo – uma alimentação simples, com sabor de infância.

Se antes Sonia tricotava com palavras, agora fazia suas obras de lã e linha. Retomou o tricô como passatempo e logo fez um suéter para o bisneto de Hélia de Anastácio, a

empregada que, ainda menina, a ajudou a criar os filhos. Depois, fez um bustiê para a cozinheira. Em seguida, tricotou uma blusa para a copeira e, finalmente, um suéter para Hélia. Por fim, guardou as agulhas.

– Agora chega, cansei.

Sonia evitava ao máximo falar sobre a doença, mesmo com parentes e amigos. Alimentava a esperança de curar-se.

– Me ajuda, Sebastiana, a lutar contra a morte – ela pediu à enfermeira, num raro momento de desabafo.

Quando o filho Sergio entrava no seu quarto e perguntava pela sua saúde, Sonia, já devidamente maquiada para recebê-lo, firmava a voz e garantia:

– Estou bem, meu filho. Melhorando.

Quando ia para o hospital, para se submeter a novos exames e internações, escalava a enfermeira para uma missão especial: retirar das paredes os quadros malpintados e escondê-los todos embaixo da cama.

Suportou a doença sem queixas nem reclamações. Um exame doloroso devia ser feito?

– Sem problemas – ela dizia e perguntava:

– Pode ser agora?

O cansaço aumentava a cada dia, faltava fôlego, mas Sonia sonhava voltar a Paris de qualquer maneira.

Planejou a viagem, chegou a arrumar as malas. Dois dias antes do embarque, começou a passar mal.

– Não vou mais – conformou-se.

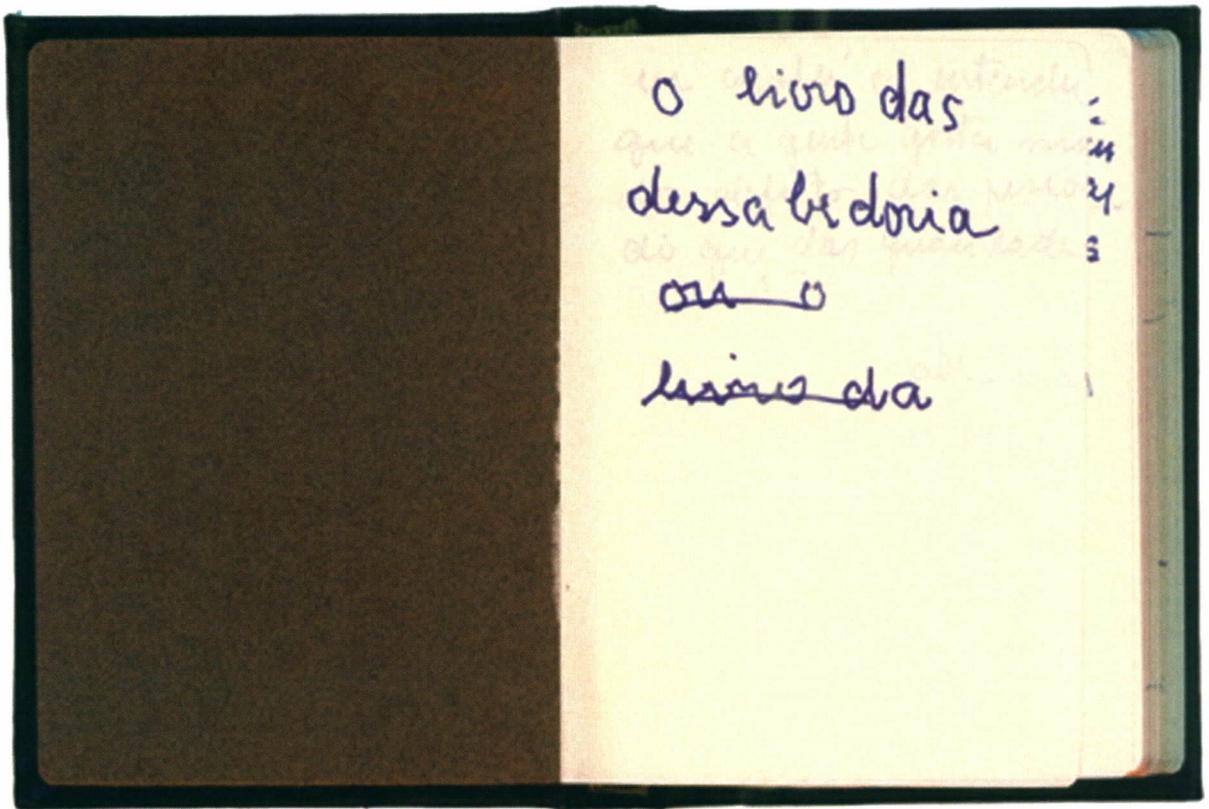
– Você acha que eu ainda tenho cura? – perguntou para Sebastiana enquanto o câncer se espalhava.

Até o fim, até quando pôde, preservou a rotina de cobrir o rosto com uma maquiagem leve e refrescar o corpo com os cremes de sua coleção. Manteve os banhos de banheira até a reta final, quando já precisava de ajuda para equilibrar-se.

Também relutava em desistir de vez da viagem para Paris. Voltou a sonhar com um Natal com vista para a neve parisiense e chegou a marcar a data da viagem: 17 de dezembro de 2003.

Nesses últimos dias de espera, enquanto as forças lhe fugiam, a palavra continuou a ser amiga. Seu último texto foi uma carta, escrita com letra tremida, ao sabor das lembranças, em que imagens e pensamentos se sucedem sem ligação óbvia. Nesse texto de despedida, ela agradece a amizade de Odilon, confessa o amor aos filhos e atribui o câncer à herança genética do pai.

*Vamos varrer para achar o princípio. O que foi mais fácil – aprender a ler. O resto foi todo difícil. Mas o pior foi saber que meu tempo aqui ia se acabar. Até o telefone parou – parou porque eu fechei os olhos. Estava sabendo de uma verdade que para mim era uma mentira. Por que essa dor se eu já sabia que 1 dia ela viria e depois de procurar 1 consolo – achei – era o gene do meu pai que chegava para justificar a presença dele dentro da minha vida. [...] Comecei a conviver com a minha morte – não sou a 1ª nem a última a passar por ela e não quero ser prolixa. Felizmente ainda agora compreendia que a minha capacidade de adaptação nunca foi minha – era eu mesma – agradeço aqui meu maior amigo Odilon e que burrice já queria chegar ao final da página sendo que o quero chegar ao limite do limite. Quero que meus filhos saibam qual deles por acaso sentiu a angústia*



*Caderno de anotações que deu origem a O livro das dessabedorias*

*do amor que tive por eles pois não deve ter sido fácil para ambos e quero complicar mais o já complicado? Sempre disse que num diálogo entre amigos não devia haver interrogação.*

Sonia perdia as forças, mas não a curiosidade nem a vontade de viver. Numa de suas últimas conversas com Adriana Barreto, ela pediu para ouvir o disco de uma nova cantora “excepcional”: Maria Rita, a filha de Elis. Foi um dos últimos CDs que escutou.

As duas últimas semanas de novembro Sonia passou-as presa à cama. Cada vez mais pálida e ausente, já não conseguia comer ou falar. Injeções de morfina, uma sonda para administrar os alimentos que ela já não comia – esforços de uma luta perdida.

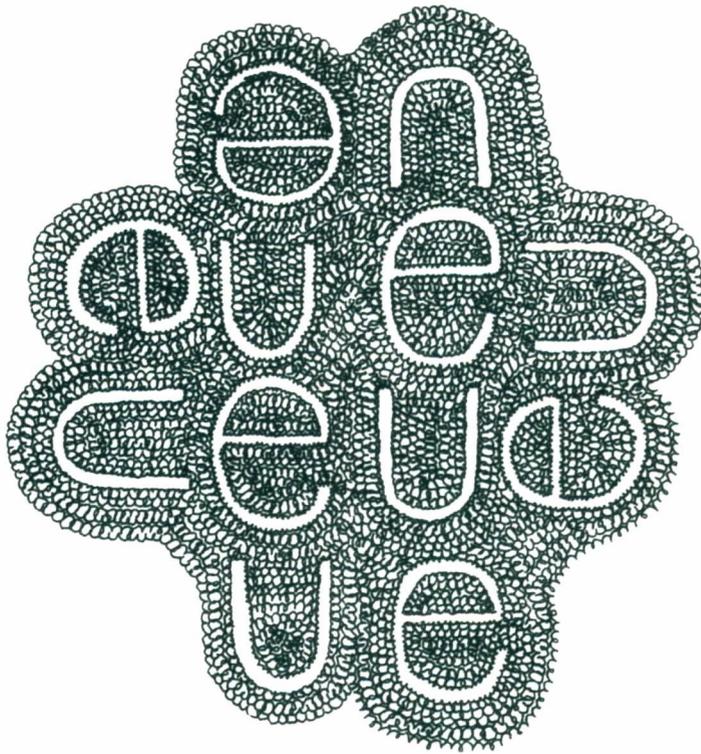
Na manhã de 2 de dezembro, uma terça-feira, por volta das 10h30, sua respiração foi ficando cada vez mais lenta. Finalmente, parou. O filho Sérgio, a nora Adriana, a sobrinha Marília Andrade, Hélia e a enfermeira Sebastiana a acompanharam até o fim.

Numa de suas gavetas, no escritório ao lado, ficou guardado o caderno minúsculo onde ela escreveu as frases soltas de *O livro das dessabedorias*. Numa das páginas, uma definição certa.

*há pessoas que  
morrem vivas  
e há as que  
vivem mortas*

Sonia, definitivamente, pertencia ao primeiro grupo.

A gente pode tudo  
menos se contar de  
si mesma



## Sonia Lins por ela mesma

No último ano de vida, Sonia conversou com a sobrinha Marília Andrade sobre a vida e a arte, paixões e criação. A doença, a idade não a intimidavam e ela já fazia planos para o próximo projeto: a exposição multimídia sobre a miscigenação. A seguir, os principais trechos dessa conversa. Um autorretrato de Sonia Lins.

– EU QUERIA QUE VOCÊ CONTASSE A SUA TRAJETÓRIA, DESDE QUE COMEÇOU A PRODUZIR OBRAS ARTÍSTICAS.

265

– Sempre tive tudo dentro da cabeça. Tinha umas idéias de fazer isso ou aquilo, mas tudo era fantasia. De repente, fiz aquela série de desenhos “Eu”. Não tinha mais nada pra fazer e disse: agora vou desenhar o “Eu”. Saí com o Porfirio, comprei material, fui pra casa, e aí tentei desenhar a minha impressão digital. Queria que as linhas todas fossem escritas com a palavra eu, eu, eu, sempre repetida. Tentei fazer a primeira, não gostei, fiz a segunda, achei que estava mais apresentável, mas achei que faltava alguma coisa nela. Aí resolvi ligar o “Eu” com o outro “Eu” que estava mais distante e fiz um gráfico com aquilo. Aí se formou na minha cabeça a idéia de que aquele desenho ia servir, porque a pessoa que lesse

poderia se sentir como eu também, como se tivesse feito o desenho. Comecei a desenhar todas as cir-cunstâncias sobre as quais as pessoas se debruçam. Fiz desenhos bonitos. Quem lia sentia que a coisa era sua. Quando eu lia, sentia que a coisa era minha. Eu passava a ser você e você passava a ser eu.

Uma vez, eu saí numa noite de chuva muito grande. Sentada no restaurante, vi um guarda-chuva todo molhado, um guarda-chuva desses dobráveis. Aí eu imaginei fazer um guarda-chuva com forma de morcego. Fiz o guarda-chuva, consultei dicionários, livros de animais e desenhei o morcego. Fiquei com aquilo na cabeça. Arquivei. Mais tarde, quando estava com aquela série de desenhos “Eu”, veio à minha casa a Heloísa Lustosa, que era diretora do Museu Nacional de Belas Artes. Ela me perguntou se eu não queria fazer uma exposição. Resolvi pôr em prática tudo o que tinha pensado antes. E à medida que eu ia executando uma coisa, ia surgindo outra na minha cabeça. Fiz aquela série de coisas, fiz o papel higiênico e depois fiz o cinema.

– COMO FOI SUA EXPERIÊNCIA COM O CINEMA?

– Para fazer o filme, fizemos um *storyboard*. É um sistema ruim porque te engaiola, você fica preso ao *storyboard*. Fiz outro filme depois, já com o material de cinema que eu tinha. O Antonio d’Ávila levou máquina de fazer a montagem lá pra casa e eu e ele fizemos a montagem. Tivemos uma liberdade enorme. Era como se jogássemos um jogo. Combinávamos um elemento com outro elemento. Saiu um filme interessante. Eu coloquei algumas cenas de trás pra frente, um Buda dando gargalhada, para gozar a situação do filme.

Finalmente, montamos a exposição. A Heloísa me ofereceu uma sala grande, em cima, mas eu preferi uma sala embaixo, que era mais moderna. Fui visitar a exposição já montada e quando estava voltando pra casa falei: vou fazer uma segunda

exposição, não perseguindo a individualidade, mas falando da coletividade. Olhei pro céu e vi uma nuvem meio enroscada. Pensei: vou fazer uma exposição sobre o umbigo. A idéia apareceu quando estava voltando pra casa, depois de ver pela primeira vez o espaço organizado para a exposição.

– E ENTÃO?

– Passei a reunir material sobre umbigos. Foi difícilimo. Arranjei um livro em Paris que tinha histórias interessantes. Telefonei para o Guy Brett, que já tinha feito uma exposição comigo, creio que se chamou Nova Palavra, em Londres. Ele escolheu o desenho da minha impressão digital, eu passava a ser tu e tu passava a ser eu, outra vez.

Ele já me conhecia, me convidou para almoçar na casa dele em Londres. Peguei aquele trem que passa pelo túnel com o Odilon, levei três horas, passamos o filme, ele gostou. Depois eu o convidei para ir à minha casa e ele foi passar três dias em Paris. Conversamos sobre os umbigos, e ele disse que gostaria de vir à exposição. De modo que eu trouxe o Guy Brett para o Brasil e ele fez o lançamento da minha exposição, ele tem muitos amigos, é muito conhecido, principalmente no grupo do neoconcretismo, desde a época em que vinha ao Brasil, jovem, trazido pelo Mario Pedrosa para ver novos artistas brasileiros.

Depois de *Zumbigos*, fiz esta exposição que está aqui. Aí resolvi ampliar o assunto da coletividade. Quis fazer uma exposição política. Eu tinha lido no *Herald Tribune* sobre artistas da Nova Zelândia que tinham feito uma mostra política. Aí pensei: “Vou fazer uma exposição bem forte, para mover o povo a pensar sobre política. A política morreu no tempo da revolução, mataram a política e não nasceu mais. O Brasil está completamente acéfalo politicamente.

– E A PRÓXIMA, VOCÊ JÁ DEFINIU?

– Quero fazer uma sobre miscigenação. Uma exposição que tenha vídeo, cinema. A arte agora é assim, você tem de juntar todos os elementos pra poder dar idéia do que está se passando na sua cabeça. Você tem de usar todos os recursos ao seu alcance. São instalações complicadas, que eu imagino e ponho uma turma para trabalhar para mim. Dessa vez eram uns trinta homens e quatro ou cinco mulheres.

Então, é um ato de coragem. Quando eu faço, entro tanto no assunto que não me interessa se os outros gostam ou não, eu gostando acho que é válido. Não chamo ninguém para dar opinião, só a minha opinião é que conta. Eu quero que seja uma coisa muito minha, muito de dentro de mim.

– OLHANDO RETROSPECTIVAMENTE, VOCÊ RENEGA ALGUMA OBRA?

– Não renego obra nenhuma. Todas elas são minhas amigas. Todas eu fiz com amor. Elas são agradecidas a mim e eu agradecida a elas.

– COMO FOI O PROCESSO DO LIVRO DA ÁRVORE?

– Comecei a me apaixonar pela árvore... Eu saía no fim de semana e ficava reparando na paisagem. Quando eu voltava àquele local, eu já conhecia as árvores todas. Quando voltava outra vez, quase cumprimentava as árvores. Olha aquela ali, está dando flor!

Primeiro pensei em fazer o livro com uma amiga, a Fátima Pombo, que tinha aprendido fotografia com David Zingg. Mas depois ela viajou e eu fiquei sem fotógrafo.

Os meninos tinham uma coleção da *National Geographic Magazine*. Piquei toda a coleção para fazer colagens. Nunca tinha feito colagem na vida, mas tinha uma artista aqui, chamada Anna Szulc, que me deu uma noção. Eu, muito rápida, aprendi tudo e fiz o livro. Quis fazer um livro mais visual do que para ler. Fiz com que as páginas fossem soltas, para fazer um livro bem livre. Hoje eu faria uma paginação diferente, pois com as folhas soltas a pessoa as coloca fora da ordem, atrapalha a ordem que o livro tem de ter para dar o recado que quer dar.

– QUAL É O RECADOS?

– O recado é: acabem as queimadas. Uma das páginas muito bonita é o mapa do Brasil feito de queimadas. Tive a idéia de fazer quando estava indo pra Bahia e olhei aquelas árvores queimadas pelas fábricas de carvão. Também fiz uma página bonita, com dois homens plantando sementes, as sementes nascendo e no meio da página uma carinha de negro. A gente também vem do negro. O negrinho que pus lá era semente de gente. Tudo tinha significado simbólico.

Fiz até uma charge. A Anna Szulc falou: “Essa manda um chargista fazer, que você não vai saber”. Mas eu fiz a charge. Fiz o globo terrestre ficando careca. Pus a terra como se fosse o céu, o céu como se fosse a terra e escrevi embaixo: “Não deixe que o mundo fique careca”. Foi um trabalho feito com muito amor. Se você não tem generosidade, não consegue fazer arte. Arte no fundo é um ato de generosidade.

– E AS EXPERIÊNCIAS DA LYGIA? VOCÊ NUNCA ENVEREDOU POR ESSE CAMINHO?

– Nunca. Meu lugar era completamente diferente. Em geral, as irmãs competem entre si. Eu vi que não poderia competir com ela, pois a estrada dela era uma e

a minha era outra, completamente diferente. Eu deixei ela seguir o caminho dela, apoiei no que podia apoiar. Ela tinha muita confiança na minha opinião. Ela via que eu tinha senso e olho para perceber o que tinha qualidade.

– VOCÊ NÃO CHEGOU A FAZER CURSOS DE ARTE, CHEGOU?

– Sempre fui contra qualquer curso. No Grupo Escolar eu não estudei nada. Nunca aprendi geografia, matemática nem existia de tão difícil que era. Nunca consegui ter caderno, lápis, sumia tudo na minha mão. Até hoje, quando some alguma coisa, eu dou graças a Deus, porque tenho uma longa prática dessa coisa de não ter nada. Quando eu estava no Grupo, eu telefonava pras minhas amigas todo dia e perguntava: “Qual é o dever que a professora marcou?” Elas falavam: “Sonia, compra um caderno de rascunho”. “Já comprei e já perdi”, eu dizia. Todo dia era a mesma coisa. Já comprei e já perdi. Esquecia pelo caminho, não sei como é que era, sei que perdia mesmo.

Fui criada em um ambiente muito fechado. Aquilo ativava muito a imaginação. Você brincava com seus pensamentos. Brincava com o que tinha em volta e com os pensamentos que você tinha. Isso é que desenvolveu a minha criatividade.

– E DEPOIS, QUANDO VOCÊ VEIO PARA O RIO, COMO FOI ESSA MUDANÇA? A LYGIA VEIO TAMBÉM, NÃO?

– Lygia veio antes de mim. Houve uma cisão na nossa amizade nessa época. Lygia estava muito nervosa. E você sabe que toda pessoa nervosa tem de implicar com uma. Implica automaticamente com a pessoa que tem mais paciência com ela. Lygia implicava tanto comigo que eu tive uma decepção. Depois ela foi embora pra Paris. Eu também dei muito apoio, achava que era um ato de cora-

gem muito grande. Eu procurava ajudar, pedia ao papai que mandasse dinheiro pra ela. Naquela ocasião ela só podia receber 300 dólares por mês, que era o que governo deixava que você mandasse para o exterior. E papai era muito careta, não transgredia. Então, quando eu sabia que ia uma pessoa pra lá, pedia: “Lygia está passando necessidade, manda pra ela um dinheiro”. Quando eu tinha, também mandava um pouco do meu dinheiro pra ela. Depois a encontrei em Paris, numa fase muito ruim. Ela estava fazendo a tal psicanálise corporal com Fedida, e ela gostava muito dele, tinha muita confiança nele, mas ela saía muito atormentada. Quando ela entrava pra fazer a análise, ela já estava muito atormentada, roendo as unhas todas e, quando saía, estava mais atormentada ainda. Até que um dia ela voltou pro Brasil. Aí mudou completamente. Era a época do Tropicalismo e ela andou naquela onda.

– MAS QUAL FOI A IMPORTÂNCIA DA MUDANÇA PARA O RIO PARA ABRIR SUA CABEÇA ARTÍSTICA?

– Eu sempre gostei muito de arte, e comecei a comprar obras (a maioria dei pro Sérgio quando fui embora pra Paris. Quis entrar em Paris sem coisa nenhuma). Mas, naquela época, eu costumava comprar. Ia lá na Petit Galerie, na galeria do Thomas Cohn, comprava sempre algo. Pegava 10 mil dólares, comprava uma coisa, acabava de pagar, comprava outra... Ia fazendo assim. Naquele tempo tinha aqueles artistas fabulosos. Ainda tem – o Weissmann, que ainda é vivo, é um grande artista. Agora tem outros: o Waltercio Caldas, que eu amo, acho formidável; o Tunga, de quem eu também gosto muito; e outros do tempo do Mario Pedrosa, que também são bons artistas, o Gerchman, vários outros.

– VOCÊ ACEITOU O ABSTRACIONISMO DESDE O INÍCIO?

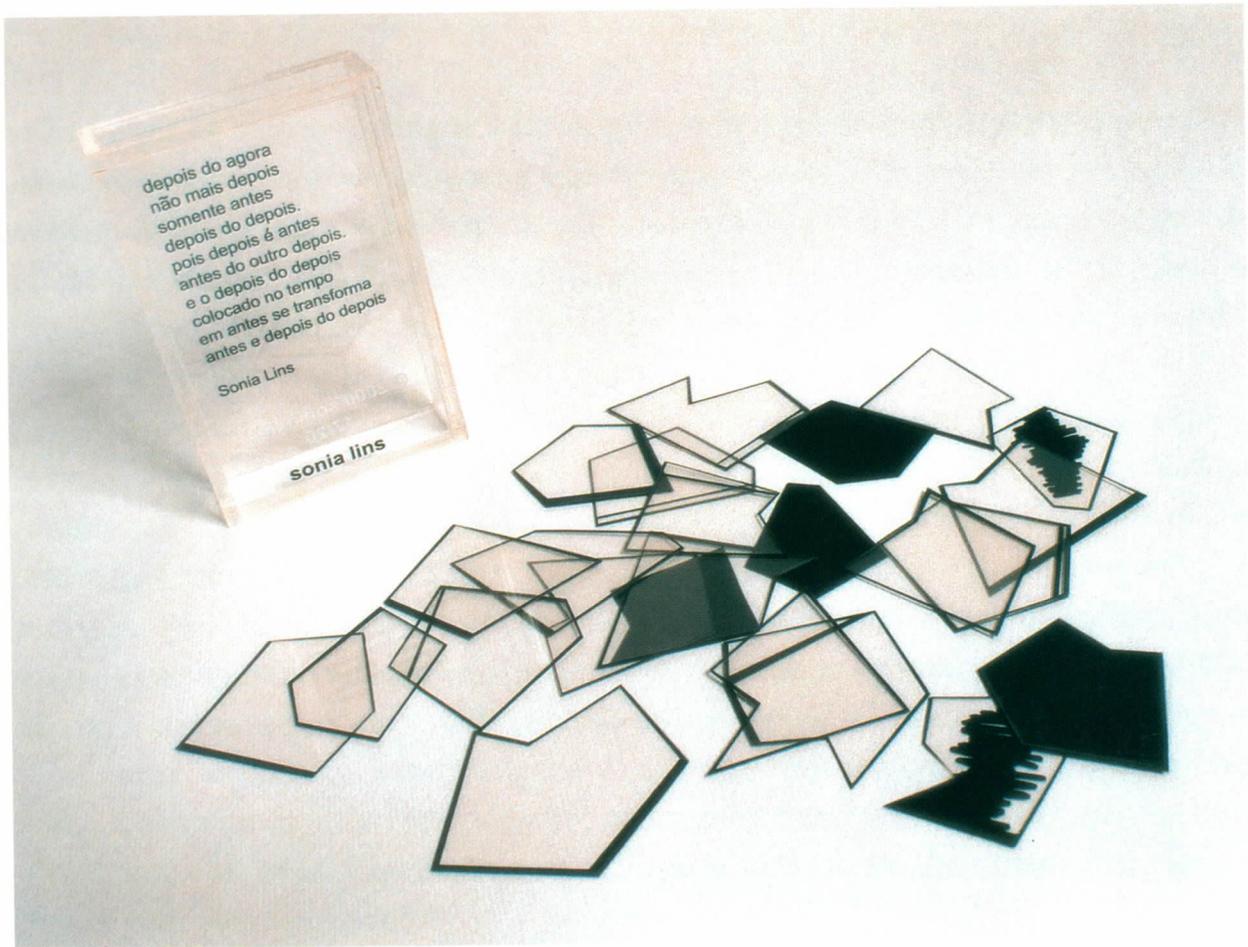
– Aceitei. Eu sou muito galinha pra arte. Você começa gostando de um certo tipo de arte e depois vai evoluindo, vai subindo degraus sem sentir. Eu fiquei mais exigente. Gostava muito do Gauguin, do Van Gogh, de quem gosto até hoje. Era um artista fabuloso, você não consegue deixar de gostar dele, quanto mais loucura ele tinha, melhor era a sua obra. No princípio ele era mais sensato, não era tão bom. Mas no fim da vida, com aquele excesso de amarelo – eu acho aquela fase dele muito bonita.

– E DE MATISSE, VOCÊ GOSTA?

– Matisse eu gosto muito, muito, muuuito mesmo. Acho ele genial. Também tenho grande admiração por Picasso. Ele levou a arte até quando não pôde mais. Mas eu, que não sou crítica de arte, acho que a obra do Picasso até os 50 anos era uma criatividade só, mas depois ele se repetiu muito. Mas sempre era interessante.

– JÁ FEZ OBRAS NÃO-FIGURATIVAS, ABSTRATAS?

– Já fiz. Na exposição *Se é pra brincar eu também gosto* mostrei um quebra-cabeça abstrato. Eu devo ter algum, se é que não perdi ou dei. Acho que a arte é para dar, para os outros aproveitarem. Nunca passou pela minha cabeça vender alguma coisa. Agora estou com esses desenhos aí, que são desenhos até bons. A pessoa chega e fala: Sonia, quero comprar. Eu digo: escolha o que você quer. Acho que arte não é uma coisa para dizer: isso vale tanto. Arte pode valer muito ou nada, depende do gosto que você tem por ela.



Puzzle/Quebra-cabeça, exibido na exposição *Se é pra brincar eu também gosto*

– E DE POLLOCK, VOCÊ SEMPRE GOSTOU?

– Eu gostei. Li que o Pollock queria desenhar a paisagem dos EUA, aquelas planícies, então fez aquele tipo de quadro. Eu gosto muito do Mondrian. É uma das minhas paixões, era de Lygia também. Desde que era figurativo, tudo que fez é lindo, lindo. É a maior fonte de inspiração para os artistas abstratos. O Hélio Oiticica, por exemplo, com aqueles quadrados dele, é mondriânico.

– VOCÊ ESTÁ REUNINDO TODA A SUA OBRA EM CD. ESTE, VOCÊ ESTÁ PONDO À VENDA, NÃO É?

– Em geral eu dou. Dinheiro tem valor só pra eu fazer o que eu quero com ele. Na exposição tem pra vender, mas se alguém comprou nem sei. Quando acertam comigo é uma mixaria tão pouca que eu não quero nem saber. Em geral as pessoas me pedem e eu dou. Dou com muito prazer, aliás. Não tenho sentimento de perda. Fico muito satisfeita.

– VOCÊ TAMBÉM ESCREVEU DOIS LIVROS DE MEMÓRIAS, *Baticum* E *Artes*...

– É. *Artes* é um *Baticum* mais ajuizado. Quando comecei a escrever, o *Baticum* saiu completamente da minha mão. O *Baticum* é que me dominava. Escrevia tudo quanto é fantasia que aparecia na minha cabeça. O papai era o maniáco – eu transferia o acento para ficar uma palavra mais antropofágica – que na mesa mastigava com maxilares de cavalo. O meu pai apareceu na mesa o tempo todo, a minha mãe também. Achar que foi um livro malvado, mas não foi não, foi um livro muito enamorado, enamorado da infância que eu passei lá. Enamorado da casa – porque através do livro eu entrava naquela casa, saía por uma porta, descia a escada e subia. Tudo aquilo era vida. E tudo aquilo era amor. Era como se a casa tivesse virado uma bala dentro da minha boca e eu rolasse ela de todos os jeitos para sentir o sabor.

– VOCÊ TINHA MUITO AFETO POR ELES, NÃO?

– Eu tenho muito afeto por Minas. Eu fico indignada quando estou em Paris e uma pessoa que mora lá, brasileira como eu, só quer falar que é francesa, que o filho dela é francês. “Você é uma pau-de-arara, minha filha”, tenho vontade de dizer. Eu sou é mineira. Com muita honra.

– MESMO TENDO VINDO PARA O RIO VOCÊ CONTINUOU LIGADA A MINAS?

– Quando fui entrevistada pela Marília Gabriela, ela me perguntou qual era a minha relação com as mineiras. Eu sinto como se elas fossem irmãs. Eu gosto muito das mineiras.

– E O PAULO ALBUQUERQUE? VOCÊ FOI MUITO APAIXONADA POR ELE?

275

– Apaixonada não. Fiquei encantada com aquele *affair* que entrava na minha vida. Ele era um homem interessante, engraçado, inteligente. Tinha muitos pontos divergentes de mim. Mas a gente conciliava as coisas e no final deu certo, porque fiquei com ele meio século.

– VOCÊ TEVE MUITAS PAIXÕES NA SUA VIDA?

– Eu tive muitas paixões, mas antigamente você não tinha espaço para ter uma paixão sexual. Paixão era de cabeça. Paixão de cabeça eu tive várias. E achava que já valia a pena ter, porque quando você está apaixonado você se esquece de você. Você tira férias de você. É o grande prazer da paixão e ninguém descobre isso.

## Depoimentos de amigos

“A vida para ela não tinha limites. Era corajosa, nada convencional e chegou aos 80 anos jovem, ativa e com uma vitalidade única. Sonia Lins nunca foi senhora.”  
(*Miguel Lins*)

“Quando fui à última exposição de Sonia, no Rio de Janeiro, uma amiga dela se aproximou e me perguntou: ‘Você é o filho de Lygia Clark?’. ‘Não’, eu respondi. ‘Hoje eu sou o sobrinho da Sonia Lins.’” (*Eduardo Clark*)

276 “Sonia tricotava com as palavras e isto era arte moderna pura, vital. Estar com Sonia era uma forma de aprender sobre a vida e rir da vida também.” (*Beth Salles*)

“O traço mais marcante de sua personalidade era a solidariedade excepcional.” (*Naná Sette Câmara*)

“Ela era profunda e surpreendente, de uma inteligência fora do comum. Era espirituosa sem deixar de ser uma ‘dama da sociedade’ quando fosse necessário.”  
(*Nelly Pereira*)

“Sua inteligência era um assombro. Sonia não era uma mulher comum.” (*Rose Rodrigo Otávio*)

“Ela não fugia de nenhum assunto e tinha sempre uma resposta direta para tudo. Não era uma mulher de debates. Fazia seu comentário inteligente – muitas

vezes engraçado – e não era do estilo boazinha não. Leal sim, boazinha nunca.”

*(Titá Burlamaqui)*

“A menina que nela residia gostava de brincar com as palavras e exercitava a arte de ser arteira reinventando a escrita para narrar, esculpir, pintar e bordar.”

*(Edmundo Mário Carneiro Lins)*

“O que mais me marcou em Sonia foi sua capacidade de pensar na “contra-mão”. Ela tinha uma forma de raciocínio diferente de todas as pessoas que conheci.” *(Antônio D’ávila)*

277

“Sonia era galáctica. Não era da Terra não. Ela nunca reclamou de nada e detestava quem reclamasse.” *(Vera Andrade)*

“Não precisa nem ir ao cinema ou ao teatro. Eu me divertia com as histórias contadas por ela, sempre com graça e humor.” *(Ediala Santiago)*

“O gênio é aquele que capta o que está por vir. Quando vi o trabalho de Sonia percebi sua obra como uma ‘coisa nova’, movida pela decisão de romper.”

*(Heloísa Lustosa)*

“Sonia prezava a liberdade e ela pôde ser livre ao longo da vida para simplesmente viver e apreciar a arte intensamente.” *(Luciano Figueiredo)*



# Sonia sem circunflexo

Cláudia Fares

SONIA SEM CIRCUNFLEXO. Era assim que ela se adiantava: “Olhe, meu nome não tem circunflexo”. Prosaísmo do detalhe que dizia muito do que era: despojada. Quando a conheci, através do Odilon Ladeira, ela já estava completamente integrada à sua essência: algumas roupas dependuradas no *closet*, quatro ou cinco pares de sapatos alinhados, calados, um ao lado do outro, parcimônia de acessórios no território despovoado das prateleiras. Sobre a bancada diante de sua cama, as fotografias, também essenciais: os pais Jair e Ruth nos anos 1930, Chico Lins, Lygia Clark e filhos, Sonia e a prima Laís, Sonia e os que vieram dela e os que a ela se juntaram: Sérgio, Kiko, Vera, Marcos, João Pedro, Paulo Albuquerque: seu Panteão. Dele não constava uma fotografia da Hélia, sua rainha de Sabá, mas a Hélia esteve ali o tempo todo, de corpo e alma, até o minuto final “cuidando da dona Sonia”. Hélia era a depositária das efemérides preciosas: “Você se lembra das corridas que os gansos da fazenda davam nos cachorros?”

Para conhecer a Sonia era indispensável passar pelas efemérides, que lhe forneciam o material onde garimpava o extraordinário sendo este, muitas vezes, colhido à flor d’água na passagem de uma palavra ou de um vulto. Sonia tornou-se mestra do efêmero ao servir-se dele sem nostalgia.

*Baticum* é uma prova irrefutável dessa maestria em trazer do passado o frescor e a luminosidade das coisas acontecendo e não o apego cristalizado ao acontecido.

É preciso dizer que, antes de tudo, Sonia via as coisas. Mais do que escutar, ler, saborear, tatear, Sonia via e tirava de cada coisa o que ninguém via. Via com olhos inocentes, olhos que vêem pela primeira vez sem antepor nenhuma imagem ao visto. Isto lhe permitia transitar livremente por tudo, transgredindo irreverente todo o legitimado por selos de garantia ou palavras consagradoras. Sonia via por si mesma, com uma tal integridade e firmeza, que trazia sensibilidade à razão e razão à sensibilidade.

Isto tudo sem ser boazinha. Sonia era tudo menos boazinha. Justíssima, diga-se de passagem, generosa isto sim, mas jamais boazinha. Por isto seu frescor, o afiado da palavra, a claridade do humor, o pensamento agudo aurido no silêncio de mãos trabalhando. Uma disciplina férrea que lhe permitia a prática do tricô, a minúcia do desenho microscópico e labiríntico, a peregrinação nas vísceras das palavras viradas de cabeça para baixo e transformadas em coisas outras, surpreendentes. Disciplina das mãos a serviço do pensamento. Disciplina com ar de brincadeira. Disciplina de menina esperta que, ao brincar, aprende.

Sonia morreu menina. Brincou até o fim. De tudo. Inclusive de enganar a enfermidade. De enganar a tristeza de ter que se desapegar do mundo. Passamos longas tardes juntas. Era quando ela fazia uma espécie de inventário do que lhe importava, um inventário dos acontecimentos de sua vida que fundaram a construção que fez de si mesma: “É muito bom viver muitos anos – dizia – a gente pode ter uma visão inteira do quanto mudamos sem deixarmos de ser nós mesmos. Tenho a impressão de que, com os anos, fui tirando de minhas costas tudo o que foi posto nelas à minha revelia. Hoje não carrego mais nada dos outros, só de mim mesma. Sinto-me leve.”

Eu a vi chorar pela primeira vez quando me revelou sua doença: “Estou muito triste, mas tenho duas saídas: ou me entrego, ou trabalho. Vamos ao trabalho”. E, assim, pôs em prática o que ficou anotado em sua caderneta de couro (e foi transformado no micro *Livro das dessabedorias*): “me terceirizo para poder fazer arte”.

De seu escritório acompanhou, passo a passo, a montagem da exposição *Brasil passado a sujo*, conversou com todos os profissionais envolvidos, encantou e espantou todos eles. Todo mundo queria ficar conversando com a Sonia, a *lady* irreverente, inteligente, arguta, mistura de vida e arte além da conta, assim como quem não quer nada. Todos os dias havia um caso novo e, quando não era novo, vinha sempre aumentado num ponto desconcertante, sempre visto de uma perspectiva inesperada. Coisa de narradora nata operando a contínua reapresentação do narrado.

A Sonia sem circunflexo só queria brincar, mesmo diante da perspectiva do fim: “está chegando a hora de eu morrer e já estou com saudade de mim”. Na caderneta de couro fez as suas últimas anotações de cabeça para baixo, de trás para frente, concentração de ironia, autoderrisão e saudade do mundo, com a coragem de registrar as últimas impressões que, a meu ver, podem ser resumidas nesta pérola: “Tudo o que perdi acabei ganhando, tudo o que ganhei acabei perdendo.”

Vi a Sonia chorar pela segunda e última vez às vésperas de sua morte, quando seu quarto ficou, de uma hora para outra, inundado de orquídeas enviadas por Sérgio. Pediu-me que lesse e relese os cartões. Um ríctus heróico trancava seus maxilares, seus olhos marejavam uma represa. Fora disso, nenhuma lágrima, nenhuma reclamação. O tempo todo a pertinácia em não deixar o mundo. Ela costumava dizer que cada um tem sua luta e que a dela, naquele momento, era pela vida, que acabou perdendo. Mas que, sem sombra de dúvida, ganhou por ter sido quem foi. Genial.



## Sobre o autor

MARCEL SOUTO MAIOR, nascido em 1966, é jornalista e autor de *As vidas de Chico Xavier* e *Por trás do véu de Ísis*. Trabalhou como repórter nos jornais *Correio Braziliense*, *Estado de S. Paulo* e *Jornal do Brasil*, antes de se transferir para a televisão, onde estreou como editor do programa “Fantástico”. Hoje atua na equipe de criação da TV Globo.

Este livro foi produzido  
para a Casa da Palavra  
na Gráfica Colorset  
em papel Suzano  
em maio de 2006





Sonia Lins foi uma artista da palavra e da imagem. Sua obra, intuitiva e insólita, lírica e irreverente, é retratada aqui em *Se é para brincar eu também gosto*, um projeto audiovisual sobre a vida e a arte de Sonia, que sempre estiveram juntas, inseparáveis, uma alimentando a outra.

A publicação cruza as experiências gráficas e a prosa contundente de Sonia com os principais momentos de sua vida: a infância em Minas Gerais, a convivência com a irmã Lygia Clark, os casamentos, os filhos, os netos, a vida em Paris, a luta para superar perdas e a dedicação às artes desde os primeiros textos autobiográficos até as obras multimídia de seus últimos anos de vida.

Neste livro, o leitor poderá saborear uma experiência de vida em nome da arte e da paixão pela palavra – matéria-prima fundamental para Sonia Lins, que viveu intensamente com o máximo de coragem e liberdade.

Esta edição vem acompanhada de um DVD com entrevistas e documentários sobre o livro de estréia da artista, *Baticum*, e suas exposições *Se é para brincar eu também gosto*, *Zumbigos* e *Brasil passado a sujo*.

O papel e a tinta de Sonia Lins ganham vida nesta homenagem de Marcel Souto Maior à artista. São retratos de uma obra intensa, uma lição para todos os que buscam novos caminhos e sentidos para a vida e a criação.

“Meu nome é nomenclatura/ Ninguém me apura/ Ninguém me atura/  
Ninguém me segura.”

Sonia Lins

